

LAB AUTORES

JOINVILLE

Colecionando histórias 02

Helena Portes Sava de Farias
Organizadora



epitacia
Editora



LAB
AUTORES

JOINVILLE

Colecionando histórias 02

Helena Portes Sava de Farias
Organizadora

1ª Edição



Joinville - SC
2025

Copyright © 2025 Epitaya Editora. Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra poderá ser utilizada indevidamente, sem estar de acordo com a Lei nº 9.610/98.
Se correções forem encontradas, serão de exclusiva responsabilidade de seus organizadores/autores.

Editor: Bruno Matos de Farias

Assessoria Editorial: Helena Portes Sava de Farias

Marketing/ Design: Equipe MKT

Diagramação/ Capa: Bruno Matos de Farias

Revisão: Autor

Fotografia: Matheus Maciel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(eDOC BRASIL, Belo Horizonte, MG, Brasil)

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

F224I Farias, Helena Portes Sava de.

Lab autores Joinville: colecionando histórias 02 / Helena Portes Sava de Farias. – 1. ed. – Joinville, SC : Epitaya, 2025.

184 p. ; 14 x 21 cm.

ISBN 978-65-5132-016-3

1. Literatura brasileira – Crônicas. I. Título.

CDD B869.3



Epitaya Propriedade Intelectual Editora Ltda
Rio de Janeiro/RJ | Joinville/SC - Tel: +55 21 98141-1708
contato@epitaya.com.br
<http://www.epitaya.com>

O projeto cultural

O Laboratório de Autores de Joinville nasceu do desejo de oferecer um espaço de criação, escuta e formação para escritores da cidade — um território fértil onde sonhos, ideias e palavras pudessem florescer. Idealizado para unir pessoas com o mesmo amor pela literatura, o projeto tem como propósito formar, inspirar e lançar novos autores, fortalecendo o cenário literário local e promovendo o acesso democrático à produção cultural.

Nesta segunda edição, realizada com fomento da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura, reafirmamos o compromisso com a valorização das vozes joinvilenses e com o incentivo à escrita como instrumento de transformação pessoal e social.

O projeto alcançou 52 inscrições, um número que demonstra a força e o interesse da comunidade pela literatura e pela escrita autoral. Dentre esses participantes, 28 autores foram selecionados para compor esta coletânea — pessoas que, com coragem e sensibilidade, aceitaram o desafio de transformar suas experiências, memórias e sonhos em palavras que tocam e inspiram.

Os encontros aconteceram nos meses de setembro e outubro de 2025, na acolhedora Biblioteca Pública Municipal Prefeito Rolf Colin, espaço que se tornou o coração pulsante desta iniciativa. Ao todo, foram oito encontros, cuidadosamente planejados para conduzir os autores em uma verdadeira jornada de descoberta e criação.

O primeiro encontro foi dedicado à apresentação dos participantes, seus sonhos, trajetórias e histórias de vida — o ponto de partida de toda narrativa autêntica.

Os seis encontros seguintes compuseram o workshop de escrita criativa, estruturado com base na metodologia da Jornada do Herói, que guiou os autores na construção de personagens, conflitos, reviravoltas e desfechos, sempre com olhar atento para a emoção e a verdade de cada história.

O último encontro foi reservado a um momento de celebração e identidade: a sessão fotográfica profissional, que eternizou não apenas rostos, mas também conquistas, marcando o encerramento de um ciclo de aprendizado, confiança e realização.

Como reconhecimento ao impacto do projeto, fomos agraciados com o convite para participar do Podcast “Papo no Auge”, no quadro “No Auge das Letras”, conduzido por Saulo, em uma gravação especial realizada em novembro de 2025, na Livraria O Sebo, em Joinville. Esse momento representou não apenas o alcance do projeto, mas também o reconhecimento do talento e da dedicação de cada autor participante.

O Laboratório de Autores de Joinville é, acima de tudo, uma experiência de comunidade. Um encontro entre vidas e palavras, onde cada escritor aprendeu a reconhecer a própria voz e a compreender que escrever é também um ato de partilhar o que somos. Este livro é o resultado dessa travessia — o registro vivo de um processo coletivo de aprendizagem, coragem e amor pela literatura.

Agradecimento

O livro Lab Autores Joinville: Colecionando Histórias 02 é mais do que uma coletânea literária. É o registro sensível de vozes que se descobrem, se curam e se fortalecem através da escrita.

Nesta segunda edição do Laboratório de Autores de Joinville, o projeto reafirma sua missão de formar e lançar novos autores da cidade, oferecendo um espaço de escuta, aprendizado e expressão para quem encontra na palavra o caminho da transformação.

As 28 histórias reunidas neste volume percorrem diferentes territórios da alma: narrativas de luta e superação, cura e fé, drama e esperança, romance e recomeço, suspense e reflexão. São textos que revelam o pulsar da vida em Joinville. Histórias de pessoas comuns que encontraram, na literatura, o extraordinário poder de recomeçar e inspirar.

O Laboratório de Autores é uma iniciativa que acredita na força da comunidade, na potência da partilha e na escrita como exercício de pertencimento. Cada autora e autor que passou por este processo viveu uma jornada de criação e autoconhecimento, tecendo laços que ultrapassam as páginas e fortalecem a identidade cultural joinvilense.

A realização deste projeto só foi possível graças ao fomento da Política Nacional Aldir Blanc (PNAB), que investe na valorização da cultura em todo o país.

Nosso agradecimento especial ao Ministério da Cultura, à Prefeitura de Joinville, por meio da Secretaria de Educação, pelo apoio e incentivo às iniciativas literárias locais.

Estendemos nossa gratidão à Biblioteca Pública Municipal Prefeito Rolf Colin, na pessoa de sua diretora Celestre Silva, pela parceria, acolhimento e carinho com que recebeu as atividades do projeto.

Agradecemos também a toda a equipe envolvida, autores, colaboradores e parceiros que contribuíram para transformar encontros em páginas e sonhos em livros.

E, com profunda emoção, registro meu agradecimento especial aos autores participantes, que confiaram seus sonhos em minhas mãos, permitindo-me conduzi-los na escrita e na publicação de suas histórias. Cada texto aqui presente é um gesto de coragem e entrega, um testemunho do poder que a palavra tem de curar, unir e transformar.

Helena Portes Sava de Farias
Criadora do Laboratório de Autores de Joinville

Sumário

Flor que sangra e não morre	10
<i>Ana Luiza Breia</i>	
Indentidade restaurada	16
<i>Ana Paula Castro</i>	
Marketing vai à terapia	22
<i>Aryane Kautnick</i>	
Intermezzo	30
<i>Carla Gattoni Saukas</i>	
Joinville, o lugar da benção	36
<i>Cris Breves</i>	
Tudo passa: só quem tem raízes suporta o processo	40
<i>Danieli Paulini</i>	
Ser diferente é ser especial	46
<i>Dirlei Carvalho</i>	
A fé no um por cento	52
<i>Estefania Silveira</i>	

A menina e seus sonhos	58
<i>Fátima Regina dos Rezes Carvalho</i>	
Reflexões de um tempo (não) tão longínguo	62
<i>G. F. Silva Degang</i>	
Gael, um garoto de Cafarnaum	66
<i>Gilson Estevão</i>	
Criando asas para voar.....	80
<i>Isabeli Cristine Dallagnolo</i>	
Essa tal história sobre escrever e pertencer	86
<i>Isane Peixer</i>	
Infância arteira	90
<i>Jane Kunz</i>	
Des Encontros de um ser em busca de si mesmo	98
<i>José Nascimento</i>	
O dia em que me tornei mãe ser ter parido um filho	106
<i>Josie da Rosa Pretto</i>	
Um destino para o guardião	114
<i>Juliana Moser</i>	
Um mundo estranho	120
<i>Karen Elisabeth Jung Bennack</i>	
A última caminhada de um velho sapato	124
<i>Marcelo Hagemann dos Santos</i>	
O último capítulo	130
<i>Nadi JK</i>	

Republicanos no sertão do Itapocu	134
<i>Remy Corrêa de Andrade Júnior</i>	
Continue: se ainda respiro, então posso lutar	144
<i>Rô Pedroso</i>	
O chamado da escuta	150
<i>Sabrina Rohleider Stertz</i>	
Uma mãe atípica em busca de si mesma	154
<i>Simone Budal</i>	
Quando a dor vira missão	158
<i>Suelene Cristina Donel da Silva</i>	
A arte de vender uma casa: o segredo é o preparo	168
<i>Tânia Breves</i>	
O garoto do ônibus	172
<i>Thyerry Luiz Gums</i>	
Onde a cobra bebe água	178
<i>Yasmin Oliveira</i>	

FLOR QUE SANGRA E NÃO MORRE

POEMAS DE UMA FLOR QUE ATÉ PODE SANGRAR,
MAIS MORRER JAMAIS



ANA LUIZA BREIA

Este livro não é um conto de fadas. É a lembrança crua de uma infância marcada por bisturis, silêncios forçados e dores que não cabiam em um corpo pequeno. Entre quartos escuros, cicatrizes de cirurgias e a violência escondida nos gestos de quem deveria proteger, aprendi cedo demais que crescer nem sempre é brincar.

Houve abuso.

Houve medo.

Houve choro que ninguém quis ouvir.

Mas também houve luta. Houve sobrevivência. Houve uma voz que nasceu das feridas e fez poesia!

Cada página é um corte antigo que decidi reabrir — não para sangrar de novo, mas para mostrar que, mesmo quando tentam calar, a palavra pode salvar. Este livro é sobre ser criança quando o mundo insiste em roubar a infância, e ainda assim, resistir.

Minha Infância...

A gente nasce, a mãe quase some,
entre vida e morte, luta pelo nome.

No parto, o medo fez morada
mas a esperança não estava calada.

Nasci com marca, lábio partido,
um traço de dor, mas também de sentido.
Dizem que é fácil, mas não é não,
um bebê tão frágil, chorando de fome,
sem leite no peito, sem nutrição.

Horas e horas, o choro ecoava,
a boca pedia, o corpo implorava.
Cresci cercado de bisturi e luz,
oito cirurgias, cicatriz que conduz.

Comida sólida, sonho distante,
virava líquido, era tudo constante.
Água com sabor — doce, salgado,
era banquete de um ser limitado.

Mas entre as dores, a luta insiste,
da infância dura, nasce o artista.
Cada corte, cada ponto, cada ferida,
me fez poeta, e amante da vida.

Garotos passados...

Você era amigo
Mas na verdade era um falso
Caí em seu ato
Atuou tão bem, mesmo sem palco
Sua máscara caiu no asfalto

A gente era tão jovem
Tantas promessas também
Mas o tempo mostrou
Que você não vale cem

Pensei que era amizade
Você parecia um garoto
Mas era só falsidade
Disfarçada no seu rosto

Me chamou no canto
Fui tão burra na hora
Me forçou e deu selinho
Sem minha vontade, sem demora

Um livro fez você vibrar
Se perdeu na emoção
Na euforia, veio me beijar
Mas só tinha imaturidade na ação,
Mas era só uma criança então!

Cicatrizes de Giz...

A infância nem sempre é leve.
Choros em silêncio,
palavras não ditas.
“Ela é chata” ecoava,
ferindo a pequena.
Professores empurravam,
castigos na sombra,
um quarto escuro,
medo sem nome.
No coração,
a infância era peso,
escondida nos olhos marejados.

Cortes na Infância...

Cirurgias.
 A criança teve que enfrentar.
 Salas frias, bisturi,
 luz branca ferindo os olhos.
 Oito vezes, nove cortes,
 suturas,
 corpo exposto,
 braços e pernas amarrados.
 O medo costurado à pele,
 a dor guardada no silêncio.

O Carimbo Vermelho...

De um dia pro outro,
 você dorme criança,
 acorda moça —
 uma gosma vermelha,
 carimbo da adolescência.
 Doze anos,
 Pais saindo para votar,
 batalhas silenciosas
 Com hormônios, espelho e pele.
 O corpo grita: “cresça.”
 A alma sussurra: “espera.”

O Mundo Virtual...

Doze anos.
 Um celular nas mãos,
 um portal aberto.
 Jogos online,
 amizades que pareciam reais.

Um garoto doce,
 voz grossa,
 três anos mais velho
 era o que dizia.

E então a bomba explode:
 não era um garoto.
 Era um velho,
 escondido atrás da tela,

que abusou,
mesmo sem encostar.

O abuso abriu as portas!
Confusão sobre meu gênero.
Ele pegou meu ponto fraco: a falta de paternidade!
Amigos... Antes, meu pai era grosseiro,
Sem muita atenção, as feridas provocaram mais ação!
Agora, aumentou nossa união.

A Cura do Óculos...

Usar óculos cansava —
peso no rosto, chuva, cuidado pra não quebrar.
Com dez anos,
você não imaginava o que Deus faria.
Era uma vigília simples,
céu aberto, vento leve,
Gente orando, presença no ar.
Deitada, acorda assustada:
Mãe... eu não tô enxergando nada.
Ela limpa as lentes, te olha e você sorri:
Mãe... eu tô enxergando tudo!
Ela chora:
Minha filha foi curada!
E ali, diante de todos,
você vê um anjo,
o céu se abrindo,
Experiência espiritual linda,
e o mundo, enfim, nítido!

A Ansiedade e o Medo...

alegria de ir à escola
se perdeu no caminho.
Amigos? Não tinha.
Trabalho em grupo
Virou guerra.

“Eu consigo sozinha”
ecoava dentro de mim,
mas o medo dos garotos
crescia como sombra.

Ódio mortal,
palavras ecoando,
falta de ar,
respiração rápida,
coração acelerado.

Jovem e ensino médio...

Tudo parece leve.
Ao redor, ninguém teme,
o mundo é só ar e riso.
O sol toca a pele,
o vento dança nos cabelos,
o coração respira devagar
tudo que doía
parece distante.
Garotos mais velhos encantam,
você vira tia voluntária de criança.
Provas dificeis, sim,
mas a vida tem outro sabor.
Você torna tudo leve,
como aprender jogar vôlei num grupo novo,
uma igreja nova,
um começo novo,
Tudo novo!!!

Dedicatória...

A quem me fez ser, mesmo na dor. Aos que me empurraram, sem querer, para dentro da poesia. Aos que passam ou passaram por situações iguais às que passei e sei que este livro vai ajudar.

Ana Luiza nasceu em 2008, em Joinville-SC. Desde cedo, aprendeu a observar o mundo com olhos curiosos aqueles que veem poesia até nas pequenas dores e nos silêncios dos dias comuns. Estudante do ensino médio e do curso técnico em TI, vive entre códigos e cadernos. Foi no papel que encontrou abrigo. A escrita surgiu como refúgio, mas virou também ponte: uma forma de transformar experiências dificeis em arte, e sentimentos em palavras que tocam. Participou do Laboratório de Autores Joinvilenses, onde publicou seu primeiro livro de poesia — uma coletânea que reflete sobre infância, fé, superação e coragem. Hoje, Ana Luiza segue escrevendo e crescendo, aprendendo que a vida é feita de recomeços e que a literatura é sua maneira de respirar mais fundo.



Identidade RESTAURADA



Ana Paula Castro

Caro leitor, aqui quem vos fala é Ana Paula. Tenho vinte e nove anos e quero contar um pouco do que Deus fez na minha vida. Quero mostrar como o amor Dele me achou quando eu já não sabia mais quem eu era. Durante minha trajetória, percorri muitos caminhos em busca de descobertas. Tentando me encontrar, acabei me perdendo. Busquei minha vocação em lugares que, por um tempo, pareciam certos, e foram bons em alguns aspectos, mas, no fundo, eu sabia que havia algo faltando.

Sabe quando você se sente perdido, desejando muito, mas vivendo no raso? Eu estava ali. Numa estrada longa e silenciosa, cercada por árvores cinzas e sem vida. Quase não havia luz. Na corrida pela descoberta, parei novamente. Mas, dessa vez, não me perdi no caminho e me perdi dentro de mim.

Foi aí que lembrei da parábola da dracma perdida: a moeda que, quando perdida, faz a mulher acender a luz, varrer a casa e procurar até encontrá-la. Percebi que, assim como aquela dracma, eu também tinha algo de valor que precisava ser encontrado: minha identidade, minha essência, aquilo que me faz única. E se eu não me desse a chance de me buscar de verdade, se não acendesse a luz dentro de mim, jamais encontraria a vida plena que Deus planejou.

Eu sabia o que queria, mas não conseguia me mover. Sentia, lá no fundo, que algo estava errado. Foi quando decidi silenciar meus pensamentos e acalmar minha alma. E nesse silêncio, entendi: eu estava tentando acelerar um processo que exigia pausas. Pausas necessárias. A dor de não saber o que fazer, nem qual caminho seguir, nascia da pressa em querer que tudo acontecesse no meu tempo. Mas a vida e Deus não funcionam assim. Entender isso levou tempo. E, nesse tempo, aprendi que o silêncio também fala.

Durante muito tempo, me perguntei: **QUEM SOU EU?** Procurava respostas em outros rostos, tentava me encaixar em padrões alheios, imitava gestos, posturas e modos de viver, acreditando que assim preencheria o vazio que sentia. Mas percebi que tudo o que eu buscava já estava guardado no mais profundo de mim.

A sociedade me envolvia em rótulos e expectativas, até que cheguei ao ponto em que não me reconhecia mais. Esforcei-me para agradar, para exibir uma beleza que chamassem a atenção de alguém, como se a aprovação externa pudesse sustentar minha alma. Mas, com o tempo, esse esforço se tornou pesado, e a exaustão me alcançou. Percebi que a vaidade e a exposição não revelam a verdadeira beleza aquela que floresce no interior e, aos

poucos, comecei a acreditar na mentira de que não havia amor suficiente para mim.

Minhas feridas e mágoas acumuladas me fizeram deixar de cuidar de mim mesma. Recolhi-me para dentro, criando uma bolha que me impedia de acessar minhas emoções e pensamentos. Até aqueles que mais amava, muitas vezes, não conheciam quem eu realmente era. Busquei consolo em caminhos errados e amores ilusórios, acreditando que assim encontraria o afeto que faltava. Mas aprendi que essa era uma armadilha da mente: um engano que conduz à morte emocional e espiritual.

Na solidão da noite, minhas lágrimas lavavam as feridas que escondia do mundo. Ao amanhecer, eu vestia o sorriso como disfarce, ocultando a dor que corria por dentro. Havia um desejo profundo de desaparecer, de me isolar, como se o afastamento pudesse aliviar. Até os amigos que restavam nem sempre eram amigos de verdade. Com o tempo, minha identidade parecia se esvair. Surgiram confusões profundas sobre minha própria essência, e travava batalhas intensas entre minha alma e meu espírito.

No ano de 2022 houve uma virada de chave em minha vida. Era uma segunda-feira, 31 de janeiro, eu estava em casa com meu irmão. Deitada em minha cama, sem vontade de me levantar, sem forças e sem ânimo. Escutei meu irmão ao telefone com meu pai, e ele perguntava se eu ainda estava deitada. “Sim”, ele respondeu.

Pouco depois, meu irmão falou da sala:

— Mana, vou por um filme pra gente assistir.

Respondi com voz fraca:

— Está bem. Me avise quando colocar.

Mas, nesse meio tempo, um pensamento sombrio se transformou em desejo. Levantei-me e fui até o banheiro. Sentei no chão, chorando. Meu quarto era uma suíte, então ele não fazia ideia do que eu estava prestes a fazer. Abri a porta do guarda-roupa onde guardava meus calçados, peguei um tênis e retirei o cadarço. Havia, à minha frente, um recipiente com cloro. Pensei em beber, mas não tive coragem.

Durante aqueles minutos, entre o pranto e o desespero, ouvi uma voz:

“Nem isso você é capaz.”

Aquela frase cortou meu peito como uma lâmina.

Chorei mais uma vez. E ali, antes do colapso, desisti.

Enxuguei as lágrimas, lavei o rosto e vesti a máscara do “está tudo bem”.

Ao anoitecer, fui à igreja.

Lá, encontrei uma amiga. Ela olhou fundo em meus olhos e perguntou:

— Você está bem?

— Estou sim, respondi.

Ela insistiu, com o olhar firme:

— Você está bem mesmo?

E foi ali, naquele olhar, que a máscara caiu.

As palavras saíram trêmulas, e eu expus tudo o que sentia, o que havia tentado, o quanto doía estar viva.

Foi o início da restauração.

E aqui preciso abrir meu coração: segundo dados da World Health Organization, mais de 720.000 pessoas morrem por suicídio todos os anos. Quando descobri esse número, meu coração estremeceu. Porque percebi que, muitas vezes, não é a vida que elas querem abandonar mas sim a dor que já não sabem como suportar. Eu mesma estive no lugar de sentir essa dor esmagadora e sei como é se perguntar se há saída.

Foi nesse momento de vulnerabilidade que percebi algo fundamental: minha identidade só começou a se restaurar quando decidi sair do lugar em que me coloquei. Eu precisava pedir ajuda, e não a qualquer ajuda, mas a pessoas que tinham uma vida firmada em Cristo. Porque percebi que não adianta buscar suporte em pessoas ou lugares que, por um momento, parecem fazer bem, mas que não nos conduzem à transformação verdadeira. Se voltamos sempre às mesmas fontes vazias, acabamos retornando à estaca zero.

Foi nesse passo de humildade e coragem que Deus começou a operar minha restauração. Cada conversa, cada conselho, cada oração compartilhada com aqueles que estavam firmes Nele me mostrou um caminho de luz e consistência. A partir desse ponto, minha identidade deixou de ser fragmentos dispersos e começou a se unir, fortalecida não apenas pelo que Deus faz em mim, mas também pelo que Ele manifesta através de pessoas que vivem Nele.

E então percebi algo ainda maior:

“Deste aos meus dias o comprimento de palmos; a duração da minha vida é nada diante de ti. De fato, o homem não passa de um sopro.”
(Salmos 39.5)

Quando a vida escorria diante dos meus olhos como areia entre os dedos, comecei a enxergar o quanto tudo era passageiro. Corri atrás de

legados terrenos, conquistas visíveis e heranças que se dissipam ao vento, mas percebi que, ao final, nada levamos senão nossa alma e o eco do que fomos.

Se minha existência não se ancorasse em algo que transcende o visível, em algo eterno, tudo perderia o sentido. Viver apenas por status, aplausos ou posições seria viver de forma vazia. Então me perguntei: ao olhar para dentro de mim, o que tenho edificado que resista ao tempo? O que busquei que faça minha passagem por esta terra valer a eternidade?

Percebi que minha busca diária muitas vezes se inclinava não para o que nutria minha alma, mas para o que apenas massageava meu ego. Buscava palavras suaves que me confortassem, e não verdades que me confrontassem. A Palavra de Deus, fonte inesgotável de vida e direção, foi deixada de lado por tanto tempo, enquanto eu tentava viver segundo meus próprios critérios.

Mas ao olhar para meu passado, minhas escolhas, caminhos trilhados, oportunidades desperdiçadas, relações negligenciadas percebi: o que realmente se transformou dentro de mim? O que eu carrego como herança do que já fui? E o que deixo para trás, que não serve mais para a nova jornada à frente?

E foi aí que encontrei a resposta em Deus. Minha identidade está registrada em Salmo 139, onde Davi declara:

“Senhor, Tu me sondas e me conheces... Tu criaste o íntimo do meu ser e me teceste no ventre da minha mãe. Eu Te louvo por me teres feito de modo tão admirável.”

Ao reconhecer que sou obra das mãos de Deus, entendi que minha vida, ainda que breve como um sopro, tem valor eterno. Cada respiro é propósito. Cada passo é chance de recomeço.

Hoje sei que nunca posso abandonar alguém, mesmo diante da dor mais intensa. Aprendi que um sorriso nem sempre revela a alma; muitas vezes, é a última barreira antes do colapso. Olho ao redor e percebo quantos jovens e adultos têm desistido, esquecendo quem são e a quem pertencem.

Escolhi ser presença. Escolhi abraçar. Escolhi dizer que amo. Escolhi ser um canal de vida, de luz, de esperança, para aqueles que cruzam meu caminho. Porque um dia, alguém estendeu a mão para me erguer do pó e agora é minha vez.

Minha vida, ainda que breve como um sopro, não é insignificante. Cada respiro carrega propósito. Cada passo, a chance de recomeço. Minha identidade, restaurada por Deus e fortalecida por aqueles que caminham

firmes Nele, é minha âncora, meu farol, minha verdade.

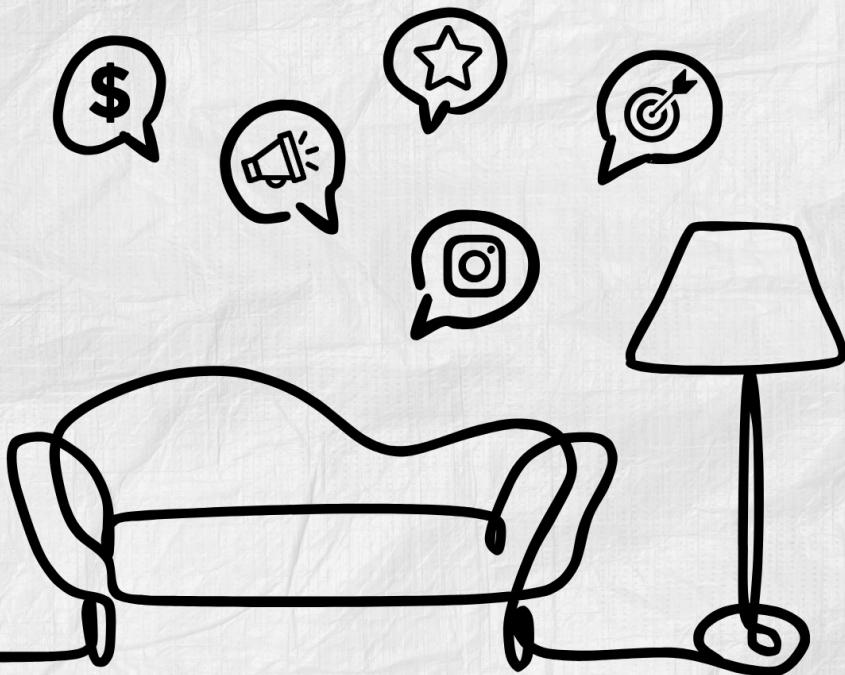
Que cada pessoa que ler estas páginas lembre: há sempre um caminho de volta à vida, à esperança e à identidade que Deus plantou em nós desde o ventre de nossa mãe. Mesmo nos dias sombrios, mesmo quando parece que tudo está perdido, a luz pode ser acesa basta buscá-la com coragem, fé e coração aberto.

Me chamo Ana Paula. Sou massoterapeuta e, atualmente, trabalho em uma empresa de seguros. Encontrei na escrita um lugar seguro para expressar aquilo que muitas vezes eu não conseguia dizer. Com o tempo, percebi que minhas palavras carregavam mais do que sentimentos — carregavam testemunho. Hoje, escrevo para revelar o que Deus pode fazer até mesmo com histórias que pareciam não ter mais saída. O dom que Ele aperfeiçoou em mim agora é vivido para a Sua glória: mãos que cuidam, palavras que restauram e uma vida que testemunha recomeço.



MARKETING VAI À TERAPIA

O que aconteceria se o marketing tivesse uma **crise existencial?**



ARYANE KAUTNICK

— Se minha vida fosse uma campanha, o título com certeza seria: “Lançamento Fracassado”.

Entrei no consultório já desabafando, me joguei no sofá como quem cai em comercial de colchão — e olha, que sofá maravilhoso, dava até vontade de cancelar a sessão só pra tirar um cochilo ali. Enquanto isso, meu celular não parava de apitar. Eu juro que às vezes queria responder: “Já entendi que chegaram novas mensagens! Calma aí, WhatsApp, não sou um robô”.

Que vergonha... dizem que a primeira impressão é a que fica — eu bem sei disso —, mas tô aqui fazendo cena. Respirei fundo como se já tivesse esquecido o que é isso, enquanto meu corpo se encaixava no sofá de veludo que parecia me abraçar como um cobertor quentinho. Olhei para doutora e com um sorriso torto, disse:

— Desculpa, doutora, eu não sou assim... Boa tarde, como vai a senhora?

— Olá, pode ficar à vontade! Aceita um chá também? — cumprimentou ela enquanto colocava água quente em sua xícara que estava escrito “Menos Caos, Mais Clareza”. Eu com certeza precisava disso!

Na minha frente, uma mesinha de centro com uma caixa de lenços estrategicamente posicionada parecia até parte de um “kit boas-vindas emocional”. Uau! Como essa psicóloga estava preparada: já sabia o que estava por vir! Aposto que garante fácil nota 10 no NPS. Aquilo era bom e até que um chá não parecia uma má ideia...

— Claro, aceito sim, por favor — respondi.

Enquanto ela preparava o chá, o aroma de camomila surgiu no ar e se juntou em uma harmonia perfeita ao suave cheiro de lavanda que já estava no ambiente. Um completo cenário ideal: cada coisa no lugar certo e em sincronia, como se eu estivesse em uma experiência imersiva dentro de um catálogo do Pinterest. Doeu na alma... porque eu, que vivo tentando deixar tudo lindo para as marcas, ando me sentindo um verdadeiro caos ambulante.

— E então, o que te trouxe até aqui? - perguntou a doutora.

Ela me entregou uma das xícaras de chá que tinha nas mãos e sentou-se em uma poltrona à minha frente. Com óculos e seu bloco de notas à postos, senti que era hora de eu começar a falar:

— Bem... tem tanta gente falando tanta coisa ao mesmo tempo. É ruído pra todo lado e no fundo não sei se de fato alguém me entende. É grito na feira, é placa na rua, é jingle no rádio, é cartaz na vitrine, anúncio pra cá, algoritmo pra lá... Sem contar nas dancinhas pra chamar atenção! No meio de tanto barulho, às vezes sinto que ninguém realmente me ouve,

muito menos me entende. Eu sei que já carreguei carro de som nas costas, já pintei muro, já me pendurei em outdoor... mas me resumir à isso é pior que ser panfleto voando sozinho na calçada. E, sim, já passei por essa experiência!

Ela sorriu de canto, como quem já ouviu cada loucura nesse consultório, e disse:

— Como você se sente em relação à isso?

— Como eu me sinto? Como um iceberg! Um enooooorme iceberg que as pessoas só enxergam a ponta. Falam de mim como se realmente me conhecessem, mas vivem me rotulando e nunca me enxergam por inteiro. Uma hora é digital, outra é tradicional, online, offline... eu tô pior que colcha de retalhos! — tomei um gole do chá, que por sinal estava uma delícia, e continuei: — Sem contar que não me veem como um todo e todo mundo acha que sabe fazer, daí sai um post no Instagram falando uma coisa, um flyer mal distribuído falando outra... e, no fim, gastam tempo e dinheiro com ações totalmente desconexas. Depois o resultado não vem e adivinha de quem é a culpa? — sem dar tempo de a doutora responder, emendei: — Minha!

— Entendo... parece que o problema não é o que você faz, mas a forma como te recortam em pedaços, sem enxergar o todo. Muitas pessoas passam por situações parecidas, mas cada uma tem a sua forma única de lidar — apontou ela com uma calma que eu tenho certeza que veio junto com o seu diploma.

— A verdade, doutora, é que ninguém percebe que eu não sou um post bonitinho perdido no feed, eu sou o fio que costura mensagem, emoção e propósito por trás. Não sou um jingle grudado na cabeça, sou a lembrança que fica por anos. Eu não sou o produto descartável, eu sou a transformação que ele gera, mesmo que às vezes pareça aquelas propagandas de antes e depois que ninguém acredita, sabe? Eu sou o cérebro por trás do quebra-cabeça que junta as peças com cuidado e coloca cada uma no seu lugar para formar a imagem final. Mas parece que gostam de perder tempo encaixando peças aleatórias... Depois me olham torto quando a imagem final parece um quadro moderno que ninguém entendeu e ainda vêm me perguntar: *"por que não deu certo?"*.

A psicóloga considerou por um breve momento a quantidade de informação que recebia, antes de me perguntar:

— Quer me contar um pouco mais sobre isso?

Respirei mais fundo que navio naufragado e continuei:

— Às vezes me sinto como um malabarista de circo equilibrando pratinhos invisíveis enquanto todo mundo acha que é só chegar lá e fazer, como se desse pra tirar de letra. Tenho que entender o consumidor, a

empresa, a cultura, a geração, as tendências... até o algoritmo que muda de humor toda hora! E, no final, o título que eu ganho é sempre o mesmo: “gasto da empresa”. Doutora, se eu realmente fosse isso, já teria acionado a garantia e pedido reembolso de mim faz tempo!

— Você sabe que não precisa dar conta de tudo, não é?

— O problema não é a quantidade de responsabilidades, não! Até acho legal, porque sinto que sou tipo Bombril: 1001 utilidades! Acredite, eu amo o que faço e amo quem eu sou! Convenhamos: eu sou uma das coisas mais divertidas que existem. Eu invento, eu crio, eu puxo assunto com todo mundo, eu até entendo de dor melhor que aspirina... e, de quebra, eu ainda consigo transformar a profissão mais careta em algo que dá vontade de comprar!

E olha que não são poucas as experiências que eu tive, viu? Esses tempos precisei ajudar um advogado — ah, se tem profissão difícil de deixar simpática é essa! Os materiais não podiam “vender” nada, tudo precisava ser “meramente educativo” sem promover nenhum serviço. Precisei colocar os *Divertida Mente* para trabalhar e construir uma forma para torná-lo mais conhecido. Era hora de trabalhar o reforço da marca! No fim, saiu uma estratégia: eventos, parcerias, entrevistas, linguagem acessível sem perder a formalidade... tudo isso sem contar ainda nas horas que passei convencendo o homem a gravar um *reel* ou outro — coisa que ele só topou depois de dez fugas estratégicas, três suspiros bem dramáticos e um café tão forte que quase virou prova de processo.

— Não estou querendo me gabar, mas é uma delícia fazer essas coisas! O que me cansa é quando olham só um pedacinho de mim e já julgam o pacote inteiro. É tipo a sensação de ganhar um brinde que quebra na primeira vez que você vai usar, sabe? — falei — A verdade é que minha cabeça frita (e muito!) para que todas as ações tenham propósito, para que nada seja em vão e tudo faça sentido com os objetivos da empresa, com o que a marca representa e com o que o público deseja. Não faz sentido eu chegar e dizer simplesmente “*distribui uns flyers na rua ai*” se o negócio da pessoa é totalmente online. Não é só porque dá pra fazer de tudo, que realmente faz sentido fazer de tudo, sabe?

Já vi muito psicólogo quieto, mas nunca sem palavras... a doutora considerou por um tempo, com quem nunca tinha pensado no assunto e, por fim, anotou algo em seu bloco de notas antes de me perguntar:

— Por que você acha que isso acontece?

— Na verdade, doutora, esperava que a senhora me desse essa resposta — dei um sorriso amarelo na esperança de ser socorrido.

Então minha ficha caiu:

— Se bem que... agora me ouvindo falar, estou chegando à con-

clusão de que praticamente me reduzem a descontos e propagandas como quem diz “*faz uma campanha aí, coloca 50% OFF bem chamativo*”. Eu realmente tenho cara de que está aqui só pra desovar estoque parado pegan- do poeira na prateleira?

Percebi que não é pouco o que andei escutando...

“*Coloca um cartaz de liquidação, para a gente aumentar as vendas*”.

“*Inventa um slogan criativo que vende*”.

“*Não vou gastar com isso, é só tirar foto do produto e postar no Instagram*”.

“*Pinta a fachada mais chamativa e tá feito*”.

Será que as pessoas estão míopes? Focam tanto no próprio umbigo que esquecem de cuidar do resto do corpo! Priorizam seus produtos e serviços ignorando todo o resto sem perceber que vão nadar, nadar e morrer na praia. Ficam com uma visão mais fechada que cavalo usando antolhos e não abraçam as mudanças do mercado ou mesmo as necessidades e desejos dos clientes.

Esse povo mal sabe que divulgar não é vender e que vender não é fidelizar cliente. Muita gente acha que só porque fez um post ou ofereceu desconto já cumpriu o trabalho. Estratégia de verdade é outra história: ela tem visão panorâmica, entende o todo e tem sempre uma carta na manga para alavancar o negócio. E mais: ela precisa de emoção de ponta a ponta porque, sem conexão, ninguém lembra de você, ninguém volta, ninguém se apega, ninguém indica. Se as marcas realmente acreditam que seus produtos e serviços transformam a vida das pessoas, como vão provar isso se só se preocupam com o lucro? Verdade seja dita: cada ação, cada mensagem, cada gesto importa e quando focam só em uma parte, o resto do jogo fica vazio e desconexo.

Os pensamentos estavam a mil, mais soltos e agitados do que ideias surgindo em reunião de brainstorming. Mesmo assim, voltei a falar:

— Doutora, você não tem ideia das pérolas que eu escuto! Outro dia mesmo soltaram um: “*Ah, é só servir um cafézinho que a experiência do cliente tá garantida!*”. As pessoas usam os recursos no grito, chutando pra todo lado na esperança de fazer gol e quando dá errado quem acaba com a imagem manchada sou eu! Tenho até dó das minhas relações públicas... E, sim, eu entendo que quase todo mundo ama um cafézinho, mas se o serviço for meia boca e o atendimento zero humanizado, não é um café premiado que vai prender o cliente à uma marca, né? Aqui entre nós: os clientes tem mais é que fugir disso mesmo! — dei mais um gole no meu chá antes de continuar: — Acredito que, no fim, o suprassumo seria acabar com esse comodismo de ver apenas o superficial e parar de achar que “um detalhe

aleatório” resolve o todo. Seria pedir muito?

— Você tocou em um ponto importante... A zona de conforto é algo natural e que as pessoas sempre buscam, ainda que nem sempre seja algo positivo — ponderou a psicóloga enquanto olhava suas anotações. Depois, com um sorriso amigável, perguntou: — Como você sente que poderia fazer as pessoas te conhecerem melhor?

— Acho que tá faltando eu andar por aí com uma camiseta escrito “Oi, sou mais que um post no feed, prazer!” — soltei uma gargalhada imaginando a cena. Fico pensando na cara das pessoas tentando entender o que está por trás desse rostinho bonito que tanto gostam de julgar — É duro ver que as pessoas estão ficando mal acostumadas com o superficial, olham uma vírgula no meio do texto e acreditam que já conhecem a história por inteiro. O Daniel Kahneman é quem estava certo quando falou que “tudo o que você sabe é o que acredita”.

Lembrei da vez em que me encontrei com o economista e ele me contou sobre a tal da **heurística da disponibilidade**... Sabe, aquela coisa em que as pessoas julgam qualquer coisa pelo que conseguem lembrar mais fácil, mesmo que seja só a ponta do iceberg da realidade? Quando só lembram dos macetes “compre 3, pague 2”, noto que parece que eu sou uma dessas coisas!

E não para por aí: tem também o famoso **efeito da verdade ilusória**, que funciona assim: alguém ouve uma informação — parcial, meia-boca ou até errada — e quando essa informação é repetida e repetida e repetida, a pessoa acaba aceitando como verdade absoluta! Tipo aquela história de que se você engolir chiclete, ele fica sete anos no estômago... já ouvimos tanto isso que tem adulto que até hoje morre de medo de engolir um chiclete.

— Talvez eu devesse mostrar mais o que realmente acontece nos bastidores... A verdade nua e crua sem filtros, sabe? Mostrar que nem todos os momentos são bons, que o processo é difícil, apesar de ser divertido, e, principalmente, que “estratégia” não é só uma palavra bonita para gerar valor e cobrar mais caro. Conectar cada peça do quebra-cabeça não é algo em vão, é intencionalidade! Mas também fico pensando: será que as pessoas realmente sabem o que é estratégia? Hoje em dia tem tanta gente se chamando estrategista... e, no fim, fica dando conselhos sobre mim que são mais rassos do que poça d’água.

— Interessante... parece que você sente que todos falam sobre você, mas poucos realmente param para te ouvir. Muitos buscam por receitas prontas e atalhos, enquanto você prefere algo mais profundo. Será que não é aí que mora o ruído?

— Talvez seja isso mesmo, doutora. Eu não sou contra atalhos, sabe? Todo mundo gosta de cortar caminho às vezes. Mas o problema é que

elas querem a rota mais curta, na melhor estrada e ainda sem ter que pagar pedágio! Acabam me tratando como se eu fosse só isso: um truque rápido, uma fórmula mágica de três passos que promete mudar a vida de qualquer empresa em 7 dias. Não é assim que as coisas funcionam não! Eu gosto de olhar o todo, de entender as pessoas, de costurar ideias com propósito... e, olha, que eu não sou filósofo, viu?

Não é atoa que a indignação bate! A sensação de ser usado como se todo mundo só pegasse um pedaço de mim e jogasse o resto fora é horrível. Só querem a parte boa, como quem está atrás do “projeto verão”, mas foge quando surge a primeira abdominal.

— Há quanto tempo isso acontece? — questionou a doutora, cruzando as pernas com delicadeza.

— Ihhh, não é de hoje, não! Faz tempo que criaram o hábito de me colocar em um “departamento isolado” e, se duvidar, começou exatamente aí. No início, eu sentia que era visto como um “segundo setor comercial”, responsável por divulgar e vender. E acho que já deu para perceber que alguns ainda me enxergam desse jeito... — dei um sorriso sem graça antes de continuar: — O meu papel vai muito além disso! A essência das minhas estratégias é profunda, eu existo para manter a marca viva por muito e muito tempo. Meu objetivo é gerar interesse, tornar a marca atrativa, conversar com quem está do outro lado, conectar, despertar sensações, emocionar, gerar lembrança... Isso acaba exigindo muito planejamento, estudo, um bocado de paciência e, principalmente, ações que na maioria das vezes vai levar tempo para gerar retorno.

Difícil admitir, mas preciso ser sincero: não posso deixar de considerar que, ao mesmo tempo que boa parte da minha função é pensar no longo prazo, também é importante pensar no curto e médio.

— Okay — eu disse jogando as mãos para o alto me rendendo: — Eu sei que pensar só no amanhã não paga as contas de hoje. Quem me dera toda estratégia tivesse resultado imediato! Mas isso está longe da realidade, então não é atoa que quando o papo é “corte de custos” respinga primeiro em mim. É justamente por isso que não posso andar sozinho! Quando me tiram de perto do comercial, da pesquisa e desenvolvimento, do design, do endomarketing, até das finanças, sinto que não estou fazendo minha função por inteiro, porque eles também são parte de quem eu sou.

Acabei sendo fragmentado, quando deveria ser o apoio estratégico de cada uma dessas áreas para que todas essas engrenagens funcionem da melhor forma possível. Sinto que sou tolerado como um seguro preventivo ao invés de uma fonte de lucros: só investem em mim caso a receita da empresa aumente, mas não percebem que para isso acontecer eles deveriam investir mais em mim primeiro... Sou a causa, não o efeito! Mais que isso:

eu sou a ponte estratégica, sou o universo de comunicação que faz a marca andar em sintonia.

— O pior de tudo, doutora, é que sinto até que me perdi um pouco de quem eu sou no meio disso tudo... Será que realmente nasci para ser usado apenas no superficial, que só gera gasto para empresa? Isso nem parece que faz sentido... As pessoas falam e falam, mas teoricamente tô ajudando a empresa a vender mais ou ser lembrada pelo público... Tudo isso não parece certo, não parece que é quem eu sou de verdade.

O silêncio se instalou no consultório como uma névoa densa.

Minhas próprias palavras ainda ecoavam — altas demais dentro de mim, talvez até mais do que no ambiente. Por alguns segundos, tudo o que consegui ouvir foi o som do meu próprio pensamento: desordenado, barulhento, implorando por sentido.

— Vejamos... — ela quebrou o silêncio com uma voz calma, quase compassada — que tal começarmos do começo?

Olhou brevemente seu relógio de pulso e completou:

— Acredito que esse seria um passo essencial.

Havia algo em suas palavras... uma lógica que eu mesmo costumava usar, mas raramente aplicava em mim: não dá pra entender o agora sem revisitar o antes. Talvez fosse hora de olhar para o todo, o contexto, as causas, os detalhes que eu preferi ignorar...

O pouco que restava do chá agora esfriava sobre a mesa, mas minha mente, enfim, parecia aquietar. A tensão dos minutos anteriores foi se dissolvendo, e percebi que a hora tinha voado mais rápido que um avião caça.

Respirei fundo. Dei um meio sorriso cansado, tentando disfarçar o peso do que ainda não disse.

— É, doutora... — pausei, buscando coragem nas entrelinhas — acho que vou precisar de mais algumas sessões.

FIM (será?)

Aryane Kautnick é manezinha da ilha de Florianópolis e se mudou com seu esposo para Joinville em 2022 no que eles consideraram “um passo de fé”. Empresária, formada em Administração (UFSC), se viu em um duelo interno quando se apaixonou pela área de psicologia e neurociência aplicada ao marketing. Enquanto muitos dizem que é pura “manipulação”, ela acredita que dá pra atuar na área com ética e gerar transformações genuínas na vida das pessoas através das marcas. Abraçada nesse propósito, atua como apoio estratégico de marketing para marcas que querem se destacar no mercado e nas horas vagas fala sobre comportamento humano aplicado ao marketing no seu canal no YouTube. Acompanhe ela no Instagram: @aryanekautnick



Intermezzo



Carla Gattoni Saukas

Vamos ver quem pega mais? Meu irmão topou na hora, subindo na goiabeira com a desenvoltura de uma criança de 10 anos. Eu já tinha 13, mas continuava gostando ainda mais de trepar na árvore do que de goiaba. Peguei a mais bonita e mordi. Como sempre, olhei antes de engolir. Tinha nojo de achar bicho (já tinha acontecido algumas vezes).

Lá de cima vi a Catarina passando, de braço dado com a Bárbara. Com raiva, joguei uma fruta verde bem na cabeça delas. Olharam feio para cima, mas me escondi entre os galhos.

A Catarina, Kéti, como eu a chamava, costumava ser minha melhor amiga. O pai dela tinha um mercadinho. Tinha fresca na lembrança as tardes em que a gente se matava de rir tentando entrar lá escondido pra roubar paçoca. Andávamos de bicicleta, pulávamos corda, jogávamos futebol com os meninos da rua – e olha, eles morriam de medo de levar goleada da dupla. A Catarina era a minha grande parceira em todos os jogos de cartas, em todas as excursões de escola, em todas as brincadeiras de infância.

Já a Bárbara sempre tinha sido chata. Mocinha desde bebê, era metida a modelo. Eu e a Keti zombávamos dela pelas costas, imitando-a em uma passarela. Sim, ela era bonita. Mas jamais sujaria o vestido.

Só que, de repente, não sei o que aconteceu, viajei por duas semanas no final de ano e quando voltei, cheia de novidades, músicas inventadas e jogos novos, a Keti tinha ficado amiga da Bárbara e nem sempre tinha vontade de estar comigo. Joguei água nela um dia – normal, estava calor, quantas vezes não tínhamos feito isso? – e em vez de revidar ela saiu batendo o pé. Me chamou de criança e embrurrou comigo o dia inteiro.

Mas o pior era quando ela me ignorava por estar entretida com a Bárbara em risadinhas e fofoquinhas. Eu até ficava junto, mas era uma chatice, falavam sobre meninos, queriam até beijar eles. Blécat!

Na minha classe era um mais bobo que o outro. E as duas passavam horas discutindo, analisando que um tinha olhado assim para uma e o outro tinha falado assado com a outra. No dia em que o bobão do Pedro pegou a caneta emprestada da Keti ela quase teve um treco de tanta emoção. Deu vontade de dar um tapa nela, é uma caneta, garota, o cara pegou porque precisa escrever, ele não quer se casar com você. A Keti, que já tinha sido tão esperta, estava ainda mais boba do que o Pedro.

Definitivamente cansei delas e, como se diz por aí, “fui procurar minha turma”. Achei. E eram as crianças da rua, todas um pouco mais novas do que eu, mas bem mais legais do que aquelas duas. Até meu irmão sabia que correria e gritaria era melhor que namorar.

A goiaba estava boa e, naquela altura, final de tarde, minha roupa já estava imunda. Eu sabia muito bem que era hora de voltar para casa, tomar banho e fazer as lições. Meus pais eram exigentes com a escola, me deixavam brincar depois que chegava dela e almoçava, mas tinha hora para parar a brincadeira e cumprir meus deveres. Tinha começado a esfriar e a pingar, corri para casa por dentro da chuva.

Olhei de relance no espelho grande que ficava no corredor e levei um susto. Até voltei pra trás pra olhar melhor e senti o rosto vermelho. Percebi que a blusa branca do uniforme, molhada de chuva e manchada de sumo de goiaba revelava algo que eu nem tinha notado que já estava começando a existir.

Que porcaria!!!

Eu estava mesmo crescendo...

Não bastasse, parece que minha mãe adivinhou meus pensamentos. Quando saí do banho, toalha na cabeça, ela me esperava sorridente dentro do quarto. Mandou eu sentar, me abraçou. Secou meu cabelo, começou a passar o pente enquanto conversava, dizendo que meu corpo estava mudando, que as coisas seriam diferentes daqui pra frente.

Eu sabia que sim. E tudo aquilo me incomodava imensamente.

Devia ser legal, mas não era. Quanto mais minha mãe falava, mais vontade de chorar eu tinha.

Não queria que nada mudasse. Queria minhas bonecas, as brincadeiras na rua, eu e a Keti jogando água uma na outra, não ligar pra que roupa ficava bem em mim.

Fiquei muda até que ela me deu uma sacolinha. Dentro, tinha um sutiã.

- Experimenta pra ver se serve direito e não te machuca.

Senti o rosto em fogo.

- Experimento depois.

Ela não insistiu, viu que tinha avançado o sinal e saiu do quarto. Minha mãe tem isso de bom, quando o assunto é delicado sempre tenta ir aos poucos, sem constranger.

Acabei de me arrumar, peguei os cadernos e fui estudar na sala. Fugindo do sutiã, que continuou em cima do criado mudo.

A noite toda ele me assombrou. Dormi virada pra parede, mas no dia seguinte acordei cedo e a casa toda ainda dormia. Timidamente, tirei o sutiã da sacola passei o dedo por ele. Era simples, rosa claro, sem renda nem nada, quase um top. E no dia anterior eu tinha me convencido que, nitidamente, não tinha mais condições de eu andar sem ele por aí.

Na escola foi como sempre, e eu até achei que ninguém tinha notado, só que em uma hora o Miguel, que sentava atrás de mim, segurou a alça, puxou e me deu uma estilingada nas costas. Fiquei fula, olhei pra trás e ele estava rindo.

- Babaca! – eu disse.

E percebi que ele levou um choque.

Vinte minutos se passaram e eu continuava nervosa. Nem eu sabia por que tinha ficado tão irritada. O Miguel era meu amigo, morava na minha rua e eu gostava muito dele, a gente costumava apostar corrida. Nós dois éramos os mais velozes da classe, por isso, muitas vezes, os outros colegas torciam quando a gente disputava. Ele era um dos poucos meninos que levava na esportiva quando eu ganhava dele, então a gente tinha uma certa camaradagem especial e intimidade pra fazer brincadeiras um com o outro.

Mas naquela hora eu não tinha achado a menor graça, estava com umas pontadas na barriga. Um mal estar estranho tomava conta de mim, até que não aguentei e pedi pra ir ao banheiro, pois só faltava me dar diarreia dentro da classe.

- Tita! Tita, você está aí? Letícia!

Eu sabia muito bem que aquelas vozes eram da Kéti e da Bárbara. E naquele momento eu não tinha condições de ser orgulhosa e rejeitar o gesto de amizade delas.

Abri a cabine, as lágrimas escorrendo pelo rosto:

- O que foi, Tita?!

- Menstruei!

- Mas tá chorando por quê???

- Aflição.

Aí nós três nos olhamos. E começamos a gargalhar. Tivemos um ataque de riso tão grande, mas tão grande, que ficávamos sem fôlego até pra falar.

- Você... some da aula... e... e...
- A Kéti já preocupada com você...

- E eu achando que o culpado era o Miguel e quando fui ver...

E ríamos, ríamos, e terminamos abraçadas. Eu matando a saudade da Kéti e nunca tinha gostado tanto da Bárbara.

Foi ela que abriu a mochila, quando conseguimos ficar sérias:

- Você tem absorvente?

Eu não tinha. E isso era parte do problema, pois, quando vi o sangue escorrer pelas minhas pernas, tinha ficado sem saber como sair do banheiro. Forrei a calcinha com papel higiênico, mas sei lá quanto tempo aquilo daria conta. Aí tinha achado melhor não voltar pra aula.

Babi me emprestou um absorvente e fez mais, na verdade ela me deu uma nécessaire com três.

- Eu nunca ando sem, traz sempre na mochila também daqui pra frente porque às vezes a gente tem umas surpresas.

- Tá com cólica, Tita?

- Tô com uma dor esquisita, ela vem forte, depois passa, depois vem de novo.

- Não vamos de ônibus hoje não, vamos pegar um uber.

- Não tenho dinheiro pra isso, Kéti.

- Eu tenho.

- Até parece!

- Minha madrinha me deu no final de semana. Faço questão.

Então voltamos de uber, lado a lado, de mãos dadas.

- A Bárbara é legal. – eu disse- Não é a toa que você gosta mais dela.

- Gosto dela. Mas quem disse que gosto mais do que de você, sua boba?

E aí a Kéti riu, apertando os olhos:

- E não sou só eu que gosta de você. O Miguel ficou bem chateado quando você xingou ele...

- Que conversa...

Eu disse isso mas, pela primeira vez, o nome do Miguel deu uma mexidinha na minha barriga. E não foi a menstruação.

Saímos do uber, minha amiga olhou pra cima:

- Nunca vi o pé de goiaba tão carregado.

- E você não pegou nenhuma ainda este ano, sua mocoronga.

- Deixa você melhorar dessa cólica que te mostro quem é a moco-

ronga. Vou pegar mais do que você.

Ela cumpriu o prometido. Na semana seguinte levei uma surra dela na nossa aposta, ela subia muito mais do que eu. E ainda aproveitou pra, láááá de cima, jogar a goiaba campeã em mim:

- Só revidando. Sei muito bem que foi você.

No dia seguinte, chamamos a Bárbara também. Foi estranhovê-la de blusa suja, mas ela tinha muito medo. Era delicada demais pra se equilibrar nos galhos e dava uns gritinhos que nos faziam rir muito.

- É, Tita. – disse o Miguel, que acompanhava a escalada – A Bárbara ainda tem muito o que aprender com você!

Carla Gattoni Saukas

Cresci ouvindo e me interessando por histórias e me considero uma leitora voraz. Sou formada em Letras pela USP e em Jornalismo pela PUC-SP e sempre trabalhei com textos, revisando, traduzindo ou escrevendo. Já realizei trabalhos para o MEC, para a Editora Lafonte, para a revista l'Officiel Brasil e para o SESC São Paulo, entre outros. Também já revisei mais de 300 trabalhos acadêmicos entre TCCs, mestrados e doutorados e fiz algumas adaptações para o público leigo. Através da escrita conto minhas próprias histórias e através do trabalho de biografias procuro contar “as histórias dos outros”. Também faço mentoria para autores. Acredito na força construtiva e criativa do rico manancial de histórias, vividas ou imaginadas que cada ser humano traz dentro de si e acredito na escrita como forma de expressão e de bem-estar. @ousarfalar



*Joinville, o lugar
da bênção*
por Cris Breves

O Chamado e o Desvio

A vida de Clara havia se transformado em uma pergunta sem resposta. Ao que fazer quando o seu destino se desfaz diante dos seus olhos? Ela estava em São Paulo, mas não pertencia mais àquele lugar. O chamado para “marchar” ressoou em seu coração, mas a direção havia se perdido, e agora, com a passagem para Portugal nas mãos, ela não sabia para onde ir.

As promessas se tornaram um remédio amargo. A paixão que a levava a planejar uma nova vida em Lisboa, a confiança em um futuro que parecia tão certo, tudo desabou como um castelo de areia. Em seu coração, a voz de Deus, que antes era clara como o toque de um sino, parecia distante. A frustração com o relacionamento que prometia honrá-la em suas crenças, e que traiu sua fé, e o peso da mudança que estava por vir, a sufocava, transformando o sonho de uma nova vida em um pesadelo.

Para não perder as passagens, Clara resolveu passar as férias com sua filha Lívia, na casa de seu tio, no sul do Brasil. Ao chegar em Lages, cidade da sua juventude, Clara sentiu em seu coração o Senhor lhe falando: “Estou corrigindo as suas veredas”. Com essa impressão cravada no peito, o “marche”, voltava a fazer sentido.

O Derrame e a Nova Direção

A possibilidade de mudança para Lages, perto de seu tio, parecia uma tábua de salvação, uma direção que aliviaria a dor do desvio. Clara, mesmo sem o entusiasmo de outrora, se agarrou a essa nova possibilidade. Mas, o que parecia um novo começo, foi interrompido pelo imprevisto.

Em um dia que parecia normal, Dona Sônia mal conseguia se mover. O corpo da sua mãe, antes tão forte e independente, parecia ter se transformado em um fardo pesado. Clara sentiu a adrenalina do desespero correr em suas veias enquanto a levava para o hospital, onde necessitou de uma cadeira de rodas para entrar. A agonia da espera, o cheiro de antisséptico no ar e o rosto pálido da sua mãe eram a única realidade. A cada minuto que passava, ela se perguntava: “Senhor, para onde o Senhor está me levando agora?”.

Enquanto esperava pelos resultados dos exames, sentou-se ao lado de Lívia, sua filha. A conversa veio em murmurios, como um desabafo. “Não sei como vamos fazer, filha. São Paulo é tão distante da família. Não temos nenhum suporte aqui”, ela declarou o que havia custado a perceber. Lívia, com a maturidade de quem havia crescido longe da família e apenas entre adultos, respondeu: “Mãe, eu gostaria de morar em Lages, perto dos

tios e das primas, mas a gente precisa de um lugar onde a gente não só se sinta em casa, mas um lugar com a minha escola, com o plano de saúde da vovó e, principalmente, com uma comunidade de fé que nos dê suporte. Não podemos viver só pela razão, precisamos buscar onde a gente se encaixa com tudo o que precisamos”.

Aquelas palavras atingiram Clara como uma revelação. Não era apenas sobre um lugar físico, mas sobre um lar espiritual. E o milagre da providência se revelou ali mesmo, na agonia daquele hospital: a necessidade de um plano de saúde a levou a buscar por outras cidades em Santa Catarina, e a escolha, que parecia tão racional, foi, na verdade, o caminho que Deus já havia traçado.

O Exílio de Joinville

A decisão de ir para Joinville, motivada pela lógica da logística, parecia um alívio, mas, no fundo, para Clara, era apenas um novo tipo de exílio. Não havia o brilho de um recomeço em seu coração, de um companheiro que amasse Jesus acima de todas as coisas, assim como ela; um amor que comungasse da mesma fé. A nova casa, as ruas desconhecidas, o trânsito caótico e a paisagem diferente eram apenas lembranças dolorosas do que havia ficado para trás. Outra cidade, outros sonhos, outros amigos, a vida que ela havia conhecido — tudo era uma ferida aberta, e Joinville, o sal que a fazia arder.

Ir para Joinville foi a decisão que o pai de Lívia havia apoiado financeiramente para que ela estivesse mais perto. Mas isso não era um consolo para Clara.

Sua única esperança era a promessa de uma vida espiritual revigorada. Havia uma igreja para a qual sua filha, Lívia, foi atraída. Mas Clara sabia que precisava encontrar um lugar para si mesma, um lugar que a nutrisse e a fizesse se sentir em casa. Por isso, a cada sexta-feira, ela levava a filha para a igreja cristã, cheia de jovens e arte, e no domingo ia sozinha buscar a sua própria igreja.

A cada semana, uma tentativa frustrada. Uma igreja muito fria, outra com uma doutrina muito diferente da que ela estava acostumada, uma terceira sem a comunidade que ela tanto ansiava. Clara se sentia como uma estranha em uma terra estranha, e o coração endurecido pela deceção a impedia de ver a mão de Deus agindo em sua vida. A frustração, antes direcionada a um homem, agora se voltava para Deus.

A Rendição

Em uma semana, cansada da busca infrutífera, Clara se sentou em um banco no jardim do Museu da Imigração que ficava próximo de casa e chorou. As lágrimas quentes e amargas lavaram a maquiagem e, por um instante, ela pôde ver a verdade. “Senhor, o que o Senhor quer de mim? Por que me trouxe a este lugar?”. A resposta veio na lembrança da passagem bíblica onde Deus falava para Abraão ir para a terra que Ele lhe mostraria, e esta lembrança ecoou em seu coração. A voz de Deus, que parecia tão distante, se fez presente novamente.

Ele a lembrou da ordenança de “Marchar” e a fez entender que o lugar que Ele tinha para ela não era aquele que ela escolhia, mas aquele onde Ele a havia colocado. O chamado de Deus era para que ela servisse no mesmo lugar que a sua filha, onde ela já deveria estar.

Com o coração humilde, Clara decidiu seguir o direcionamento de Deus e se entregar a servir na mesma comunidade de fé que a sua filha. Ali, ela descobriu que Deus já havia abençoado o lugar para onde a havia levado. Seus talentos artísticos, que antes estavam adormecidos, floresceram novamente. Ela se entregou ao serviço, e a sua vida começou a fluir.

O Lugar da Bênção

A vida de Clara havia se transformado em uma bênção. A cidade que um dia fora seu exílio, agora era seu lar. Ela havia encontrado em Joinville o seu propósito, a sua comunidade e a sua fé renovada. Deus a havia guiado para um lugar que já estava abençoado, mesmo que ela não o soubesse. E, assim, ela percebeu que a vida não é sobre o lugar, mas sobre a presença de Deus, que nos guia para o lugar da bênção, mesmo quando a gente não vê.

Cris Breves (nascida em 1972) encontrou o ponto de virada de sua vida durante a pandemia de 2021, quando foi direcionada por Deus a assumir sua vocação como escritora e editora de livros. Sua missão é dedicada à família, focando na construção e preservação do Legado Afetivo. Cris é autora de livros ilustrados sobre princípios e valores para crianças, e de obras para o núcleo familiar, além de ser Palestrante Especialista em Legado Afetivo. Como educadora e criadora de conteúdo, desenvolveu o Método GpA – Grandes e Pequenos Autores, o Método Cura através da Caneta e idealizou o Projeto Tecendo Histórias, Sabores e Memórias em Família. Seu trabalho transforma vidas e lares, fortalecendo laços familiares através da escrita e da valorização das memórias.



TUDO PASSA

Só quem tem
suporta o processo



Danieli Paulini

Eu enraizei

Minhas raízes estão no norte do Paraná, firmadas naquele solo vermelho onde minha infância correu livre, entre risos e orações. Foi ali que o tempo começou a me moldar. Ali, entre minha família, meus irmãos, meus pais e tios, encontrei a base que sustentaria todos os ventos que um dia viriam. Porque toda árvore precisa de uma raiz profunda, e a minha está lá, viva, pulsante, alimentando ainda hoje tudo o que me tornei.

Com o tempo, Deus me replantou. Fui trazida a outro solo, e todo replantio traz consigo um período de adaptação. Há o estranhamento do novo chão, o ajuste à nova terra, o desafio de criar raízes onde antes não havia. Mas o mesmo Deus que sopra o vento é o Deus que prepara o solo. E, assim, minhas raízes começaram a se aprofundar também aqui, neste novo lugar.

De vez em quando, um vento suave sopra do norte, levando minhas folhas até o Paraná, é a saudade. É o lembrete de que o tempo não apaga a origem, apenas a expande. Minhas raízes hoje estão firmes aqui, mas nunca esquecem de onde vieram.

O tempo passou, e as estações cumpriram seus ciclos.

O verão chegou ardente, e sob o sol escaldante, aprendi a ser sombra. Vi pessoas se aproximarem cansadas, buscando repouso sob meus galhos. Não sabiam da minha história, das tempestades que suportei, das podas que quase me fizeram tombar. Porque de início a árvore não explica o seu processo; ela apenas oferece abrigo.

Mas o tempo e a intimidade, revelam o processo das estações.

E eu compreendi que o câncer, em minha vida, chegou como um mix das estações. Foi chuva de verão, foi flor arrancada pelos fortes ventos. Foi o tempo em que Deus me fez sombra na vida de outros e fez de outros, sombra para mim. Foi como se o Senhor tivesse entrelaçado propósitos: eu e tantas outras árvores, juntas, de pé, sustentando umas às outras, repousando e florescendo lado a lado.

Algumas dessas árvores Deus plantou ao meu redor em forma de amizades preciosas como a Suelene, que foi instrumento do próprio Deus para que eu hoje estivesse escrevendo. Foi no meio de uma tempestade

que nossas histórias se entrelaçaram: mulheres enraizadas em um solo de fé, pacientes oncológicas que decidiram ser voluntárias, levando palavra, consolo e esperança. Éramos árvores feridas, sim, mas também frutíferas, porque mesmo em meio à poda, ainda havia seiva, ainda havia vida. Afinal, tudo passa! E precisávamos passar adiante, que tínhamos passado pelo tempo e as estações.

E como numa árvore que acolhe uma orquídea em seu tronco, percebi que algumas amizades não sugam, elas embelezam. A orquídea não retira a força da árvore, ela apenas floresce junto, e ambas se tornam mais belas. Assim são as amizades que o Senhor me deu: enfeitam meu tronco, perfumam meu processo, e anunciam a presença de Deus em mim.

O outono veio, e com ele, a dor das perdas.

As folhas começaram a cair, uma a uma, e eu as vi se desprendendo de mim como partes que eu amava, mas que precisavam ir. O vento do outono levou meus cabelos, como leva as folhas secas que já cumpriram seu tempo.

Perder minhas mamas foi como sentir a poda dos galhos, brusca, dolorida, invasiva. Mas também sutil, profunda, necessária. A lágrima que escorreu era como a seiva que jorra quando o tronco é ferido. E, ainda assim, a seiva é sinal de vida.

A mesma folha que o outono permitiu cair no solo onde eu estava enraizada foi o que serviu de adubo para nutrir-me novamente. A dor que me feriu foi o que me alimentou. Foi ela que fertilizou meu propósito.

Então comprehendi: não há poda que não sirva a um recomeço.

Não há lágrima que Deus não use como orvalho, para regar o solo.

O mesmo solo que me viu despedaçada foi o mesmo que me sustentou quando voltei a florescer.

O inverno chegou e trouxe o frio cortante.

Os ventos me arrepiavam a casca, e às vezes eu parecia árida, imóvel, em silêncio. Mas foi nesse tempo que minhas raízes se aprofundaram. Porque é no inverno que a árvore cresce por dentro. Quando tudo parece parado, Deus trabalha no invisível.

E então veio a primavera.

As flores começaram a brotar, tímidas no início, depois abundantes. E com elas, os pássaros. O canto deles enchia o ar, e eu percebia: a beleza atrai vida. A flor não se esforça para ser bela, ela apenas floresce. Assim é o propósito: quando chega o tempo, ele se manifesta.

Hoje, sei que a minha vida sempre foi sobre mulheres. O Senhor, sempre me cercou de mulheres, para que eu aprendesse com a convivência, que as estações se repetem e nos fortalecem. Me deu uma irmã mulher, quatro filhas mulheres e uma missão voltada ao feminino. Tudo o que se repete na nossa vida, com insistência, muitas vezes é o nosso propósito gritando. O inimigo tentou me desviar, me levando a uma área dura, blindada, masculinizada a segurança. Mas até ali, Deus estava me moldando. Aprendi que posso ser firme sem deixar de ser feminina, forte sem perder a delicadeza.

Antes, meu fruto parecia confuso, como uma árvore enxertada que ainda não sabe o que é. Hoje, quando alguém olha para mim, sabe: essa árvore dá fruto de feminilidade, fé e superação.

Porque identidade é reconhecer o fruto que nasce em você.

Quando olho para uma macieira, sei que ela produz maçãs. E quando alguém olha para mim, vê que produzo o que o Senhor plantou: amor, acolhimento, fé, delicadeza. Mas aprendi que não basta dar fruto é preciso dar **frutos saudáveis**. Porque uma macieira pode estar cheia de maçãs, mas se estiverem bichadas, só sugarão a força do tronco.

Para dar frutos saudáveis, é preciso estar nutrida pela seiva de Deus, que é quem dá a vida, quem rege o tempo, quem determina as estações. É Ele quem sopra o vento, quem envia a chuva, quem aquece o solo. Ele é o dono das estações e eu, apenas uma árvore nas Suas mãos.

Hoje eu entendo.

Eu sou árvore.

Eu sou o processo.

Eu sou o propósito.

Eu dou frutos e meus frutos são vistos, são vivos, são cheios de fé. Mas sigo passando pelo tempo e as estações, entendendo que há tempo para todas as coisas. A primavera não dura para sempre.

Respeitar os processos e identificar em qual estação estamos é fundamental.

E se você também é uma árvore enraizada, não tema o frio, nem o vento, nem o tempo.

O inverno sempre passa.

A primavera sempre chega.

E quando ela chegar, suas flores contarão ao mundo o que o seu inverno te ensinou.

Se as suas raízes estiverem fracas, e o solo ao redor parecer árido, deixe Deus te nutrir.

Não tenha pressa, o processo começa de dentro para fora.

É no silêncio da terra que a força se forma.

Quando suas raízes estiverem firmes o bastante, você suportará o tempo e as estações.

E, quando enfim der frutos, eles revelarão quem você é porque o fruto é a identidade visível daquilo que foi cultivado no invisível.

Danieli Paulini

Paranaense de nascimento e catarinense de coração, tenho 37 anos e há 19 chamo a encantadora Joinville de lar.

Filha amada de Deus, esposa do Nataniel e mãe das meninas mais incríveis do mundo parceiras fiéis em cada etapa desta jornada, inclusive na construção deste livro. Um agradecimento especial à minha primogênita, que se dedicou com tanto carinho à criação da capa.

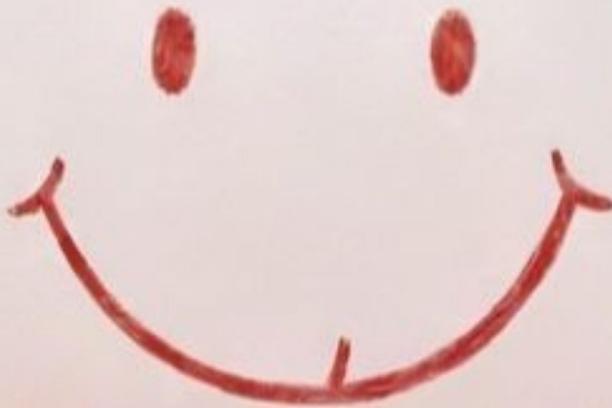
Carrego em minha história a marca da superação. Sobrevivente de três cânceres, transformei a dor em propósito. Hoje, como CEO do projeto Tudo Passa, encontro no servir ao próximo uma parte essencial do meu próprio processo de cura.

Amo o simples da vida: uma casa no mato, o aroma de um bom café e o silêncio da natureza, onde sinto Deus em cada detalhe e renovo minha fé diariamente.





**SER DIFERENTE
É SER ESPECIAL**



DIRLEI CARVALHO

Nascimento

Fomos para a maternidade ainda bem cedo, às 05 horas da manhã. Mamãe estava tensa, nervosa e ansiosa! Papai preocupado com as duas. Nervoso, mas tentando transmitir calma.

Quando nasci, meu pai foi o primeiro a me colocar no colo, e acompanhou meu primeiro banho. Após, me levou conhecer minhas avós, titia e prima que estavam aguardando na recepção.

Chegava a princesa Ana em nossas vidas! Linda, olhos azuis, pele bem clarinha, cílios enormes, cabelos loirinhos, uma obra prima!

O diagnóstico

Minha mãe e meu pai estavam tensos porque eu tinha um diagnóstico, sim, recebido aos 06 meses de gestação. Eu viria com lábio leporino e fenda palatina. No ultrassom não aparecia a fenda palatina, que ao nascer, o médico trouxe a notícia.

Era dia 25 de abril de 2008, e minha avó estava de aniversário, e como presente, convidada a assistir a ultrassom. Tadinha, o presente foi meio doloroso, no caso, o diagnóstico!

Minha mãe chorou muito mesmo, e meu pai também. Minha avó não sabia nem o que nos dizer.

No nascimento, a surpresa foi ainda maior. Veio muito além do que imaginamos..

Era bem aberto à fenda, e minha mãe havia conhecido uma menina que veio com essa má-formação, mas era pequena a fenda, só um dedinho de largura. Mais a minha, era bilateral, aberta os dois lados da boquinha. A fenda era muito grande, com a abertura também no palato, abriu o osso da gengiva, afetando meus lábios quase por inteiro e meu nariz também, a qual eles chamam de fenda bilateral, com fenda palatina completa. Pela falta do osso na gengiva, afetou bastante as partes do lábio e nariz.

As dificuldades

No dia da adversidade, encontramos barreiras que muita das vezes não sabemos como ultrapassar. O chão se abre abaixo dos nossos pés e você só sabe chorar. Com o passar dos dias, Deus vai nos acalmando, nos fortalecendo, nos dando asas como águias para voarmos acima delas!

Minha mãe se preocupava bastante com o que iríamos enfrentar, ela foi a que mais sofreu no início e por alguns anos. Pois toda mãe sonha em ter nos braços uma criança perfeita, sem se preocupar com várias cirurgias,

dias de hospital, procedimentos dolorosos, dias e dias de consultas, vários profissionais, problemas na fala (voz fanha), dentinhos muito tortos, e faltas de outros. Uso de placas no palato, a higiene tinha que ser rigorosa. Preconceitos das pessoas, preconceito na escola, bullying. E não foi diferente do nosso medo, passamos por tudo isso e muito mais.

Minha mãe queria trocar de lugar comigo na história da vida. Mas ela é real e não um conto fictício que personagens podem trocar de papel. Era uma realidade e não uma ficção!

Na verdade, o que minha mãe precisava, era ela própria aceitar primeiro. Pois se desejamos que as pessoas nos aceitem como somos, precisamos nos aceitar primeiro!

O que faz uma criança ser especial, é justamente o fato de ela vir diferente. E até posso dizer, que pra sermos diferentes, temos que ser especiais!!!

E isso deixou minha mãe muito mais forte. Guerreira ela sempre foi, mas eu vim para moldá-la e aperfeiçoá-la ainda mais!

Os choques nos ensinam a ter compaixão. Sim, sem você viver uma situação parecida, você não aprenderá ter compaixão de quem passa por ela. Nem será notório à você , talvez! Mas quando você vive na pele, áh, aí você enxerga com outros olhos e começa a amar mais, a ser mais atencioso aos detalhes, altruísta.

As cirurgias

Passamos por umas 08 cirurgias até os 10 anos de idade, todas muito dolorosas! Muito muito choro, muitas dificuldades, mas todas nos fizeram ficar mais fortes!

Nelas, o alimento deve ser líquido, batido em liquidificador, passado em duas, três peneiras. Líquidos, e ainda todo material esterilizado, 35 dias assim. Mas na última realizada, foram 03 meses de cuidado. Sem poder se alimentar direito, brincar, correr, andar de bicicleta, e para uma mãe já é difícil demais, imagina para a criança. Isso dói demais. Não, não mata, mas fere, mas também nos fortalece!

Cada procedimento nos faz crescer e se tornar melhor.

Cada massagem na boquinha para não ficar cicatriz com quebedo. Sim, 3x ao dia era necessário, 15 a 30 minutos cada massagem realizada. A higiene, pelo menos 02x ao dia. À noite, precisava limpar aquela fenda que acumulava sujeirinhas indesejáveis. Ah sim, não era nada agradável para a mamãe e o bebê. Às vezes tarde da noite minha mãe estava cansada,

mas se dedicando a fazer com capricho para que o resultado fosse o melhor possível, e foi! O resultado não podia ser melhor! Cresci linda e forte! bem cuidada e amada.

Teve um exame (Naso), que precisava ser realizado para ver a necessidade de fazer mais uma cirurgia no palato, para não deixar a fala fanhada (hipernasalidade).

Que exame horrível para a criança! Mas eu, Ana Luiza, suportei até o final. Me tornei mais forte e mais corajosa a cada dia, não reclamo de qualquer dor, de injeção. Moldes na boca? Não a fazem enjoar facilmente como a minha mãe. Sim, minha mãe enjoa muito com esses procedimentos. Sou forte e corajosa, guerreira e gloriosa, como o significado do seu nome!

Recado aos pais

Eu como mãe da Ana, afirmar que é fácil, seria demais. É necessário esforço e resiliência para superar! Mas é muito gratificante saber que você foi escolhido (a) para uma missão específica, designada para alguém especial, alguém que vai dar conta de cuidar, proteger e amar. Um serzinho tão lindo, frágil e que vai transformar sua vida por completo, de dentro para fora, e de fora para dentro. Fazendo de você uma pessoa muito melhor, mais altruísta, mais amorosa e que sabe ter compaixão. Escrevi isso a você, que talvez recebeu uma notícia parecida e está como eu lá atrás, desesperada, chorando e sem direção.

Se tudo isso te transformasse numa pessoa melhor, mais forte, já seria gratificante não é mesmo? Mas vejo a grandeza dessas crianças ao suportar com tanta garra e força, nos ensinando em cada detalhe a resiliência. Elas trazem luz para nossas vidas! Nos ensinam a amar com mais intensidade e a olhar o mundo com mais clareza.

A Ana Luiza nos trouxe tantas conquistas emocionais, espirituais, morais, nos fortalecendo como família, como pessoa.

O centrinho Luiz Gomes de Joinville nos trouxe alento, afago, muito amor envolvido em cada consulta, em cada cirurgia.

Ana Luiza é a nossa alegria hoje! Não conseguimos imaginar como seria sem ela. Nossa casa foi fortalecida! A amamos com todas as nossas forças. Ela realmente é um ser diferente, que veio para fazer a diferença nesta terra.

Ama a Deus e tem um respeito enorme pelos pais e pela família. Aluna esforçada e dedicada, onde mesmo tendo tantas faltas pelas cirurgias, sempre se esforçou, correndo atrás do tempo perdido, recuperando

matérias e notas, chegando a receber homenagem de menção honrosa, com direito a certificado e presentes pela prefeitura de Joinville.

Hoje ela é a nossa alegria maior! Uma adolescente linda, abençoada, carinhosa e obediente.

Os resultados dos esforços são nítidos. Só recebemos elogios no centrinho Joinville onde ela ainda passa pelos tratamentos. Resultados maravilhosos e satisfatórios a nós como pais e a eles como profissionais.

Concluo dizendo o quanto sou grata a Deus por tudo!

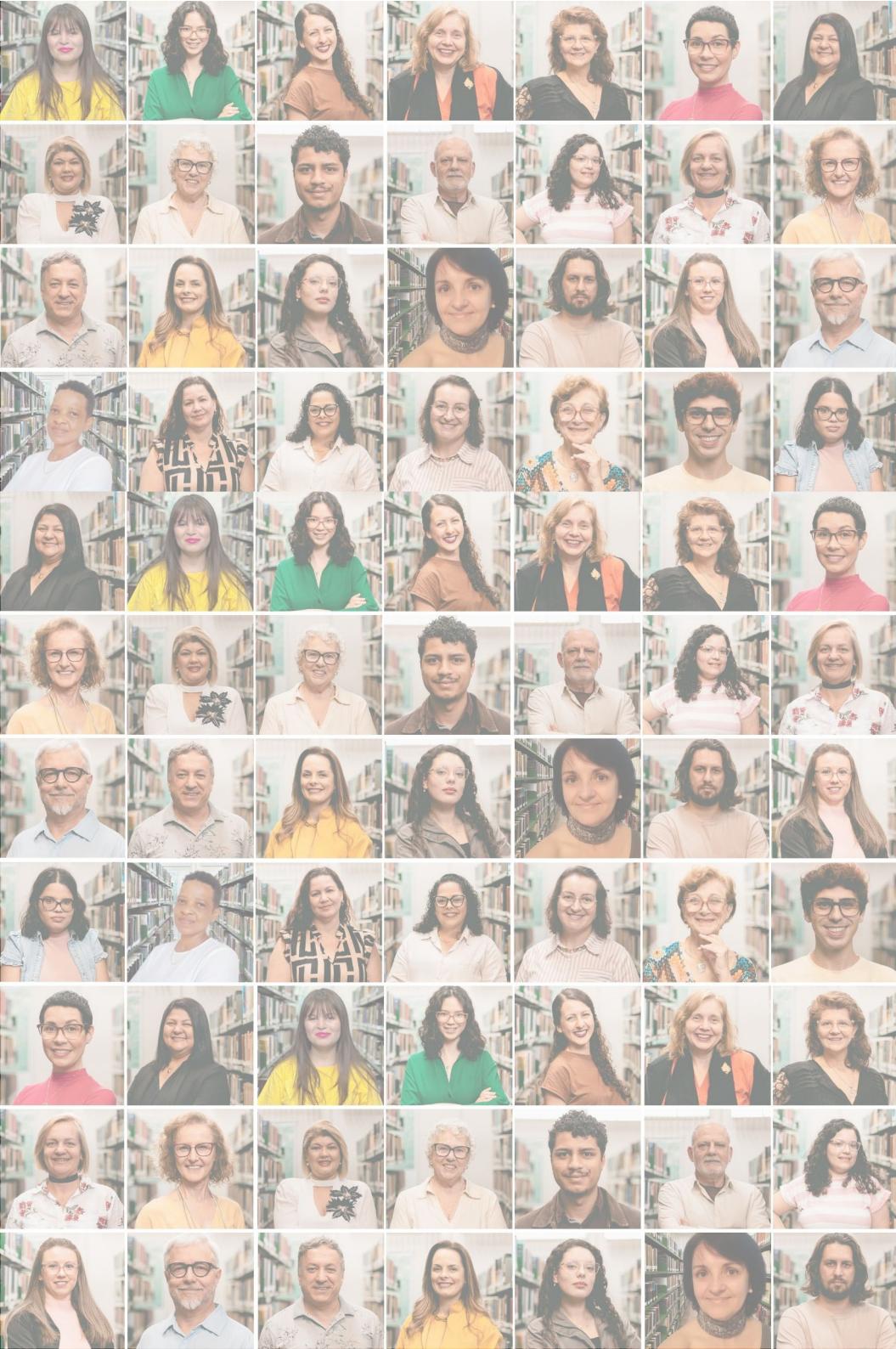
Amo a Deus e a minha família, e espero ter ajudado e alcançado com este livro, pais que cuidam. Pois aqui constam anotações de uma pequena agenda, situações verídicas desde o nascimento dela que fui anotando como se fosse ela contando sua história e de tudo o que foi vivido nestes processos.

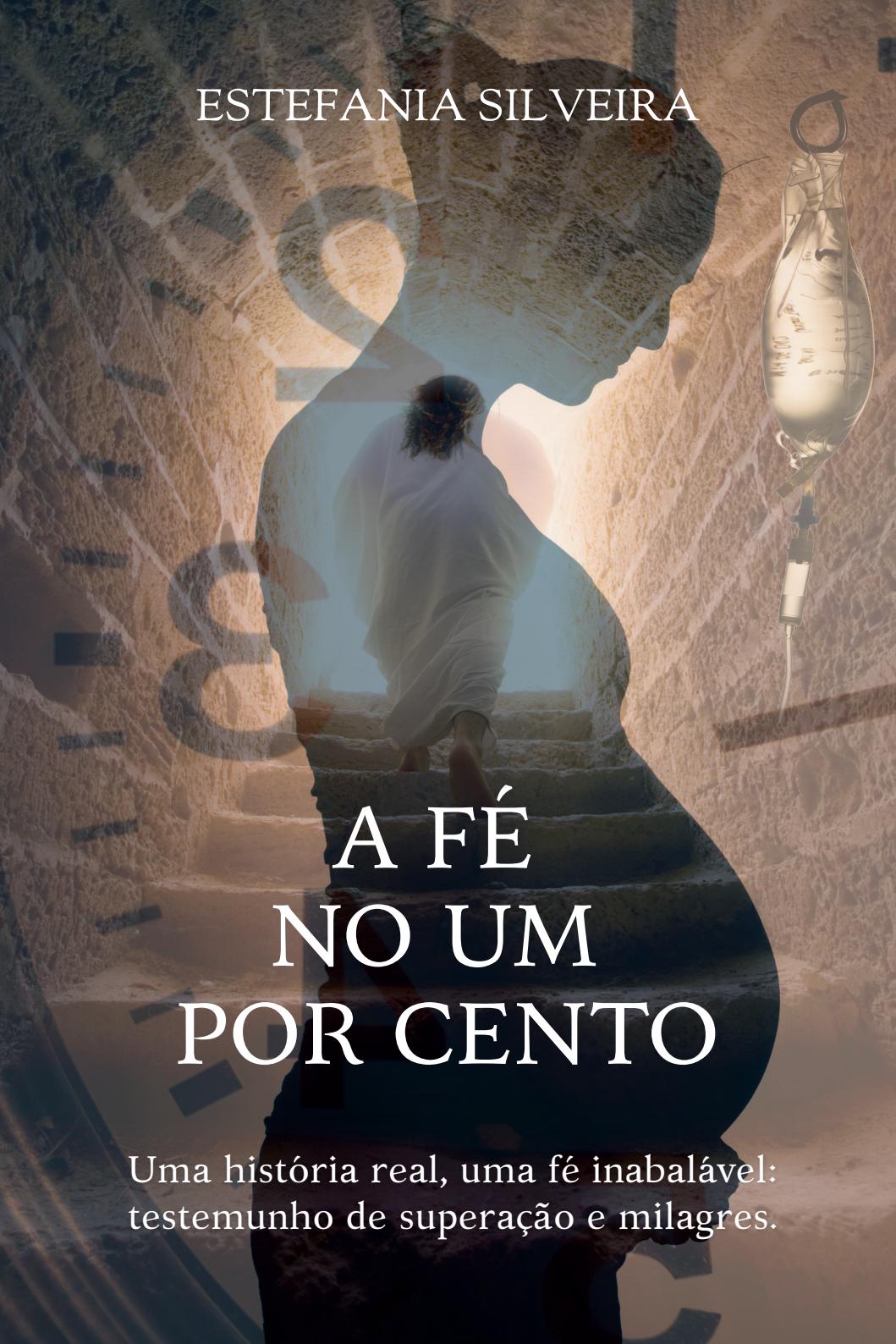
História real de superação!

Dirlei Carvalho nasceu em 1976, em Palmital, Paraná, chegando em Joinville aos 14 anos de idade.

Mãe, esposa, palestrante e acima de tudo, uma defensora incansável da aceitação e da diversidade, Dirlei vive em Joinville com sua família desde 1990, onde trilhou sua história. Após o nascimento da filha, Ana Luiza, e os desafios impostos pela fissura labiopalatina, Dirlei transformou a dor do bullying em propósito. Este livro é um testemunho mais íntimo sobre o poder de ser diferente e a beleza de ser especial. Um convite sincero a abraçar a jornada da vulnerabilidade e da superação.







ESTEFANIA SILVEIRA

A FÉ NO UM POR CENTO

Uma história real, uma fé inabalável:
testemunho de superação e milagres.

Este é o resumo de um capítulo faz parte do meu livro A Fé no 1%, uma obra escrita a partir das dores mais profundas que já vivi — dores que poderiam ter me destruído, mas que se tornaram o solo fértil onde a minha fé criou raízes. Perdi um filho, me despedi do meu pai e de dois irmãos, vi um sonho desabar com a falência da minha empresa e enfrentei o colapso de um casamento. Cada capítulo da minha história foi marcado por lágrimas, quedas e recomeços — e em todos eles, Deus permaneceu.

O que compartilho aqui é apenas uma parte dessa caminhada: a experiência do divórcio e tudo o que aprendi ao atravessar esse deserto. Descobri que fé não é ausência de dor, mas a coragem de continuar acreditando mesmo quando só resta 1% de esperança.

Estas páginas são um convite para mergulhar comigo nessa jornada e testemunhar como Deus transforma tragédias em testemunhos e recomeços em milagres. Porque quando a fé permanece, até 1% é o suficiente para reescrever toda a história.

Divórcio – liberta pelo amor

Construir uma família nunca foi tarefa fácil. Mesmo quando há amor e compreensão, o caminho é cheio de desafios. E quando esses pilares estão ausentes, o esforço se transforma em dor.

Eu nunca desejei criar meu filho sozinha.

Quando o Benício nasceu, algo mudou dentro de mim. Eu quis, de verdade, construir um lar para ele. Quis formar uma família.

Fiz o que pude para manter meu casamento vivo. Participamos de terapia de casal, fizemos o curso *Casados para Sempre* na igreja, buscamos ajuda espiritual e médica.

Eu orei, jejei, clamei. Levei meu marido à igreja, pedi a Deus que ele se aproximasse de Cristo, que o coração dele fosse transformado. Busquei até ajuda médica para lidar com a bipolaridade que ele nunca reconheceu.

Fiz tudo o que estava ao meu alcance.

Mas chegou um momento em que não dava mais. A agressividade que ele exercia sobre nosso filho me destruía. Tornou-se um homem abusivo. Quebrava objetos dentro de casa, usava palavras cruéis comigo e com nosso filho. A casa se tornou um lugar de medo, não de paz.

Eu preferia estar no trabalho a ter que dividir o mesmo espaço com ele. Fui me apagando. Deixei de sentir desejo, deixei de me sentir mulher. Não havia mais admiração, nem respeito.

Permaneci nesse relacionamento tóxico e abusivo mais pela igreja do que por mim. Por muito tempo, tomei antidepressivos para suportar a vida que eu estava levando. Me sentia perdida, sufocada.

Até que, em um dia comum, algo dentro de mim mudou. Estava olhando meu filho pela janela do quarto — ele brincava com sua motoquinhinha, inocente, pequeno — e ali, naquele instante, vi com clareza o quanto meu marido o perseguia emocionalmente.

O quanto aquela criança, que deveria estar livre e em paz, crescia sob um ambiente de tensão constante. Senti meu coração despedaçar.

Entrei em crise. Chorei, desabei, e tive uma conversa franca com Deus. Abri meu coração como nunca antes:

“Senhor, sempre ouvi que Tu és amor, mas eu não tenho sido feliz. Não acredito que um Pai deseje ver um filho infeliz. Se realmente me amas, livra-me deste casamento. Não quero ferir a Tua palavra, conheço as Escrituras e o que foi permitido a Moisés. Mas, se for da Tua vontade, concede-me essa liberação. Ele não me traiu, mas me fere todos os dias com sua forma de ser. Por favor, se esse for o Teu querer, faz com que ele saia de casa. Eu não aguento mais, preciso respirar de novo. Senhor, faz alguma coisa por mim.”

Depois daquela oração, algo começou a mudar dentro de mim. Eu ainda não sabia como tudo se resolveria, mas algo em mim havia sido entregue. Pela primeira vez, eu parei de tentar sozinha e coloquei toda a situação nas mãos de Deus — sem máscaras, sem fórmulas, só com a verdade do meu coração.

Passaram — se alguns dias, e foi então que mais uma vez ele tomou mais uma decisão sem me consultar: alugou nosso apartamento para um casal de outra cidade, já havia recebido o dinheiro e me comunicou apenas na véspera da mudança. Me senti arrancada da minha própria vida.

Quando os inquilinos descobriram que eu não sabia de nada, cancelaram o acordo — e foi o estopim. Ele se descontrolou emocionalmente, agiu de forma agressiva e hostil. Foi então que, como se despertasse de repente, me olhou e disse com firmeza: “Estou saindo de casa. Quero o divórcio.”

Quando ele saiu de casa, desabei em choro, sentindo dor e vazio. Então ouvi a voz suave e firme do Espírito Santo: “Você não me pediu isso? Eu fiz. Agora levante-se e faça o que precisa ser feito.” Essas palavras me

fortaleceram. Limpei as lágrimas, me ergui e, mesmo sem saber por onde começar, entendi que não podia parar.

Entre a verdade e a tradição!

Sempr fui contra o divórcio. Por muito tempo carreguei a culpa de não ter conseguido formar a família tradicional que a igreja tanto prega.

Por mais que eu soubesse, no fundo, que tinha feito a coisa certa, ainda me sentia rejeitada espiritualmente.

Um dia, perguntei a uma pastora:

— “Por que a igreja impõe tanto peso sobre as pessoas?

Por que tantas mulheres vivem e morrem infelizes, presas em casamentos destrutivos, apenas para manter uma imagem de obediência? Por que, mesmo me sentindo aceita por Deus, me sinto rejeitada pela igreja?”

Ela me respondeu com uma passagem que mudou minha vida:

Malaquias 2:16.

Eu sempre ouvi que “Deus odeia o divórcio”, mas nunca tinha lido o versículo completo com atenção. Ali está escrito que Deus odeia o *desprezo, a violência, a injustiça dentro do casamento*.

A pastora me disse:

— “Deus não odeia você por ter se divorciado. Deus odeia o que você passou. Ele odeia a dor, a humilhação, o medo. Ele ama você. E Ele se alegra por você ter escolhido a vida.”

Naquele momento, comprehendi que Deus nunca deixou de me amar. Que Ele me acolhe, não pelo meu estado civil, mas pela minha integridade, pela coragem de romper o ciclo de dor. Me senti, finalmente, em paz com o céu — e com meu coração.

Ainda sou filha

Talvez você esteja lendo esse capítulo com o coração apertado, tentando encontrar um lugar de paz no meio de tantos julgamentos — internos e externos.

Talvez você também tenha crescido ouvindo que a família perfeita é aquela que permanece intacta, não importa o quanto doa.

Que sair de um casamento é sinal de fraqueza, de pecado, de fracasso. Eu entendo esse peso. Eu carreguei ele por muito tempo.

Mas hoje eu sei que tem uma diferença entre desistir por egoísmo... e parar de se destruir por amor próprio.

Nem todo fim é fracasso — às vezes, é proteção. Às vezes, é Deus te puxando para fora daquilo que está te apagando aos poucos.

Não estou aqui para dizer o que você deve fazer com a sua história.

Só você sabe das suas dores, das suas tentativas, do quanto já chorou em silêncio.

Mas o que eu posso te dizer com o coração aberto é que **Deus não te abandona se você não seguir o roteiro que os outros escreveram para você.**

Ele não te ama menos se você precisou recomeçar. Ele não se afasta, se você disse “basta”.

Você pode estar num casamento difícil, tentando fazer dar certo. Pode ter se separado. Pode ainda estar confusa, com medo, sem saber o que é certo.

Seja qual for sua realidade, você não precisa carregar sozinha essa culpa que a religião ou a sociedade colocaram nos seus ombros.

Você é humana. Deus sabe disso. E mesmo assim — ou talvez por isso — Ele continua te amando profundamente.

Ele vê o que ninguém vê. Sabe das vezes que você orou baixinho, das noites que dormiu chorando, das forças que você tirou sabe-se lá de onde. E sabe o que mais?

Ele não exige de você uma vida perfeita. Ele só quer que você viva — inteira, em paz, com dignidade.

Você não precisa escolher entre Deus e sua saúde emocional. Entre fé e liberdade. Entre continuar num lugar que te fere e ser “aceita”. Porque o amor de **Deus não tem esse tipo de condição.**

E se algum dia te ensinaram diferente... eu sinto muito. Mas isso não veio d'Ele. Você não está sozinha. E você não precisa ser perfeita para ser profundamente amada.

“Ele cura os que têm o coração partido e cuida das suas feridas.” — Salmos 147:3

Esta não é uma história sobre separação. É uma história sobre libertação. Talvez você tenha medo de dar um passo — ou esteja tentando entender o que Deus pensa sobre tudo isso.

O que posso te dizer, com o coração em paz, é:

Deus te vê. Deus te ama. E Ele não te condena por escolher viver com dignidade. Respire. Recomece. Ainda há propósito para você.

Dedicatória

Ao meu filho Benício, que trouxe luz e revelou o amor mais puro. À minha mãe Lauranir, por seu amor firme e fé inabalável. E, acima de tudo, ao Espírito Santo de Deus, cuja presença amorosa e orientação sábia foram fundamentais em cada passo desta jornada. Desde a concepção deste livro até seu desfecho, você esteve ao meu lado, guiando-me e inspirando-me com sua luz divina. A você, Espírito Santo, dedico este livro como uma expressão da minha gratidão e reverência. Que sua presença continue a guiar cada palavra e tocar cada coração que encontrar este testemunho.

Estefania Silveira, aos 42 anos, carrega muito mais do que títulos acadêmicos e conquistas profissionais — carrega marcas de uma caminhada feita entre vales profundos e altos montes, sempre guiada pela mão fiel de Deus. Mãe do Benício, sua maior inspiração, ela aprendeu que o chão do deserto pode florescer quando regado por lágrimas e fé.

É formada em Administração Financeira, licenciada em Matemática e Ciências Biológicas, com especialização em Orientação Escolar e Fitoterapia Estética. Reconhecida como Campeã do Prêmio Top of Mind Brasil 2018/2019, liderou uma escola de excelência na formação de profissionais da Estética. Mas por trás dos reconhecimentos públicos, havia uma história de dores silenciosas e recomeços corajosos.

Perdeu o pai. Perdeu dois irmãos. Perdeu um filho. E quando a dor parecia já não caber no peito, enfrentou um divórcio e viu sua escola — construída com 13 anos de dedicação — fechar as portas. Como se não bastasse, sobreviveu a uma infecção generalizada que a levou às portas da morte.

Foi nesse cenário desolado que ela descobriu um amor que não falha, uma presença que não parte: Cristo, que permanece mesmo quando tudo mais se vai.

“A Fé no 1%” é seu primeiro livro — mas mais do que isso, é um grito de esperança em forma de palavras. Um testemunho vivo de que Deus ainda faz milagres quando a medicina diz “não”. Não se trata de uma fé inabalável, mas de um Deus incomparável, que transforma diagnósticos em promessas eternas.

Estefania acredita, com toda a força que lhe resta, que quando tudo parece terminar, é exatamente aí que Deus começa a escrever os Seus maiores milagres.



A watercolor illustration of a woman with dark hair tied back, wearing a reddish-brown dress, swinging on a swing hanging from a large tree branch. She is looking towards the right side of the image. In the background, a bright yellow sun sets over a horizon where two small figures, possibly children, are walking hand-in-hand. The sky is a warm orange and yellow, transitioning into a darker blue at the top, with soft brushstrokes.

A menina e seus sonhos

Fátima Regina dos Rezes Carvalho

Lívia era uma menina de 10 anos com um sorriso contagiante e olhos brilhantes que sonhavam alto. Apesar da vida difícil em casa, com brigas e desavenças, Lívia encontrava refúgio no exemplo forte de sua mãe. Sonhava em ser trapezista, queria voar alto como os artistas de circo. Imaginava-se equilibrando-se no ar, com o vento no rosto e a plateia aplaudindo e muitas vezes tentava saltar de um galho para outro, nas árvores do pomar.

Mas Lívia não era apenas uma sonhadora, ela também amava escrever. Passava horas rabiscando histórias e poemas em um caderno ou em folhas avulsas que escondia em seu quarto. Nas palavras escritas encontrava refúgio, seu lugar de cura e segurança.

E havia o balanço, feito por seu pai com suas próprias mãos. Era um dos poucos brinquedos que Lívia possuía, e ela o amava profundamente. O balanço ficava preso em uma árvore no quintal de casa, e Lívia passava horas lá, sentindo o vento no cabelo e o sol no rosto. Era seu momento de paz, longe das brigas e dos problemas.

Certo dia, enquanto balançava, Lívia teve uma ideia. Iria escrever uma história sobre uma trapezista que voava alto, mas que também sabia o valor da família e da amizade. A história começou a fluir, e Lívia se perdeu nas palavras. Quando deu por si, o sol estava se pondo, e sua mãe a chamava para jantar.

Lívia sabia que a vida não seria fácil, mas com seu balanço, sua escrita e seus sonhos de trapezista, ela sabia que poderia enfrentar qualquer desafio que viesse pela frente. E quem sabe, talvez um dia ela voasse alto mesmo, levando seu sorriso e sua alegria para plateias inteiras.

E então sua mãe morreu. A morte da mãe foi um golpe duro para Lívia. Ela tinha 17 anos e estava começando a se encontrar como pessoa. A perda da figura materna a fez sentir-se perdida e sozinha. Mas a vida não parou, e Lívia precisou se adaptar às novas circunstâncias. Mudou-se da pequena cidade natal para morar, com sua irmã mais velha e seu cunhado, na capital paulista.

A cidade grande foi um encantamento para Lívia, que estava acostumada com a tranquilidade da pequena cidade onde cresceu. Determinada a seguir em frente, continuou seus estudos, trabalhou, encontrou um amor, se casou e teve 3 filhos.

Com 40 anos, os filhos já adolescentes, resolveu retomar os estudos e foi cursar um curso de graduação, pois na época trabalhava com educação infantil.

Na creche onde trabalhava conheceu uma família, formada por mãe, usuária de crack, que viria a falecer meses depois, e suas filhinhas Didi e Nani. As duas irmãs eram inseparáveis, e Lívia, como toda equipe da creche se encantou com sua alegria e resiliência. A mãe fazia o possível para cuidar delas, mas infelizmente não conseguiu superar seus problemas. Quando ela faleceu, Lívia ficou devastada, o que seria daquelas lindas meninas, pois não havia pai, não havia outros familiares. Como responsável pela creche, ela acionou o conselho tutelar, e as meninas foram enviadas para um abrigo, que seria a morada delas e continuaram a frequentar a creche.

Lívia tinha paixão pelas duas meninas e, sendo assim, a convite da coordenadora do abrigo, passou a levar as duas meninas, aos finais de semana, para sua casa. Era uma alegria muito grande, toda família de Lívia amava aquelas crianças.

Porém chegou um dia que a vara da infância disse que elas estavam prontas para serem adotadas. Lívia tinha muita vontade de adotá-las, mas a vida ainda era financeiramente instável e Lívia não poderia adotá-las. E por esse motivo teve que se afastar delas, não as levava mais para os finais de semana na sua casa nem as visitava no abrigo.

Apesar da dor que sentia, Lívia sabia que era importante para elas terem uma família que lhes desse amor e segurança.

Esse dia chegou. Uma família italiana foi escolhida para adotá-las. E lá foram as duas morar na Itália. No início dessa fase ainda recebia notícias delas pela diretora do abrigo, de pois de alguns anos houve uma comunicação via internet, mas aos poucos elas foram falando a língua estrangeira e diminuíram a comunicação. Mas o contato ainda permanece, apesar do dialeto que falam.

E como a vida é movida de sonhos, hoje o sonho de Lívia, entre outros é visita-las na Itália.

Lívia olha para trás e pensa naquela menina cheia de sonhos, ela conseguiu voar. Os altos e baixos pelos quais passou e as muitas conquistas fizeram dela o que é hoje.

Se orgulha de ter construído uma carreira profissional de sucesso, de ter estudado e se formado em uma área que ama

Criou os filhos com amor e dedicação, e agora eles são adultos felizes e bem-sucedidos. Apesar da falta do seu esposo, sabe que ele está presente em seu coração e é muito grata à vida que teve com ele.

Seus filhos lhe deram netos, presentes inavaliableis que trazem mui-

ta alegria e amor. E agora, como avó, ela pode aproveitar os netos e ver a nova geração crescer.

Mas há uma coisa que Lívia nunca deixou pra trás: o gosto por escrever. Ela continua a escrever em seu tempo livre. A escrita é sua terapia, sua forma de processar o mundo e de se conectar com as pessoas.

Lívia sabe que a vida é preciosa e que cada momento deve ser aproveitado. Ela não se arrepende de nada, pois cada experiência, boa ou ruim, a tornou a pessoa que é hoje. E ela está grata por ter tido a oportunidade de amar e ser amada, de ter feito a diferença na vida das pessoas ao seu redor.

Agora, Lívia se sente pronta para realizar seu sonho de visitar Didi e Nani na Itália. Sabe que será um momento especial, uma chance de reviver memórias e criar novas. E quem sabe, talvez ela até se inspire em novas histórias para escrever.

A vida é cheia de surpresas, e Lívia está pronta para o que vier, criando, assim, muitas novas memórias.

Fátima Regina dos Rezes Carvalho

Nasceu em 26 de março de 1956 em Santa Maria RS. Em 1975 mudou-se para a capital paulista, onde estudou, casou, teve filhos. Formou-se em Pedagogia e grande parte de sua vida profissional foi em Organizações do Terceiro Setor.

Mudou-se para Joinville há 11 anos e 10 meses.

Email: crrefa@gmail.com



*Reflexões de um Tempo (Não)
Tão Longinquas*



G.F. SILVA DEGANG

Sempre achei estranho o modo como o destino nos apresenta certas experiências capazes de transformar nossas vidas. Até os meus 36 anos de idade, não tive muitos motivos para me preocupar ou dedicar algum tempo de reflexão a essa ideia. No entanto, hoje em dia, é impossível não pensar nisso. Carrego esse pensamento do mesmo modo que uma criança leva para a vida adulta suas cicatrizes de infância. Há dias em que me sinto sob o fio da navalha... ao tentar sufocar minhas lembranças daquele inferno clínico e dos corredores hospitalares. Talvez esteja na hora de expor meus demônios e trazer luz àquele período que vivenciamos no completo terror da pandemia da COVID-19.

Como boa parte dos meus colegas de profissão, eu vi e vivenciei o pior do ser humano. Não me orgulho, tampouco sinto prazer em dizer isso. Não estávamos preparados para o que viria no ano de 2020. À época, havia recém me formado como psiquiatra e colhia os louros numa cidade ao sul do país, trabalhando em um dos maiores e mais requisitados hospitais daquela região. Minha vida, assim como a de milhões de brasileiros, estaria de pernas para o ar em poucos meses.

Para quem não estava acostumado com a fileira de corpos jazendo sobre as macas, envoltos em sacos pretos, a expressão de choque era algo comum no semblante dos novos pacientes que voltavam sua atenção para os corredores — chamados pela equipe de enfermagem de “necrotérios”. Não havia espaço para transitar: onde quer que fôssemos, era necessário espremer-se entre as paredes e a corrente de contenção que delimitava a divisa entre uma ala e outra. Ainda posso me lembrar, de forma tão vivaz, do olhar de um paciente de vinte e poucos anos, denunciando o medo mais primitivo de se juntar à fileira de sacos pretos.

Levei muito tempo para deixar de acreditar que aquilo era uma espécie de punição. Nunca fui religioso, mas toda aquela loucura parecia ser fruto de uma profecia que previa o fim da humanidade. Todos sofriam à medida que a doença se espalhava por diversos bairros e cidades. O vírus não tinha predileção por classe social — estava presente nas alas de emergência, uma mescla significativa de pessoas com diferentes funções dentro da sociedade. Havia gente rica, havia gente pobre, e houve ocasiões em que me ofereceram dinheiro como se eu pudesse salvar aquelas vidas. Ficamos amortecidos pela desesperança e, como resultado, naturalizamos aquele cenário de guerra. Tenho total consciência de que essa atitude tomada por nós foi um ato de preservação da sanidade e uma maneira de sustentar a postura de combate.

Não sei o motivo de ter prosseguido até o fim. Muitos dos meus colegas não suportaram o caos e simplesmente deixaram o posto de trabalho, enquanto outros, semanalmente, eram afastados por apresentarem

sintomas da doença. Não posso julgá-los, e nem cabe a mim fazê-lo. Por mais de uma vez, me sobreveio a vontade de jogar tudo para o alto e correr para casa, pegar minhas coisas e ir embora para a chácara da minha família, no interior de Minas Gerais. Todavia, sempre que o despertador do celular tocava, rompendo o característico silêncio da madrugada no centro da cidade, eu era lançado automaticamente para fora da cama e, logo em seguida, vestia-me com roupas e sapatos leves, sem saber se voltaria depois de doze ou dezesseis horas de plantão. Todo santo dia, às quatro horas da manhã, deixava minha esposa debruçada sob os lençóis e partia rumo ao desconhecido, carregando no peito o temor de retornar doente para casa.

A paranoíta tomava conta dos meus pensamentos no instante em que eu chegava à ala dos funcionários. A ideia de adoecer exercia sobre mim um pavor tão grande que, em algumas ocasiões, considerei estar tendo uma forte crise de ansiedade. Embora seguisse todo o protocolo rigoroso do Ministério da Saúde de desinfetar as mãos com álcool em gel e me vestir feito um astronauta, qualquer espirro ou tosse causava um pânico generalizado. Por menores que fossem os sintomas gripais, era necessário esterilizar o ambiente e testar a todos.

Apesar dos leitos hospitalares estarem constantemente cheios, vivíamos numa eterna sensação de vazio. O contato era restrito tanto com os pacientes quanto entre os próprios funcionários. Certa vez, ouvi uma enfermeira dizer a outra, em tom reflexivo, que aquilo que passávamos era uma espécie de “solidão entre máscaras”. Confesso que, na hora, achei um tanto melodramático as palavras dela; porém, passei a associá-las cada vez mais a outros aspectos da minha vida. De fato, tudo o que tínhamos de mais precioso perdemos rapidamente, como um piscar de olhos, em menos de dois anos. A junção de múltiplos fatores — como o isolamento, o medo de contrair o vírus e, principalmente, a impossibilidade de tocar fisicamente os entes queridos — foi um terreno fértil para a propagação da apatia e da frieza humana.

Além dos problemas e dos demais dilemas enfrentados no dia a dia, havia algo muito mais difícil de lidar: o luto.

Creio que essa foi a fase mais aguda no hospital. Nos padrões médicos, existe um protocolo adequado para comunicar uma morte, mas durante a pandemia era outra história. Quando um paciente infectado pela COVID-19 morria, ninguém mais podia ter contato com o corpo. O máximo que podíamos fazer era enviar à família uma foto do paciente como forma de comprovação do óbito. E o resultado? Bem, as pessoas simplesmente surtavam.

Gostaria de que houvesse uma maneira, ou quem sabe, uma fórmula de processar a perda sem que passássemos por uma longa e avassaladora

angústia — ao menos é isso que todo mortal pensa e deseja. O luto nos faz caminhar na beirada do abismo, e tudo o que avistamos lá dentro reflete em nossas almas. A escuridão nos conquista e nos transforma — deixar-se cair em suas profundezas é demasiadamente simples. Acho que foi exatamente isso que acontecia nos instantes após as mortes. Toda semana, alguém tentava invadir a ala de funcionários para agredir os médicos; outros quebravam tudo de raiva; e alguns gritavam, dizendo que estávamos mentindo a respeito da COVID-19.

“Estamos apenas seguindo os protocolos”, dizíamos, a fim de acalmar os ânimos. De nada adiantava. Todos pareciam mergulhados numa surdez crônica.

Cumprir e seguir os protocolos nos cobrou um alto preço. Dois ou três médicos de nossa equipe desenvolveram estresse pós-traumático e têm crises de pânico. Conheço uma dúzia de socorristas que lutam diariamente contra a ansiedade e depressão. E quanto a mim? Não pude ficar de fora dessa equação — ainda que o meu caso tenha sido o mais severo de todos. Meses antes da Organização Mundial da Saúde anunciar o fim do estado de emergência, passei a sentir um extremo cansaço. Temi estar infectado pelo vírus; porém, exames gerais revelaram algo muito pior: um câncer.

Receber essa notícia me fez travar uma corrida contra o tempo. Foi necessário cerca de um ano de tratamento para curar-me completamente da doença. A experiência da COVID-19, bem como o câncer, concedeu-me uma nova perspectiva de vida que jamais imaginaria. Hoje, minha mulher e eu vivemos longe das capitais, naquela chácara em Minas. Quando me perguntam se voltarei à minha antiga rotina, sempre respondo que não sei o dia de amanhã. E, para ser honesto, nem desejo saber.

Nascido em abril de 2001, em uma cidade pacata do sul do Brasil, Gabriel Felipe, mais conhecido como Silva Degang, é um jovem escritor que traz em suas obras uma visão realista das interações humanas. Curto, direto e intenso, o autor extraí de suas experiências os aspectos mais simples do cotidiano e os transforma em reflexões que flertam com o existencialismo — marca registrada que lhe garantiu uma posição como finalista do Prêmio Literário Outono em Vários Tons de 2025.

Inspirado por escritores como Machado de Assis, Carlos Castaneda e Paulo Coelho, bem como pela filosofia nietzschiana, Silva Degang apoia-se em sua bagagem literária e cultural para criar novas histórias que combinam ironia, espiritualidade e pensamento crítico, dando origem a narrativas de prosa refinada e ritmo introspectivo, sempre voltadas à busca de sentido em meio à fragilidade humana.



GAEI um GAROTO DE CAFARNAUM



GILSON ESTEVÃO

Israel nunca mais foi o mesmo depois da invasão militar dos romanos, iniciada em 66DC, período governado pelo nefasto Imperador Nero, quando praticamente destruíram Jerusalém. Colocou abaixo o majestoso Templo de Jerusalém, construído pelo admirado Rei Salomão e que depois, curiosamente, havia sido restaurado pelo general e governador romano, Herodes o Grande, há muito tempo antes dessa guerra.

Uma guerra sangrenta, cruel e muito desigual, considerando que o povo de Israel não tinha um exército formado, portanto não havia preparo militar para esse combate. Apenas uma matança, comandada pelo General Vespasiano, que mais tarde se tornaria o novo imperador de Roma, e seu filho Tito.

Apesar de tudo, anos depois, um povo judeu remanescente ainda se mantinha em Jerusalém tentando continuar suas vidas, dentro da sua prática de fé, sem abrir mão da Cidade Santa. Assim como, também, havia muitos cristãos, que se reuniam escondidos, tanto de romanos como de judeus. Seus locais de encontros eram os mais absurdos, chegando a se encontrar em cavernas e catacumbas fedorentas. A identificação era por código, apresentando o desenho de um peixe. Isso ocorria tanto em Jerusalém, como também, em algumas cidades do interior, onde o cristianismo ainda estava crescendo, a despeito de tudo o que enfrentavam.

Nas cidades do interior, como Cafarnaum da Galileia, por exemplo, cidade onde Jesus Cristo - o Senhor dos cristãos - iniciou suas atividades, quase não tinha mais ninguém. Cafarnaum foi uma das primeiras cidades tomadas pelos romanos. Um primeiro embate exercido pelas inúmeras fileiras romanas, muito bem treinadas e impecavelmente trajadas, venceu facilmente a pequena resistência, porém muito teimosa de judeus, habitantes locais. Na sequência seguiram enfrentando muralhas resistentes, como Gamla, ainda na região da Galileia e depois Massada, já chegando à Judeia, onde o confronto com os zelotes, um pouco mais treinados, foi muito acirrado. Só depois de vencer toda a resistência judaica, o exército romano chega a Jerusalém para o confronto final, três anos mais tarde. Esse era o fim do estado de Israel e de sua liberdade religiosa, tão preservada. Mais de um milhão de judeus foram mortos.

Cafarnaum ficou devastada, com muitas casas incendiadas, prédios derrubados, carroças destroçadas, muito choro e desespero. Havia muitas pessoas mortas, misturadas com animais mortos largados pelas ruas. O cheiro era insuportável e o clima, era de terror.

Contudo, uma família de cristãos, em destaque, sobreviveu ao massacre, perdendo apenas seu patriarca, Joel, que foi executado em praça pública diante de seus familiares. Uma morte lenta que deixou todos muito

aterrorizados. Essa lembrança seguiu por suas gerações seguintes.

Da linhagem desse mártir, cerca de duzentos e cinquenta anos depois, destaca-se uma família que ainda mantém sua fé em Jesus Cristo, o Salvador. Eles se encontram com um grupo de cristãos da cidade, sempre em locais distantes dos olhos romanos, como também de judeus. A fé continuava a mesma, mas a ira, não diminuiu nada. Cafarnaum nunca mais foi a mesma.

Dessa descendência nasceu Gael, em 298 DC. Um menino bonito e inteligente que herdou o temperamento de seu tataravô, Joel. Ou seja, um garoto de briga, que tinha como meta resistir aos romanos em Israel.

Além de tudo, era um garoto muito forte. Tinha um corpo muito avantajado em relação aos outros garotos de sua idade. Sua mente é aguçada, sempre idealizando coisas ruins em relação aos soldados. Trazia uma faca de lâmina torta, chamada Sica, guardada dentro do seu cinto, herança de seu tataravô, que pertenceu aos extintos sicários, também chamados de Zelotes.

Gael, aos 16 anos, após inúmeras molecagens investidas contra os romanos, que até foram tolerantes com ele, certo dia foi apanhado pelos soldados, para desespero de sua mãe. Eles o arrastaram pela cidade amarrado a um cavalo. Todo ensanguentado pelo atrito com o solo, e também por ter apanhado muito dos soldados, foi largado perto de sua casa, com um aviso bem claro dos soldados:

- Essa é a última vez que nós lhe traremos esse moleque de volta, na próxima, virá morto.

Gael estava com sua perna direita bem machucada. Uma fratura exposta.

Cafarnaum tinha apenas um médico, que era judeu, e não tolerava cristãos. O que poderiam fazer com esse garoto? Incorrigível e hiperativo!

Gael estava acordado e gemendo muito de dor na perna. A aflição era grande. Sua mãe, desesperada.

Por fim conseguiram convencer o médico a vir até sua casa, para atender Gael, que já não aguenta mais de dor na perna. Ele deu um sedativo para Gael e em seguida já começou seu procedimento clínico.

Depois de duas horas de uma cirurgia improvisada dentro de um quarto, o médico finalizou e saiu deixando Gael dormindo, e uma grande sujeira de sangue pelo quarto inteiro.

O que ele fez? Amputou a perna direita de Gael.

- Bom! Pelo menos agora esse garoto vai ficar um pouco mais sossegado. – Disse o médico, gordo e suado depois de todo esse trabalho, porém com um leve sorriso de deboche no canto da boca.

Os pais não sabiam se agradeciam a ele, ou se o expulsavam de sua casa. A tristeza era grande em todos. A mãe, só chorava.

Quando o garoto acordou, sua ira triplicou. Totalmente inconformado, urrava de ódio de todos, romanos e judeus. A coisa só piorava.

Capítulo 01

Alguns meses se passaram e nada mudou na vida de Gael, que caminhava com a ajuda de uma muleta que seu pai confeccionou, utilizando galhos fortes de oliveiras, bastante comum em sua região, devido ao clima e solo favorável. As oliveiras tinham um grande significado religioso para o povo judeu. Sua caminhada estava bem comprometida, porém, não o paralisava. Ainda se encontrava com alguns de seus colegas e mantinham sua ideologia conspirativa objetivando resistir aos invasores romanos. Depois do que lhe fizeram, Gael estava ainda mais inconformado do que sempre foi. Os soldados, por sua vez, o vigiavam constantemente.

Seus pais se encontravam furtivamente com outras famílias cristãs, em locais secretos, onde oravam e liam trechos das Sagradas Escrituras, mantendo sua fé em Jesus Cristo, o Salvador. Gael até foi algumas vezes, mas nunca conseguia aguentar por muito tempo. Ele era movido por uma inquietação absurda, consequência de seu hiperativismo, e não suportava o tédio desses encontros. Acabava saindo logo.

Certo dia encontrou-se com Debora, uma garota que ele não via há um bom tempo, desde quando ainda eram crianças. O tempo passou.

- *Debora! É você mesma, garota?* – Pergunta Gael muito impressionado com o que está vendo.

- *Oi Gael. Eu soube do que te aconteceu. Lamento muito, querido.* – Debora é muito meiga e sua voz parecia uma canção entoada por um coral de anjos.

Gael ficou fascinado pela beleza e pelo encanto de Debora. E para seu espanto, descobre que ela vai aos encontros clandestinos dos cristãos, apenas não tinham se encontrado antes. O que faria agora, depois desse rápido encontro que mexeu com seu coração?

Ele a procurou e acabou encontrando no dia seguinte, próximo da casa dela. Como a cidade era muito pequena, e, principalmente após a guerra se tornou ainda mais concentrada, as casas ficavam um tanto próximas umas das outras. Era uma vila de pescadores e todos se conheciam. Apenas algumas famílias ainda permaneciam um pouco mais retiradas do centro, com suas propriedades preservadas. A família de Debora era uma dessas, eles tentavam viver suas vidas independentes dos demais moradores, por isso Gael não a viu mais.

Acabou encontrando. Porém, os pais dela não gostaram nada desse encontro. Gael, ansioso, foi bem objetivo e logo foi declarando seus sentimentos para Debora, que apesar das condições físicas dele, ela gostou. Mas, o que ele poderia prometer aos pais dela? Viver de amor?

A primeira coisa que ela lhe pediu foi para que se convertesse e passasse a se encontrar com os demais cristãos. Seu argumento é simples: se ele não se conforma com a situação em que estão vivendo, então ore a Deus pedindo justiça para o seu povo. Esse era o procedimento comum dos cristãos que gerava tédio em Gael. Pelo menos até agora. Tudo pode mudar.

O que Gael queria era Mudar o Mundo! Um inconformado. Por isso aceitou, e, também porque queria se casar com Debora. Quanto aos seus argumentos, bom, isso depois será visto.

Debora então pediu para ele ter uma conversa com o seu pai. Essa era a pior parte.

Obviamente não deu nada certo e Gael tinha uma nova batalha.

Debora até gostava de Gael, mas sabia que isso não iria dar em nada, devido às condições físicas dele e também por não ter o consentimento dos seus pais. Ela não estava disposta a enfrentar o mundo por um amor que nem era tão grande assim.

Seu pai foi bem claro!

- Você não entende nada da vida, garota! Esse rapaz não trabalha e não tem nada para te oferecer. Se pelo menos tivesse duas pernas, poderia trabalhar e conseguir o sustento para uma família. Mas não tem. É um inútil.

O pai falava isso e cuspia no chão. Um hábito desse povo, nessa época, para desprezar as pessoas deficientes e desqualificadas socialmente.

Gael já estava com 17 anos e nada acontecia de bom em sua vida, a não ser que devido ao seu rápido relacionamento com Debora, se aproximou um pouco mais de Deus nos encontros que havia em sua cidade. Gael achava que a situação dos cristãos era ainda pior que a dos judeus, que já originaram uma guerra e seus antepassados acabaram morrendo.

Até onde tudo isso valeria a pena?

Ele precisava de respostas. Nem Jesus conseguia dar uma direção para sua vida. O que mais ele poderia tentar?

Certa ocasião, Gael estava indo com dois amigos para um encontro com outros cristãos, quando viu um grupamento de soldados, cerca de dez, devastando o local secreto onde se reuniam. A tempo, conseguiram se esconder e observar a distância o que estava acontecendo, até perceber que Debora e seus pais estavam sendo torturados pelos soldados. O pai dela foi o primeiro a ser morto pela espada romana, depois foram os demais. Gael

ficou furioso! Contido pelos seus amigos, inclusive com uma mão sobre sua boca, foi arrastado do local. Na fúria de sua saída rápida e apavorada, Gael acaba deixando sua muleta para trás, sendo carregado pelos seus amigos. Depois de estar distante daquele cenário horroroso, Gael encontra seus pais que também se dirigiam para o local do encontro e os informa o que tinha acabado de acontecer.

O pânico é geral. Todos estão amedrontados com o que pode ocorrer após esse novo massacre.

Gael estava totalmente irado. O que mais poderia lhe acontecer? Sua vida era muito difícil.

- *Por que Deus não protege o seu povo, no momento em que vão se encontrar para cultuá-lo?*

No dia seguinte, sua muleta foi encontrada e trazida até sua casa pelos soldados, que novamente o ameaçavam violentamente com muitos deboches. Uma provocação que ele não aguentava mais.

Quebraram sua muleta na sua frente, deixando ela em dois pedaços. Isso apenas obrigou seu pai a fazer outra, sem problemas, mas ele ficou muito irritado.

Toda essa situação e esse clima hostil em sua cidade ainda permaneceram por muito tempo e a vida era muito ruim para todos.

Um ano depois, 313 DC, aconteceu algo jamais esperado.

O novo imperador romano, Constantino, que após ter tido um sonho com uma cruz, aceita Jesus como Senhor e seu Deus. Tempos depois, a partir dessa decisão, o imperador decreta o Édito de Mileto, onde libera todos os povos que compõem o Império Romano, para praticarem livremente sua fé, em suas religiões, onde quer que estejam.

Essa notícia foi recebida com muita alegria por todos e um novo tempo se estabelece em Israel. Cafarnaum passa a ser uma das cidades mais cristãs de todo Israel, principalmente por ter sido ali o início de todo o movimento religioso que foi resistindo ao longo desses anos.

As coisas mudaram bastante. Agora, o cristianismo tem mais importância do que o judaísmo.

Gael se encontrava diariamente com outros jovens em locais públicos para falar de Jesus, bem como em suas casas. A sua casa passou a abrigar um encontro semanal de algumas famílias que até pouco tempo atrás só se encontravam em locais secretos. Como é bom ter essa liberdade, apesar de os soldados romanos acostumados a banir esses encontros, ainda continuarem respirando ares ameaçadores. Hoje a lei está do lado deles.

Toda essa novidade, sendo vivida, não era feita com conforto. Havia uma desconfiança, afinal, eram soldados romanos. Homens que matam.

Seus olhares de deboche não mudaram.

Gael ainda estava muito inconformado com tudo o que já fizeram com o seu povo. Deveria haver uma justiça que punisse esses soldados assassinos.

Em algum lugar seu povo deve ser mais respeitado. Aqui não é!

- *Eu preciso sair de Cafarnaum. Preciso encontrar um lugar melhor para viver.*

Capítulo 02

- *Gael! Você está maluco!* – Sua mãe está inconformada com a decisão do garoto.

- *Mãe! Eu já decidi! Vou para Jerusalém. Lá é a terra de judeus e cristãos. Com certeza vou ser mais respeitado, além do que, coisas maiores acontecem em cidade grande.*

Gael está totalmente decidido. Vai tentar a vida em Jerusalém, cidade distante a 170 km de Cafarnaum. Uma boa caminhada.

- *Meu filho. Essa viagem é muito longa, você não vai suportar essa caminhada. Precisa levar muitos suprimentos junto. Como você vai fazer isso, só com uma perna?* – Pergunta seu pai.

A essa altura, nada mudaria a decisão de Gael. Sua cabeça já está lá em Jerusalém.

O tempo de viagem entre essas cidades é de cerca de uma semana, num ritmo bem aproveitado, que uma pessoa com duas pernas faria tranquilamente. Já para alguém nas condições de Gael, o tempo pode ser até o dobro. As condições de viagem são muito precárias. Vai exigir duas sandálias extras, considerando que suas sandálias de couro bastante rudimentares, são de fabricação caseira. Além do desgaste da roupa. Também precisa avaliar as condições climáticas. Se houver chuvas pelo caminho, o que é bem comum, o garoto poderá pegar uma gripe, sentir muito frio, e não terá ninguém para acolhê-lo num momento desses. Terá que se alimentar de frutas que pegar pelo caminho e beber água do rio, quando o encontrar. E além de tudo isso, ter sorte de não ser assaltado por bandidos que com certeza vai encontrar pelo trajeto, ou até por soldados romanos, inimigos naturais.

Realmente, a ideia é bastante ousada.

Uma semana depois Gael está seguindo pela Estrada do Centro, via que corta todo o interior de Israel, seguindo pelo Rio Jordão, atravessando a província de Samaria, até chegar a Judeia.

Tudo o que estava previsto acontecer no trajeto, aconteceu. Suas sandálias foram totalmente desgastadas, obrigando-o a finalizar a viagem descalço, o que acabou machucando muito o seu único pé. Seu pé, inchado,

do, machucado, cheio de barro, poeira e fezes de animais espalhadas pelo caminho, dificultou muito os últimos quilômetros percorridos. Suas roupas foram se estragando pelo caminho e Gael chega com trajes bem rasgados e sujos, causando uma péssima impressão para quem o visse. Com muito suor e perda de calorias pelo caminhar excessivo, o deixou muito magro e fraco.

Não foi assaltado nenhuma vez, porque as pessoas ao verem sentiam nojo dele e cuspiam no chão. Perdeu a conta de quantas pessoas cuspiram no chão a sua frente e alguns até sobre ele.

Gael já havia atravessado quase toda Samaria, faltando bem pouco para entrar na província da Judéia, quando encontrou um pequeno vilarejo. Ao ver algumas casas, tentou andar mais apressadamente nesta direção. Uma ideia muito ousada para as condições em que estava. Após alguns passos, caiu desfalecido.

De longe algumas pessoas viram e vieram acudi-lo, levando-o para uma dessas casas, de famílias samaritanas. Um bom samaritano cuidou dele pessoalmente, lavando ele e tratando suas feridas.

Gael havia chegado ao limite de sua exaustão. Febril, cansado, desnutrido e com o seu pé muito ferido, além de estar bastante machucado em sua axila direita, onde suporta todo o seu peso na parte superior da muleta. Na verdade, estava em carne viva. Foi obrigado a ficar nessa casa por vários dias, dos quais, uns quatro dias desacordado.

Depois de mais de uma semana, Gael aparentemente recomposto, não conseguia mais ficar ali parado. Agradeceu a hospitalidade que recebeu e seguiu seu caminho, pelos quilômetros finais que lhe restavam até chegar a Jerusalém. A família, muito generosa, lhe deu uma nova sandália, muito mal feita que não aguentou muito para se perder pelo caminho. Roupas novas, que também não resistiram muito, mas foi o suficiente para poder reanimá-lo.

Seu pé ainda estava bem machucado. Sua axila agora estava um pouco mais confortável, porque o senhorio que lhe acolheu fez uma adaptação com tecido na parte superior da muleta.

A viagem continuou até chegar ao seu destino.

Ao se deparar com os muros de Jerusalém a sua frente, Gael sentou-se no chão, extremamente cansado, sujo e faminto. E, então chorou. Chorou copiosamente, por vários minutos.

Depois começou a olhar mais detidamente para toda aquela fortaleza magnífica e os detalhes dos portões, com uma grande quantidade de pessoas entrando e saindo. Aquilo era esplêndido! Foi quando o choro deu lugar a uma boa risada, com grande satisfação por ter conseguido chegar.

Mesmo com seu pé todo machucado, Gael deu uns passos mais rápidos, pulando e vibrando muito, pois estava entrando na Cidade Santa, seu objetivo.

O que estava lhe esperando atrás desses enormes muros? Como será sua vida aqui?

Gael, como sempre, ao ser reparado pelas pessoas, era desprezado, com comentários jocosos e risos, outros cuspido no chão e até sobre ele. Isso estava se tornando muito irritante.

Mas agora, nada tirava sua satisfação de caminhar pelas ruas de Jerusalém.

- Jerusalém, Jerusalém! Foi o que Jesus disse quando entrou nessa cidade, certa vez. – Gritou Gael feliz.

- É! Mas, as coisas mudaram um pouco desde aquela vez. – Gritou para ele um homem que passava.

Essa cidade já foi destruída várias vezes por tiranos e vassalos, e da última vez, pelos romanos, não ficou pedra sobre pedra. Hoje, porém, é acolhida pelo Imperador Romano. Isso é um paradoxo para nós.

Sem alternativa, Gael começa a mendigar pelas ruas tentando encontrar alguma comida. Ele até conseguiu uma fruta e um pedaço de pão velho, que já ajudou bastante. Água tinha em algumas fontes da cidade. Deu para matar a sede e até se lavar um pouco.

Ao findar à tarde, com um belíssimo por do sol no horizonte, Gael se depara com um prédio maravilhoso. Ele estava à frente de uma igreja construída, para que cristãos pudessem realizar seus cultos livremente.

Sentou-se, muito cansado, e procurou algum conforto no chão empoeirado a frente daquela igreja e ali mesmo dormiu.

No dia seguinte, dois adolescentes o viram e perguntaram o que ele fazia ali deitado no chão.

- Desculpe! Eu acabei pegando no sono e dormi por aqui. Estava muito cansado da viagem. – Gael tentava se explicar.

Os meninos chamaram o pastor daquela igreja, que tinha acabado de passar por eles e entrou sem dar muita importância aos garotos e a condição de nosso jovem aventureiro. Logo que foi abordado pelos garotos, o pastor veio até a frente da igreja para ver o que estava acontecendo com Gael.

- Você está precisando de ajuda, meu jovem? – Pergunta o Pastor.

- Na verdade, preciso senhor. Estou chegando de viagem e acho que estou um pouco machucado e com fome. Eu só sentei aqui um pouco porque estava muito feliz em ter visto esta construção e acabei dormindo.

- Como é o seu nome rapaz? E de onde você vem.

- Me chamo Gael. Sou de Cafarnaum. Estou viajando sozinho há

quase um mês para poder chegar aqui. Eu queria muito ver como a igreja vive na Cidade Santa.

- *Meu nome é Cirilo. Essa construção é o prédio da igreja e eu sou o pastor dela.*

- *Poxa! Que legal! Eu até imaginei isso, mas não tinha certeza. O senhor é o pastor da igreja?*

- *Sim. Venha para dentro, vamos te ajudar com isso. Meninos me ajudem a trazê-lo para dentro.*

Assim, todos entraram naquele prédio maravilhoso e Gael quase não conseguia conter a sua emoção ao percorrer aquela obra maravilhosa. Ele só tinha ouvido falar sobre isso por comentários de outras pessoas que nem sabiam descrever exatamente o que estava aí, diante de seus olhos.

Bancos de madeira robustos, totalmente polidos. Janelas com pinturas clássicas. Um altar majestoso. Tudo era muito lindo.

Após alguns dias por ali, Gael já estava dormindo num quarto aos fundos da igreja, em troca de auxiliar na limpeza e manutenção do prédio. Nesse período, Pastor Cirilo, um homem muito bom, lhe dava diariamente ensinamentos teológicos e fundamentos doutrinários, que ele nunca tinha ouvido antes em sua cidade. Já conseguia imaginar como sua mãe iria gostar de ouvir as coisas que ele estava ouvindo.

Sem a menor chance de tédio nessas ministrações.

Capítulo 03

Depois de algum tempo nessa cidade, Gael já se tornou bem conhecido dos demais membros da comunidade. Participava de todos os cultos e não perdia as reuniões de ensino bíblico e doutrinário.

Cirilo era um pastor muito dedicado ao ensino, principalmente a novos convertidos, porém, o que ele mais gostava era de um jovem com sede de conhecimento. Isso Gael tinha de sobra.

Gael também estava frequentando algumas casas onde jovens se reuniam para conversar sobre as coisas de Jesus e seus ensinamentos. Numa dessas casas, ele conheceu Raquel, uma moça simples, muito mansa e pacífica, que se agradou de nosso jovem viajante.

- *Meu nome é Raquel. Eu moro com meus pais, aqui próximo, apenas uma quadra adiante. Nem sempre eu posso ir para os cultos na igreja porque meu pai não deixa.*

- *Poxa! Mas que pena! Seus pais não são cristãos?*

- *Minha mãe é, mas meu pai não. Nunca quis essa mudança de vida para ele. Ele gosta muito de encontrar seus amigos pelas tavernas, onde*

ele bebe até cair. Depois, quando chega em casa, bate na minha mãe e no meu irmão menor.

- *Que é isso! Ele não pode fazer isso com sua mãe! Isso é um crime.*
– *Gael fica facilmente indignado com essas coisas.*

Aquela reunião deixou Gael muito impressionado. Impressionado com Raquel, que lhe despertou um sentimento muito lindo, impressionado com as coisas que ela falou, sobre sua família. Mas também, muito impressionado com aqueles jovens. Todos muito cheios de fé e de amor. Sentimentos muito contagiantes que acabam mexendo com quem vai visitá-los.

Noutro dia ele conta tudo para Cirilo, que lhe ajuda com algumas orientações.

- *Gael! Você é um bom rapaz. Essa garota merece alguém como você, mas vai devagar para não arrumar confusão com o pai dela e estragar tudo. Eu conheço aquele homem. A sua condição física, a princípio, dificulta um pouco a confiança de um pai. Você precisa entender isso.*

- *Eu entendo isso muito bem, pastor. Eu já passei por isso uma vez. E, quer saber? Eu estou cansado das pessoas me desprezarem por causa da minha deficiência.*

- *Eu sei Gael.*

- *Eu posso fazer tudo o que eu quiser pastor. Eu vim sozinho de Cafarnaum e estou aqui, com você. O que mais eu preciso fazer para provar para as pessoas?*

- *Você não tem que provar nada para ninguém, meu filho. Você só tem que conquistar a confiança do pai dela. E isso vai lhe custar um pouco. Não vai ser rápido, devido a ele estar sempre bêbado e violento.*

- *Então como eu faço isso, pastor?*

- *Eu ainda não sei meu filho. Mas vamos descobrir isso logo. Confie em Deus.*

Assim se passaram mais alguns meses, e Gael já começou a dar estudos bíblicos nas casas onde jovens se reúnem. Ele aprende muito rápido e logo se tornou um líder entre os jovens, apesar de sua limitação.

Certo dia, durante um culto na igreja, um homem lhe falou:

- *Para Deus não há limites que Ele não possa vencer para capacitar alguém que se dispõe a servi-lo. Prepare-se porque você será um ministro do Evangelho. Deus tem um milagre para a sua vida.*

Isso mexeu com Gael. O fez pensar continuadamente que ainda poderia se tornar um pastor, ou missionário, ou qualquer outro tipo de obreiro. Quem diria?

Gael passava muito tempo conversando com Raquel. Eles gostavam de estarem juntos e tinham muitos assuntos em comum. Gael já havia con-

quistado o coração dessa moça. Mas ainda faltava o pai.

Certo dia, Gael passava pela rua da casa de Raquel, quando encontrou o pai dela, totalmente bêbado, tentando resistir a um assalto de vândalos aproveitadores.

Gael deu um grito e logo partiu para cima daqueles homens, fazendo uso de seu corpo forte e avantajado, que apesar de ter apenas uma perna, tem dois braços muito fortes. Com poucos golpes derrubou um dos homens e os demais o levantaram e se puseram a correr. À distância, Raquel e sua mãe viram tudo. Também viram alguns jovens da redondeza, que não tiveram coragem de acudi-lo, mas ficaram muito impressionados. Essa notícia correu rápido.

Gael foi com ele até sua casa, onde foram recebidos por Raquel e sua mãe. A mãe dela logo começou a cuidar de seu marido, com limpeza e curativos sobre os ferimentos da agressão.

Era tudo o que Gael precisava para adquirir a confiança do pai dela.

Logo mais, o homem se levantou de sua cadeira, ainda meio cambaleante pelo efeito da bebida, mas sóbrio o bastante para agradecer a Gael por ter lhe socorrido. Ficou impressionado com tanta coragem e valentia.

- Você é um homem de coragem! Muito obrigado meu rapaz. É de um homem assim que minha filha precisa para se casar. Alguém que possa lhe proteger.

Raquel ficou toda vermelha. Não conseguia esconder o sorriso que escapava pelo canto de sua boca, acompanhado de uma lágrima que desceu rapidamente pela sua bochecha rosada.

Gael olhou para ela e sorriu. Olhou para a mãe dela, que também estava sorrindo e agradeceu.

A mãe apertou seus lábios, com os olhos cheios de lágrimas, olhou para Raquel e abriu seu sorriso de satisfação. Elas se abraçaram, enquanto Gael tentava colocar o pai dela deitado em sua cama.

Depois disso, Gael e Raquel se encontravam quase todos os dias. Às vezes na igreja, às vezes nas casas dos jovens e, às vezes na casa dela, na companhia de seus pais. Isso evoluiu muito.

Gael começou a trabalhar, junto com o tio dela num estabelecimento comercial, onde passava todas as manhãs. O tio era irmão do pai dela, que ficou muito feliz por saber que Gael o defendeu e conquistou o coração de toda família, com isso lhe propôs trabalhar nos períodos da manhã em sua loja, permitindo que nos períodos das tardes ele pudesse continuar ensinando doutrinas e princípios bíblicos para os jovens.

Agora Gael tinha um emprego e a admiração de toda a família de Raquel. O que mais precisava para poder se casar com sua amada?

Noutro dia, num encontro de jovens numa casa daquelas, estavam todos em oração, quando um homem desconhecido entrou naquela casa para orar com eles. Era um homem relativamente jovem, bonito, cabelos e barbas compridos, trajando vestes brancas. Entrou silenciosamente, com um sorriso encantador e ficou quieto, num canto da sala. De repente ele se levanta, anda em direção a Gael e todos olham curiosos para ele. O homem se ajoelha diante dele, põe as suas mãos sobre o pequeno coto amputado e fala algumas coisas incompreensíveis a todos. Em seguida ele cospe na perna de Gael, o que fez Gael olhar com desprezo para o homem, que estava massageando seu coto delicadamente. O homem então dá um grito e sai, deixando todos sem entender nada. À noite, enquanto Gael dormia, sua perna amputada ressurgiu, milagrosamente.

O que foi isso? Que milagre espantoso! Todos na igreja ficaram muito alegres com o que aconteceu. Estavam muito impressionados porque ninguém ainda tinha visto algo assim. Alias coisas desse tipo não acontecem mais desde os tempos dos Apóstolos de Jesus, em suas missões.

E, quem era aquele homem desconhecido que nunca mais foi visto em lugar algum?

Aquela grande e imponente igreja que Gael viu e se impressionou muito ao chegar a Jerusalém, agora estava pequena, com tantas pessoas que passaram a frequenta-la. Um avivamento começou a acontecer nessa comunidade que já não se conformava mais com suas vidas simples.

Alguns anos depois, Gael reaparece em Cafarnaum. Reapresenta-se a sua família como um homem feito. Um homem de Deus, pastor, homem de negócios de grande influência naquela cidade, conquistando grande prosperidade. Com sua perna de volta, tudo ficou mais fácil. Casado com uma mulher maravilhosa, que lhe acompanhava em tudo, seu filho e muitas novidades para lhes contar.

Final

Ao final muita coisa foi acontecendo com a igreja livre, neste novo período dentro do Império Romano, tendo um imperador convertido. As leis foram mudando e novos personagens foram surgindo.

O mundo estava mudando. Este era o lema de Gael desde o princípio: Vamos Mudar o Mundo!

Vale a pena seguir Jesus!

Em 325 DC, Constantino convocou e presidiu o Concílio de Niceia, onde reuniu líderes de igrejas de vários países. O objetivo era resolver a controvérsia sobre a natureza de Cristo, que tinha se tornado arianismo. O concílio produziu o Credo Niceno, um dos fundamentos da doutrina cristã.

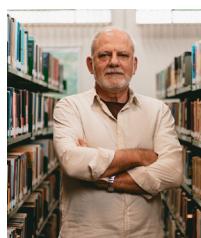
Cirilo participou desse concílio, se apresentando contrário as ideias arianistas. E tinha ao seu lado, Gael, um jovem muito motivado a trabalhar pesadamente na divulgação do Evangelho.

Aliou-se com notáveis homens de Deus que marcaram a história do cristianismo, como Atanásio de Alexandria e Eusébio de Cesareia, que juntos trabalharam construindo a teologia da Igreja Primitiva, debaixo do apoio do imperador romano.

Seu lema, Vamos Mudar o Mundo, avançou pelos corredores dos palácios de Roma e fez muita gente repensar suas doutrinas, contagiando o mundo inteiro.

Gilson Estevão

Com 65 anos de idade, casado com Juli, pai de três filhos e dois netos. Natural de Blumenau (SC), Formado Bacharel em Teologia pela Sotep - Sociedade Teológica de Ensino e Pesquisa – Brasília (DF), em 2012; Pós-Graduado em Teologia e História da Religião pela Facuminas – Belo Horizonte (MG), em 2024; além de graduado em Liderança Avançada pelo Instituto Haggai - Campinas (SP), em 2019. Vem exercendo liderança de Grupos de Relacionamentos nos lares desde 1990. Hoje é Pastor na Comunidade Cristã Somos Casa, de Joinville (SC), além de Missionário em campos avançados com viagens frequentes. Escritor de dois livros publicados: *Vamos Mudar o Mundo* (2021) e *Vamos Começar de Novo* (2023), além de outros trabalhos em andamento.



Criando Asas para Voar



Isabeli Cristine Dallagnolo



Desde pequena, Heloísa era uma menina exemplar. Nunca deu problemas aos seus pais Luiz e Veronica, que sempre a enxergaram com grande orgulho. No colégio, era uma das melhores alunas da classe, com boas notas e comportamento impecável. Porém, apesar de ser amada pelos pais e querida pelos professores, ela guardava dentro de si algumas inseguranças e medos que viviam em sua cabeça.

Estava no último ano do ensino médio, e como todos de sua turma, pensava em seu futuro. Existia uma pergunta frequente em seus pensamentos – Qual faculdade cursar? O que vou ser? Ou será que vou passar no vestibular? – O monstrinho das dúvidas e dilemas adolescentes atormentavam sua cabeça, como quando era criança com seu medo de escuro. Uma das coisas que Heloísa mais gostava de fazer era escrever. Tinha um diário, onde expressava seus sentimentos e emoções. Era como seu melhor amigo, uma espécie de confidente, e escrevia suas próprias histórias. Onde através das palavras sentia-se livre como um pássaro fora da gaiola. Seu quarto era repleto de livros na estante, amava as poesias de Cora Coralina, os romances e fantasias eram seus gêneros literários favoritos e imaginava-se nos diferentes mundos em que lia, sonhando um dia poder publicar seu próprio livro. Mas, por ser insegura não acreditava que era capaz de conseguir fazer isso.

Até que um dia na sala de aula, sua professora de português disse:

- A biblioteca da cidade irá realizar um concurso literário para todas as turmas do ensino médio da região. Alguém tem interesse em participar? O ganhador poderá publicar sua história em um livro. Completou a professora.

A sala ficou animada com a novidade, e Heloísa ficou pensativa por alguns segundos, questionando se – Será que digo meu nome? Ou acho que não vou participar... não irei ganhar mesmo! – mas, aquela era uma oportunidade maravilhosa para realizar um de seus sonhos. Ela então pensou - Quando poderia acontecer de novo?...

Criou coragem e com uma voz um pouco tímida disse a professora:

- Professora, pode colocar meu nome! Eu irei participar.

Falou com as bochechas coradas de vergonha. Todos olharam para ela com suas feições de certo espanto e surpresa. Ela não era do tipo que falava muito na sala. Ficava nervosa ao apresentar os trabalhos e quando precisava ler em voz alta para os colegas. Mas, pela primeira vez Heloisa mostrou-se segura ao confiar em si mesma. Foi uma pequena vitória para ela. A professora recebeu a iniciativa de participar com muito entusiasmo,

acreditava que a menina tinha potencial para ganhar.

Quando voltou para casa, ela contou a novidade para seus pais. Eles ficaram muitos animados pela filha. Sabiam de seu amor pela escrita. Sua mãe sabendo como a filha era quis motiva-la a não desistir de seus sonhos e com uma palavra de incentivo.

- Acreditamos em você, minha filha. Sabemos que é capaz de ganhar. – disse Verônica. Seu pai concordou com a esposa e como uma forma de deixá-la menos tensa com o concurso disse – Você é nossa escritora favorita. – Heloisa sorriu e deu um abraço aconchegante em seus pais. Eles eram seu porto seguro e iriam apoia- lá até o final.

Heloísa tinha um mês para desenvolver sua história. Precisava enviá-la para sua professora e depois ela entregaria para a banca de júris literários do concurso.

Nesse período, a menina precisou organizar seu tempo para conseguir estudar e escrever sua história. Estava um pouco aflita, pois a ansiedade fazia não ter muitas ideias e inspirações. Pensou então em entregar uma história que já havia escrito.

Mas, não achou boa suficiente para concorrer. Estava com um bloqueio criativo e não sabia como sair dessa situação. Um dia depois de voltar da aula, a menina chegou em casa com um semblante de desânimo. O tempo havia passava muito rápido e ela nem havia começado seu texto ainda, faltando 15 dias para entregar a história. Então, sua mãe veio até Heloisa e disse a filha – O que foi Helô? , aconteceu alguma coisa? – ela olhou para a mãe e com um tom de desespero desabafou. Comentou que achava que não iria conseguir escrever, que estava muito triste e insegura por isso. Veronica de maneira sábia e acolhedora aconselhou a filha a confiar nos planos de Deus e no tempo, que tudo iria dar certo e só bastava ela se acalmar um pouco e manter-se segura de si própria.

Heloisa ouviu atentamente, absorveu as palavras e finalmente decidiu refletir e pensar sobre sua fé e confiança em Deus de maneira mais atenta. Entendeu que não estava apenas em seu controle e que tudo tinha um tempo e propósito para acontecer.

A partir daí, parece que a menina transformou seu coração e abandonou os medos e abraçou a coragem em si mesma. Encontrou inspiração e começou a escrever seu texto.

A sua história era sobre um pássaro que sonhava em aprender a voar. Assim como ela mesma. As semanas foram passando depressa e finalmente Heloísa teria que entregar sua história. Primeiro leu para seus pais para ver

suas opiniões, eles amaram e felicitaram a filha. No outro dia, na classe ela foi até a professora e entregou a folha de seu texto. Ela olhou para a menina com um olhar carinhoso e animado. Mais alguns outros estudantes também entregaram seus textos.

O dia do resultado e a premiação iriam acontecer na próxima semana. Os concorrentes iriam receber seus troféus de primeiro, segundo e terceiro lugar. Heloisa não estava mais tão nervosa assim. Se ganhasse em qualquer das posições ficaria muito feliz. Mas, se não ganhasse em nenhuma, também estaria orgulhosa. Um dia antes do grande dia, ela fez uma oração antes de dormir, como sempre fazia. Apesar de às vezes esquecer-se de orar por causa do cansaço dos estudos e de ir dormir tarde. Mas dessa vez era diferente. Porque já não era como antes.

O dia amanheceu e sua mãe preparou um café da manhã com as comidas que a filha mais gostava para fazê-la não pensar muito no resultado. O evento seria à tarde, e a menina iria levar seus pais e seus avós para prestigiá-la. Colocou um vestido florido que ganhou de aniversário e chegou ao local da premiação. Sua professora estava lá para organizar tudo. Ela viu Heloisa e logo chamou a menina para sentar nos lugares que tinham reservado para os participantes. Ela despediu-se de seus familiares, que mandaram palavras de otimismo e confiança a ela e se sentou na primeira fila com seus concorrentes.

De repente, começou a chegar os jurados e começaram a posicionar um do lado do outro em uma mesa no palco. Eles pareciam sérios e importantes para Heloisa. Ela ficou um pouco nervosa, mas não como normalmente ficaria antes. O anunciador do evento começou a discursar acerca do concurso e anunciou os participantes, chamando os a subir no palco para anunciar os ganhadores. A menina olhou aquela plateia olhando para ela e ficou com borboletas no estômago.

Quando o anfitrião anunciou o terceiro lugar, não era ela. Já estava conformada. Então, anunciou o segundo. Não foi ela novamente. Estava feliz pelos seus colegas. No anúncio do ganhador oficial do primeiro lugar, o anunciador fez um ar de mistério e tensão e disse – e o primeiro lugar é... – Nessa hora, Heloisa fechou os olhos com um pingo de esperança que poderia ser ela, mas incrédula. O anunciador finalmente disse a ganhadora – Heloisa Vitória!!! , Naquele momento, a menina ficou extremamente surpresa e arregalou os olhos. Seus pais e avos gritavam de felicidade. Todos aplaudiam a menina. Então, pediram para ela ir receber seu troféu. Heloisa estava começando a acreditar na sua vitória. Agradeceu a Deus, aos seus

pais, aos juris e pelo colégio pela oportunidade de participar do concurso. Ficou tão feliz que nem cabia em seu sorriso.

Assim como um pássaro que possuía suas asas para aprender a voar, ela tinha deixado a gaiola de seus medos e com a coragem e fé havia criado suas próprias asas para voar em muito outros lugares que apenas Deus tinha o caminho certo para levá-la.

Dedicatória

Dedico estas palavras primeiramente a Deus, sem ele nada seria possível. À minha eu do passado, pela coragem de permitir-se escrever esta história, Aos meus pais que me apoiam incondicionalmente e minha irmã por ser minha companhia favorita de alegrias e sonhos.

Isabeli Cristine Dallagnolo

Nasci em Joinville, no dia 20 de setembro de 2005. Tenho 20 anos e sou estudante de pedagogia. Comecei a escrever no ensino médio, onde me apaixonei pela literatura. Acredito que as palavras e a educação podem transformar o mundo ao nosso redor. Como cristã, busco encontrar propósitos em minha escrita e espero inspirar outras pessoas.







ESSA TAL HISTÓRIA SOBRE

*Escrever
e
Pertencer*

ISANE PEIXER

Hoje eu me vejo como uma eterna sonhadora, mas nem sempre foi assim. No auge dos meus 9 anos de idade, me deparei com o mundo da escrita ao ter, na terceira série, uma redação escolhida em um concurso do município, e como sempre gostei de escrever grandes textos e brincar com as palavras, verbos e suas conjugações, vi com imensa alegria essa possibilidade que surgia à minha frente e com muita agitação e ansiedade próprias da idade. Em meio a esse mundo de fantasia, fui dormir naquela noite a sonhar com o momento de estar pronta para me tornar uma verdadeira escritora...

...Após uma extenuante noite de sonhos e pesadelos, acordei. Acordei-me com 39 anos e mais cansada do que havia ido dormir. Acordei-me sem a menor vontade de fazê-lo, ainda que soubesse da necessidade de que em algum momento fazê-lo-ia. Fiz. Levantei-me e olhei no espelho. Olhei e não reconheci quem então vira refletido naquela moldura.

Quanto tempo se passara sem eu perceber, sem eu me perceber? Onde estava aquela menina alegre, espontânea e cheia de vida que outrora brincava alegre pelas ruas? Donde tinha vindo essa mulher de cara amarrada e enrugada emoldurada na imagem à minha frente?

Não! Não a reconheço e não a quero em minha vida! Vá embora! Assim ordenei, mesmo relutante, ela se foi dando lugar a uma pessoa que vivendo dia após dias, passou a entender que viver, diferente de vida, é um verbo e não substantivo. Que esse processo, implica ação, movimento, atitude, e dentro dessa visão, encontramos escolhas a fazer, caminhos a seguir e que nem sempre estes serão alegres, justos ou suaves.

Portanto, embora haja ocasiões em que regozijo-me pelos momentos vividos como o nascimento de um sobrinho, a formatura tão sonhada, o início de um novo relacionamento, uma viagem... outrora choro pelas dificuldades advindas destas mesmas escolhas antes vistas como conquistas...

E a partir dessa vivência, começo, mesmo que tarde, a perceber que sorrir e chorar, são questão de foco, de olhar, pois nada é para sempre, então não há que se chorar eternamente portanto, não ei de recuar diante do sofrimento, mas sim avançar. Avançar sobre a dificuldade para enxergá-la de outro ponto, de outra perspectiva e assim poderei ver o quão forte e maravilhosa sou.

E no decorrer do caminho, agora com 49 anos, entendi que nunca estamos verdadeiramente prontos. Que a linha de chegada não é mais importante que a largada, que o essencial, o especial, o extraordinário acontece durante a caminhada, enquanto os pés doem, enquanto a alma canta ou

sangra, enquanto os risos e choros acontecem, enquanto escolhas são feitas e que talvez e provavelmente, sejam trocadas lá na frente, enquanto o riso e a presença são leves, assim como a ausência, embora cheia de saudades, também o será, pois tão importante quanto vencer e transpor desafios, é pertencer ao seu ser e fazer acontecer essa magia do viver.

Isane Peixer nasceu em Angelina, norte de Santa Catarina, em 13 de dezembro de 1977 e mora em Joinville há mais de 40 anos. Bacharel em Contabilidade, já foi professora, é apreciadora das artes tendo se aventurado no mundo do teatro, da dança e da música, e atualmente tenta desvendar os mistérios e delícias da escrita.

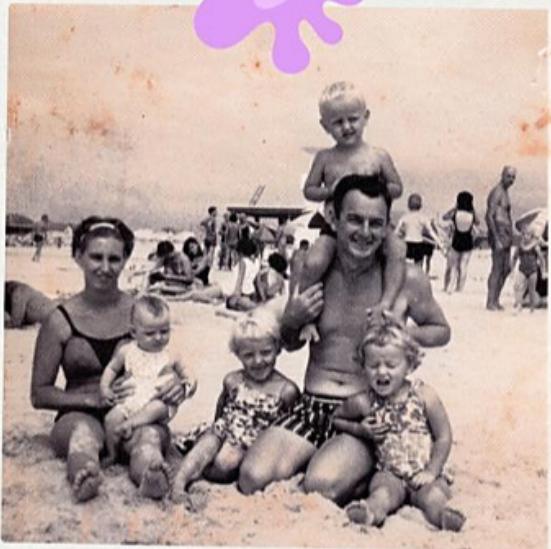






Infância Arteira

Jane Kunz



Tive o professor mais encantador na contação de histórias. Esperava ansiosa pelo dia das aulas de português. Sentava na mesa dele, baixinho que era, ficava mais alto e começava a narrar em capítulos a história do Sítio do Pica pau Amarelo do Monteiro Lobato. Sexta serie do primário, mandava os colegas ficarem quietos, me ajeitava na cadeira, olhos brilhando de satisfação, esperando a continuação da história que tinha começado na aula anterior com:

- Era uma vez...

Ele ia mudando a voz conforme o personagem, para cada um tinha uma entonação de voz, além disso fazia sons:

- Toque toque, crek crek, tchibum, ssshhit, sei dizer que me deliciaava na narrativa. Entrava na história e vivia.

Assim seguiu minha vontade de ler e agora de escrever um pouco de mim para ter registro. Sinto falta de não ter relato escrito dos nossos antepassados, nem uma receita de bolo das minhas avós. Talvez se perdeu, não tiveram tempo talvez não acharam importante talvez porque não rende financeiramente. Não vou continuar com essas dúvidas. Vou registrar. Pois é sempre sobre mim. Bateu forte o coração no desafio. Vem medo de errar, de não ser aprovada e ao mesmo tempo vem a pergunta:

- Medo de quem? Ser reprovada por quem? Enfrenta.

Marisa e Erhardt se conheceram num baile em Novo Hamburgo no Rio Grande do Sul, onde a mãe estava passando uns dias na casa da madrinha Papinha, apelido dado pela sobrinha; morava em São Paulo, o namoro foi por correspondência, praticamente só papai escrevia, mamãe raramente respondia as cartas e nem por isso papai deixou de se corresponder. Casaram.

Conhecido como Eri, nosso pai sempre foi prestativo para ouvir quem quisesse contar suas dificuldades e pedir uma ajuda. Tinha uma palavra para consolar e um dinheiro para emprestar. Se emociona com algumas coisas e é rígido com a nossa educação. Quando tentamos justificar uma atitude que ele já deu como encerrado o assunto, só diz:

- Nem mais um pio. E calar se faz presente.

A mãe tem coração derretido, mas quando se enfurece sai de perto porque ela vem correndo atrás com o chinelo na mão e corremos em volta da mesa grande onde almoçamos, quase sempre conseguimos escapar. Ela está sempre disposta a nos ajudar nas lições da escola, todos temos alguma dificuldade, com exceção do Leandro.

Vamos todos juntos no dentista e ela deixa apertar seu braço com

muita força quando estamos na cadeira e com medo do Dotorillo. Soubermos depois que ela também tem medo de dentista. Ele, um careca corpulento que dá arrepio ao vê-lo abrir a porta do consultório, parece querer nos maltratar quando não dá importância ao nosso: -Aaaaiiiii.

Sou a segunda filha, olhos castanhos misturado com mel, cabelo sempre bem curtinho. Aos seis anos sou pacata, obediente e inventiva, às vezes chorona a ponto de me chamarem de manteiga derretida. Nessa época somos quatro irmãos, a Elise, é a mais velha e nossa líder, tem sete anos, e já vai pra escola, olhos de criança esperta, azul turquesa igual da mãe, é tão loirinha que o cabelo é branco, curto, e franja cortada estilo corte de franja dos indígenas. O meu é igual.

Ela gosta muito de desafios e para isso tem coragem. Nada teme. Leandro, o terceiro filho com cinco anos, é inteligente e observador um loirinho de olhos verde de bolinha de gude, por vezes quer se safar para não levar xingão, é do tipo que dá o tapa e esconde a mão. E o Gerson, revelado como traquinhas, tem quatro anos, o queridinho da mamãe, desperta ciúmes por isso, desde essa idade sabia levá-la na sua conversa, já veio turbinado de esperteza para conseguir o que quer. Sua criatividade será revelada com mais idade. Assim formamos a majestosa escadinha 7, 6, 5, 4.

O quarteto sempre anda junto igual os patos num lago, um atrás do outro e todos depois da Elise. Coisa de primogênito é ter que ser responsável pelos irmãos quando não tem um adulto perto e na nossa família não foi diferente. O pai recomendou a ela:

- Como és a mais velha tens que cuidar dos irmãos.

Tarefa bem difícil essa que lhe foi delegada, e ela assumiu esse papel perfeitamente. Quando lhe convinha mandava todos calar a boca. Nas brincadeiras de casinha sempre era a mamãe e nós obedecemos e a servimos.

Éramos cúmplices e combinamos que nosso segredo é não dedurar quando alguém apronta, e quando o pai descobria alguma arte ferrou com todos. E a medida que fomos crescendo foi ficando mais duro o castigo a ponto de o pai mandar o tio Lauro confeccionar um chicote de couro com uma alça para pendurar atrás da porta, uma trança para alongar e o couro chapado na ponta com tamanho suficiente para abraçar a nossa nádega na intenção de que não se repita a arte feita. Não se repetia, era sempre uma nova e diferente. Se o nome é arte, é coisa única, exclusiva e temos algumas. Mas sempre de novo eu estava lá pensando por que eu tenho que apanhar junto se eu nem aprontei dessa vez? E no outro dia era um outro

irmão dizendo a mesma coisa. E de novo todos choravam juntos depois das chineladas, ou do chicote depois de mais crescidos. Ardia. Apanhavam todos,"se um não quer dois não brigam" o pai falava sempre.

Na imensidão do pátio da casa junto com o da escola onde moramos em Novo Hamburgo e o pai é diretor, temos muito a explorar. Não tem divisão da escola com a casa e isso facilita. E cada dia possibilitava uma aventura. Num desses fomos para o pátio da escola, caminhando por lá sabíamos o que estava a nossa espera. Chicletes. Gostamos muito de pegar o que foi mascado e largado no chão pelos alunos, tem consistência peculiar, por termos pego do chão ele está com areia e nós mascamos essa areia, dando arrepios nos dentes e mesmo não sendo tão doce é bom porque não experimentamos ainda o embalado, até que um dia aconteceu....

Que alegria... Ganhamos uma moeda, uma só bastou. Sorriso estampado no rosto...

Quando vi aquele objeto precioso logo pensei e falei para Elise:

- Pena que não podemos comprar chiclete com esse dinheiro, pois o pai não vai deixar.

A Elise, mais que pronta respondeu minha indagação:

- Podemos comprar e comer sim. Vamos lá no barzinho da escola. Mas não contem para ninguém.

Chegamos juntos na lancheria, o Gerson leva na mão bem fechada, por recomendação, carregando com todo cuidado aquilo que valia mais que ouro pois era a moeda que a mãe tinha do troco do pão e deu para ele. Em frente ao balcão ele levanta bem seu minúsculo corpo e fica na pontinha do pé, mal consegue chegar com a extremidade dos dedos no balcão. A Elise pede:

- Seu Pedro, queremos tudo em chicle tutti frutti, só tutti frutti, ah esse sabor remete a gosto colorido, e logo seu Pedro vai enchendo a mão inteira e coloca mais uma mão inteira,

- Olha quantos? Diz o Gerson.

Nossos olhos brilham de satisfação ao ver uma quantidade tão grande de uma gostosura que agora poderíamos mascar sem asfalto moído, e muito açúcar; ele embrulha num papel pardo, e passa um cordão em toda volta. A Elise pega o pacote e saímos todos. Em fila. Todos cuidando do pacote para que ninguém mais visse. Não muito longe dali, mas longe o suficiente da nossa casa para que a mãe que está em casa não saiba o que compramos. É produto proibido. Paramos. Estamos rodeados de árvores no caminho de volta para a casa, e ninguém vai descobrir. Leandro e Gerson

se sentam num tronco eu e a Elise nos sentamos no chão coberto de folhas e pequenos galhos, deve ser outono, e formando uma rodinha, falei para o Leandro abrir o pacote que é o objeto do nosso desejo, todos ansiosos para experimentar, a boca saliva e cada um encheu sua mão e começamos a abrir um por um e colocar na boca um chiclete e mais um e mais um e mais um, até não caber mais, sentindo aquele sabor maravilhoso de alegria na alma.

- Vamos ver quem consegue fazer a maior bola? Falo tentando competir com todos, e de repente... muito de repente, antes de fazer a primeira bola e já começando a doer a mandíbula de tanto mascar ouvimos passos de alguém se aproximando, podemos perceber pelo barulho das folhas, crek, crek ,crek, eram passos de gente com certeza, e gente grande. Está vindo rápido, muito rápido.

- Será que é o pai? As pernas começam a tremer, o coração sai do peito e o pânico se instala:

- O que fazer agora?
- Correr para a casa?
- Voltar para a lancheria?
- Esconder o pacote?

E naqueles segundos de desespero que pareciam horas a Elise decidiu:

- Esconde tudo embaixo das folhas. Ligeiro... ligeiro..., deve ser o pai que está vindo atrás de nós.

Do que é capaz o pensamento quando se está aprontando algo hem? Corremos. E depois de correr muito muito, olhamos para trás já quase sem fôlego, vimos que o Pé de chulé, cachorro da lancheria, nos acompanhava a distância e sim logo depois dele vinha seu João o funcionário da escola rindo muito. Ao ver toda a cena perguntou:

- O que vocês estão fazendo? Na nossa cara teve a resposta, era chiclete colado no cabelo, boca e mão cheia de goma babada e mascada. (Não deu tempo de esconder esses).

- Nada, seu João. Estava só brincando aqui.

E ainda rindo, falou:

-Vão para a casa agora que a dona Marisa deve estar esperando vocês.

- Ufa...

- Não era o pai... Que susto grande. O coração demorou a se acalmar.

Quando chegamos na área da frente de casa paramos. Demos as

mãos, e a Elise fala:

- Jane, vou tirar o chiclete do teu cabelo, (e puxou até eu chorar),
- Espera aí vou pegar a tesoura de costura da mãe e já tiramos. Não chora.

E assim fiquei com um buraco no corte do cabelo.

- E os chicletes que ficaram lá na árvore? Quis saber o Leandro. O Gerson respondeu:

- Vamos buscar... Nossa comandante logo interferiu,
- Nós não vamos voltar lá hoje. Pegamos amanhã.

Huhu, comemoramos dando gritos pulando e rindo muito, desta vez não fomos pegos. Ufa... nem pela mãe nem pelo pai. Aconteceu que no dia seguinte não achamos o pacote do chiclete que compramos. Alguém deve ter passado por ali e recolheu, só pode ser pois nós voltamos no lugar certinho, comentamos entre nós, era naquela árvore. Parece que as árvores de repente se tornaram todas iguais ou mudaram de lugar. Foi uma experiência incrível essa.

Morávamos num lugar com vista privilegiada por ser no alto, e sendo assim precisava subir uma rampa para chegar até a nossa casa. Um dia quando descemos, a Elise teve a idéia de pegar uma tábua bem envergada, de velha que estava, era comprida, ideal para sua idéia, estava próxima de outras para alguma obra, e colocamos, eu, a Elise e o Leandro, na rampa para poder balançar. Fica desequilibrado, mas tudo bem. Olha que inteligente, dava certinho para fazer uma espécie de gangorra. E sobem dois no meio da tábua e um em cada ponta. É uma folia só... Muita risada... E gritos de alegria.

- Agora tu vai naquela ponta Elise.

- Agora tu sobe Gerson, bem ali na ponta que está no ar.

Ajudo ele. A Elise está no meio. E assim vamos revezando. Ela vai para a ponta e diz para o Leandro ir à outra. Quer ver ele sair da tábua no impulso do pulo dela. E pula muito forte, nesse momento ele vai para o chão de cabeça no paralelepípedo irregular.

Nossa... Que susto ao ver caído no chão com o rosto ensopado de sangue.

Dá um frio na barriga. Enquanto a Elise grita:

- Alguém venha aqui, o Leandro caiu, socorro, vem aqui, ele está sangrando... E ela sai em direção às pessoas que estão passando no pátio da escola enquanto eu e o Gerson ficamos ali paralisados, minha perna fica mole mesmo que gelatina e o Gerson começa a chorar, seguro ele com a

mão trêmula, digo aos dois que estão chorando:

- Ahhh, não chora, nós vamos cuidar de vocês... Daqui a pouco vamos para a casa...

Nem sempre com final como queríamos, como foi nessa brincadeira, mas o Leandro depois de voltar do hospital com pontos na cabeça nos mostrou que mesmo pequenos aprendemos com os erros, os sustos e medos fazem parte desde a infância até a vida adulta. O pai nos fez pedir desculpas, conversamos sobre o que aconteceu, ele quis saber como foi. Como em outras vezes ninguém dedurou. E a nossa união permaneceu. O discurso do pai para nos alertar dos perigos foi do tamanho do mar, aquele que fámos na colônia de férias em Arroio Teixeira. Sermão, chineladas, castigos, pito, fez parte do crescimento. Deixo por último e não menos importante o registro do nascimento do nosso irmão Mauricio. Nasce 10 anos depois do Gerson e nos mostra como é viver a alegria de ter um novo irmão não importa que diferente, especial e dependente. Amamos e cuidamos muito. Porém numa sociedade discriminatória foi e ainda é muito desafiador para o pai e principalmente para a mãe.

E agora no momento de fechar tudo isso, me vejo as voltas das palavras da Helena, “escrever é um ato de coragem e compartilhar é um ato de generosidade”. Paralisei. Precisei me afastar pois senti pânico ao saber que preciso terminar, e, ao mesmo tempo ter tido contato, ir até a infância, me aproximar da minha criança, vieram lembranças também de dor. Não foi fácil como imaginei que seria, mas quero continuar na jornada de contar para formar ponte entre nosso passado e a geração futura mostrando para a família que ao ler podemos refletir, dar boas risadas ou simplesmente repassar as nossas histórias da infância.

Jane Kunz Silveira

Sou gaúcha de São Leopoldo. Nasci em 20/11/1960. Me intitulo cataúcha, mistura de catarinense com gaúcha, pois aqui é meu lugar e onde amo morar. Viemos para Joinville fazem 27 anos. Com meu esposo estou casada há 44. Temos 2 filhas e dois genros maravilhosos(os) e a gatinha Nina. Gosto muito de estar com todos. Fui funcionária pública trabalhando no Correios em Joinville. Fiz faculdade de Pedagogia na ACE. Gosto muito de atividades ao ar livre, atividades relacionadas a arte, a espiritualidade, yoga e dança. Arecio estar com amigos por perto. Amo a família de origem e toda a que está no Rio Grande do Sul. Fiz essa história para meus irmãos e mãe, recordando um singelo pedacinho do que passamos juntos na nossa infância. Agradeço ao projeto Laboratório de Autores de Joinville e a nossa professora Helena Farias pela oportunidade desse início de escrita.





DES ENCONTROS

de um Ser

em Busca de Si Mesmo



José Nascimento

O Inconformado Jonas Vinhedo

Sou o jovem Jonas Vinhedo, de 33 anos, sinto que, a vida convida para viver, abrir a janela e sorrir. Quando abro os olhos ao despertar dos sonhos, os sinais comunicam do que haverá por vir, traçam as mensagens latentes, de botões a florir. Minha vida caminha nem sempre por campos exuberantes. Por hora, secam e com a água da chuva, transformam em lamaçal. A lama dificulta, mas não impede de prosseguir. Sigo, porque dentro de mim, pulsa a fonte do arco-íris. Em minha jornada aconteceram momentos, que me fizeram paralisar, temporariamente, mas o desejo de persistir latente, nem o cansaço físico, mental e espiritual deixaram me entregar à deriva. Durante a jornada acontecem episódios, que ajudam a repensar se o caminho que sigo é o meu ou um desvio, que não dá sentido e atrasa o encontro comigo.

Tive uma infância simples e singela na cidade de São Paulo. Meu pai Teodoro trabalhava no setor administrativo de comércio varejista, minha mãe Lúcia dedicava seus dias a cuidar dos quatro filhos e nos afazeres diários da casa. Uma rotina que, considero por demais monótona e sacrificante. Durante a infância as brincadeiras eram coletivas, de esconde-esconde, de mata-soldado, jogo de taco, bola de gude, as Três Marias, passa anel e pipa. Elas ocorriam praticamente na rua, que não era movimentada, raramente passavam carros. Ocasionamente passava o caminhão do gás, com seu som anunciava a chegada aos arredores. Um dia presenciei o caminhão parado por dois ladrões. As mães ao perceberem do ocorrido, gritaram para que viéssemos imediatamente para dentro de casa. Quando a normalidade retornou, voltamos animados para o meio da rua com as brincadeiras. Vi nos rostos das mães, expressões de perplexo. Enquanto conversavam, os olhares não escondiam o espanto e a preocupação.

Eu seguia o fluxo, que a sociedade impunha. Veio a adolescência e com ela, as responsabilidades de um adulto. Quando entrei na adolescência, demonstrei interesse por trabalhar. Na época, trabalhar aos 15 anos com carteira assinada era normal e permitido, principalmente para filho de trabalhador. Minha consciência de classe foi adquirida nas experiências da vida. Ter essa consciência, dava-me a certeza do que tenho a defender no mundo em que estou. Sou um sujeito, que desenvolveu o senso de coletividade e a importância dela, mas também aprendi em minhas reflexões, que não posso matar a minha individualidade, sou um indivíduo com potencialidades para o desenvolvimento das capacidades e habilidades humanas. O ser humano é uma riqueza infindável de oportunidades, e não pode se deixar anular em suas particularidades por pressões institucionalizadas. O ser humano não deve matar, o que há de belo em sua existência, precisa resistir aos padrões enrigecidos em detrimento do seu florescer. Assim desafiei os

percalços que vinham em minha direção, não queria me transformar em um simples robô, manipulado por descabido controle social.

Aos 33 anos, sinto que, a vida sempre me convidou para desbravar o mundo com todos os seus mistérios. Desde minha adolescência, joguei-me de coração para conhecer quem sou.

“Ser ou não Ser; Eis a Questão” (Hamlet, de William Shakespeare)

Aos Dezoito Anos

Vejo-me como um jovem tímido, inquieto e aprendiz. Vivo a sentir o vento suave e delicado. Manhãs enigmáticas, tarde emudecidas e noites inebriantes, que não me consolam, fazem brotar os incômodos de procura perdidas. Observo olhares e falas, comportamentos e relações para encontrar uma possível identificação, que corresponda a quem sou, quem sabe uma semelhança que aproxime da minha verdade. No trabalho não encontrei respostas, eram atividades repetidas, exigiam raciocínio e anotações de números, que eu escrevia nas fichas em branco. Também colava selos nos envelopes, entregando-os no Correio, e pegava as correspondências da empresa, que ficavam numa das caixas, entregava-as aos setores correspondentes. A diretoria fazia reuniões esporádicas e quando aconteciam, eu servia o café. Entrava na sala, segurando nas mãos a bandeja com as xícaras e pires, além da garrafa térmica. Era um serviço que, não me agradava, sentia-me incomodado e envergonhado. O ar soberbo dos empresários e acionistas causava-me constrangimento e repulsa. Externamente eu parecia educado, pois o servir era silencioso, apenas proferia àquelas personalidades se desejavam o cafezinho. Esse silêncio aparente escondia o que internamente passava dentro de mim, um desconforto. Diante de meu silêncio, obediência e competência fui transferido para um setor administrativo, onde me senti acolhido. O local era uma sala com um grupo pequeno de trabalhadores, onde a interação era leve e agradável. Neste tempo, criei vínculos e aproximei de verdades, das histórias que partilhávamos, pois havia respeito e reciprocidade. A sala do chefe do setor ficava em frente à nossa. Tanto ele como todos nós podíamos nos ver. Eu sentava diante de uma escrivaninha. Ela ficava na última fileira e atrás de mim, havia uma janela, que trazia o aroma do café das manhãs das residências ali por perto. Assim que chegava no trabalho, pegava o cartão e colocava-o no espaço do relógio ponto para registrar minha presença e em seguida dirigia-me à escrivaninha, permanecendo até ao meio dia, saia para almoçar e retornava às 13h30, ficando até às 18h, quando encerrava o expediente. Durante esse período de trabalho, não tinha perturbação de colegas e estava distante de pessoas arrogantes.

Mesmo que, a timidez fosse um traço, não permiti que ela me paralisasse e derrotasse meus sonhos. Propus a me jogar e assim o fiz. Minha inquietude interna me mobilizava para novas aventuras. Minha insatisfação com a realidade, jogava-me para fora de mim. A realidade que vivia, não me continha. Minha jornada começava após uma infância tranquila, onde pude brincar com os colegas da vizinhança, com os primos, com os irmãos e comigo mesmo. Agora esta fase passou e me sinto responsável pelas escolhas que farei daqui em diante. Na infância, meus pais me protegiam e eu os acompanhava. Tornei-me um jovem de estatura mediana, pele morena, de sorriso estampado e bonito, cabelo castanho escuro e encaracolado, magro e com poucos amigos. A amizade para mim é laço, entrelaço, porta aberta de confidências recíprocas, escuta atenta, interação amorosa entre almas, que se abraçam. Mesmo que, distantes fisicamente, elas se comunicam com toque sutil dos aromas das flores.

Não sei o que quero, mas sei o que não quero. Esse pensamento levo comigo, mesmo que não desenhado em mente, ele está presente nas minhas sensações. É como bússola, revela se estou no lugar que desejo ou não estar. Só saberei se é o lugar, quando nele estiver. Até o meu primeiro trabalho, não tinha usado a bússola, mas desde então, ela é meu guia, acompanha-me.

Estudava à noite e no intervalo deparei com um grupo de alunos diferentes dos demais. Eram sujeitos atenciosos e acolhedores, olhavam, aproximavam e conversavam. E vieram outros intervalos, um após outro, e fui achegando a eles, de tal forma que, começamos a trocar ideias. Eram seminaristas e ao falarem de seus afazeres diários, comecei a me interessar pela vida religiosa. Passou-se um bom tempo e já era meio do ano quando o Padre Mario, reitor dos seminaristas, um italiano alto e com um português arrastado, veio até onde eu morava, para falar com meus pais, foi uma conversa breve. No entanto, essa visita pouco resultou positivamente para que eu entrasse para o seminário. Como não obtive sucesso no que pretendia naquele momento para a minha vida, fui buscar novas possibilidades. Tia Lurdes, irmã mais nova de minha mãe, propôs-se a me levar para uma experiência no Seminário Apostólico, próximo à cidade de São Paulo. Fomos de ônibus até o lugar. Fiquei no local por uma semana. Uma vivência intensa com momento de silêncio e de interação. Era um grupo de aproximadamente 35 adolescentes e a maioria vindo de outras localidades do interior paulista. Neste período conversei exclusivamente com Carlos, porque me senti acolhido por ele. No último dia, mãe e tia, vieram me buscar. O Padre Hélio, um idoso de poucas palavras, veio em nossa direção e entregou uma carta de indicação para ser levada ao seu amigo, o Padre Leonardo, que no ano seguinte seria o reitor do Seminário Angelus, que ficava na cidade

onde eu morava. De retorno à cidade natal, na semana seguinte, fui até o seminário dar a carta ao padre. Ele me atendeu olhando nos meus olhos, com atenção e logo em seguida nos abraçamos. Seu acolhimento amoroso fez o meu coração pulsar de alegria. No ano seguinte despedia-me de meus pais e irmãos. No momento, era uma sensação de despedida, por mais que a mudança não fosse longe. Era uma mudança não apenas de residência, era uma mudança de propósito de jornada, uma guinada de 360 graus. Sair da casa dos pais era caminhar com os próprios pés. Não eram somente os meus pés que vinham comigo, vinham comigo os meus sonhos, os meus desejos e as minhas expectativas de que agora eu me encontraria.

“Tudo vale a pena se a alma não é pequena” (Fernando Pessoa).

Inquietudes de um Seminarista

Trouxe comigo as roupas da cama, do banho e do corpo. Eram mínimas, pensava serem suficientes, bastavam para uso do dia a dia. Foram anos de vivência no seminário. Nos três primeiros, dormia num quarto com mais três colegas. Eram quatro camas distribuídas nos quatro cantos. Havia também guarda-roupas. Eu me organizava de tal maneira para o dia para não me atrapalhar, diria que eu sou disciplinado. Colocava ao lado da cama, antes de deitar, uma banqueta de madeira com o acento de palha, deixando nela, a calça, a camisa, as meias e o calcado. Despertava às 5h, sentava na beira da cama e orava, levantava e ia para o banheiro. Tomava o banho, escovava os dentes e retornava ao quarto com a toalha enrolada na cintura. Terminava de me vestir e calçar. Ia para a capela e com todos os seminaristas presentes, o padre iniciava a oração do dia. Seguíamos ao refeitório para o café matinal e logo íamos às aulas de filosofia. Foram nelas que, os questionamentos afloraram. Comecei a refletir nas questões do que se fala e do que se faz. Às vezes deparava com situações que saltavam os meus olhos. Às vezes o dito não condizia com o feito. Esta incoerência na vida de alguns padres me incomodava, pois pensei que tinha encontrado o meu lugar. Descobri no decorrer dos anos, que o seminário era um momento intermediário em minha trajetória, que precisaria continuar a buscar o meu sonho. Teria que ser mais claro para mim. Penso que, se não tivesse entrado, a dúvida estaria ainda dentro do meu peito, os pensamentos correriam diante das incertezas. Estar seminarista fez deparar que, a jornada não tinha encerrado. Era um ciclo necessário para minha condição de nômade. Era um momento para estar na busca de mim mesmo.

A realidade do seminário não era deveras conflitante, sei que as relações, independente de lugar e tempo, elas por si só são confrontos e disputas. Quando percebo e sinto que, não é mais o lugar que projetei, traço novas linhas para trilhar. Sonho com possibilidades de crescimento, de ser

o que proponho. Penso que, todos os lugares trazem crescimento. Pensar o contrário causaria frustração e arrependimento. Nas relações, projeto no outro um espelho, e vejo diante de mim, o meu eu e não o meu não eu. É como eu estivesse a falar comigo mesmo. Este diálogo entre o próprio sujeito diz muito do que ele é. Ao olhar o espelho, que é a minha projeção no outro, identifico as qualidades e defeitos que possuo. O meu rosto sorri, entristece ou permanece indiferente. Balanço a cabeça num movimento afirmativo para sinalizar que estou de acordo, por outro lado, o que me repulsa, enfrento ou fujo, balanço a cabeça num movimento negativo. A discordância penetra no estômago ansioso e estressado, que dói. Foi dolorido discordar, negar e resistir quem sou.

Tive horas para filosofar, rezar e trabalhar. Exercitei as atividades práticas na limpeza dos cômodos e corredores, pratiquei exercícios físicos no jogo de futebol. O dia no seminário era tomado por completo por essas e outras funções. No final de semana eu ia até as comunidades para ajudar nas atividades pastorais. As horas e dias da semana passavam por um repertório de compromissos, e assim chegava o final de mais um ano. Eu passava com a família as festas de dezembro e janeiro. Nas minhas férias ao visitar os pais e irmãos já eram períodos de celebração, pois o dia de Natal e da virada de ano estavam próximos. Tanto eu quanto eles, matávamos a saudade. Vinha ano após ano e eu continuava a pensar na vida, que não fosse no seminário, a procura de outro lugar. Fui me descobrindo artista. O tempo no seminário proporcionou a realização de tarefas para a criação artística. Lembro que, o Diretório Acadêmico Estudantil de Filosofia, inventou um concurso de poesias com tema livre. Não hesitei, escrevi uma poesia e para minha surpresa e felicidade, fiquei em terceiro lugar dos 45 estudantes inscritos. Minha poesia ganhou destaque, foi divulgada e elogiada. Uma outra vez, junto com um grupo de cinco seminaristas organizamos e apresentamos em praças públicas uma performance teatral de rua, a cena abordava o período o fim da ditadura e o início da redemocratização no Brasil. Com tecido pregados em quatro sarrafos cumpridos fizemos a tenda. Nas apresentações fazíamos um círculo com ela, dando a impressão de uma tubo para caracterizar o Congresso Nacional e ficávamos pelo lado de dentro e aos poucos saímos um por um, a interpretar textos elaborados por nós mesmos. Textos, que enfatizavam a importância da democracia ao povo, enaltecedo a liberdade de se expressar e não ser reprimido, de sofrer o martírio de ser preso por ser contra as injustiças sociais. Eu me sentia bem ao realizar esta prática. Ela integrava arte e política. Sei que, nem todos os seminaristas olhavam desta forma, haviam os que enxergavam com desdém e antipatia, o que revelava certa dosagem de inveja.

Outubro é o mês missionário para os católicos. Em 1989, no semi-

nário, eu juntamente com quatro seminaristas ficamos responsáveis para uma celebração, que comemorasse os missionários. Como é de minha personalidade, tomei à frente e organizei o momento. Dias depois da celebração, o Reitor Padre Heleno, que celebrou a missa, perguntou a um dos seminaristas, quem tinha planejado aquele momento, se foi de fato o grupo que apresentou, se foi o grupo que elaborou a oração aos missionários e suas missões. A missa transcorreu de acordo com o que eu tinha mentalizado. No entanto, como não foi dirigido nenhuma palavra de agradecimento e outro comentário qualquer, achei que não tinham gostado. Depois de uma semana, um colega próximo de mim, o seminarista Osvaldo, veio falar comigo e disse que, o reitor teceu elogios à organização e das palavras em forma de oração, que foram pronunciadas por mim. Esse colega já sabia, que eu tinha criado todas as partes a mais da missa, e disse ao padre que tinha sido eu. E mais, disse que estava muito bonito, diferente e criativo. Meu ego inflou, fiquei super lisonjeado. Admirei ainda mais o colega, que foi honesto e justo ao falar a verdade ao padre e também me contar.

O que vivi no seminário, nem tudo foi ruim, também foi bom. Nem o ruim foi ruim, quando dele tirei lições e ressignifiquei. Não é fácil, não é simples, é dolorido o processo de dar novo sentido. Mas meu percurso até aqui foi deste jeito. Agora um dilema, sair ou permanecer no seminário. Um dilema ensurdecedor, mas necessário. Era fevereiro de 1991, ao término do Curso Superior de Filosofia fui para o Noviciado na cidade de Taubaté. Agora viria um período de espiritualidade da ordem religiosa. Um período preparatório para conhecer a missão e ao final decidir por proferir ou não os primeiros votos da congregação religiosa. Foi um momento de pausa nos estudos acadêmicos, que me levou às cavernas e às trevas. Fiquei recluso do mundo externo. Neste lugar escondido do agito da cidade, rodeado de verde e de um silêncio, onde somente o canto dos pássaros e do riacho rompiam com a sensação de quietude, os sonhos diurnos e noturnos me visitavam como um constante aviso. Chegava dezembro e com ele o retiro de uma semana encerraria a experiência de noviço. Estava decidido a desistir e retornar ao mundo dos prazeres e desejos carnais. E assim os dias do retiro ocorreram e cada dia eu tinha certeza de desistir de ser padre. Na noite da véspera do encerramento, sonhei. Sonhei que, estava em uma gruta com baixa iluminação. Havia pessoas que eu não conhecia. Elas permaneciam por pouco tempo naquele lugar e logo saiam. Eu estava sentado no canto direito, estava em profundo silêncio, sem pensar, somente ouvia a minha respiração, que estava tranquila. De repente, uma figura humana adentra na caverna. Eu sentado, fui hipnotizado pela imagem de um ser iluminado. Era um sujeito de barba branca e longa, que vestia túnica marrom escuro, lembrava um sábio. Quando olhei para os seus olhos, o seu olhar

me tomou de uma paz profunda. Tive a sensação de que ele me conhecia, mas de um conhecimento puro, espiritual. O sábio não proferiu nenhuma palavra de seus lábios, mas anunciava pelo seu olhar a mensagem, que chegava até o meu íntimo. Despertei e saí do quarto, fui direto conversar com o superior da ordem. Bati na porta de sua sala. Pedi que eu entrasse. Assim que adentrei o recinto, olhou-me de cima a baixo. Padre Lauro não me disse nada. Levantou-se da cadeira e veio em minha direção. Abriu seus braços longos e me abraçou carinhosamente e neste berço de amor fraterno o meu corpo vibrou intensamente de felicidade. Neste exato momento, pude ter a certeza de que meu lugar era estar a serviço de Deus. Depois do abraço, Padre Lauro disse: já está vestido para proferir os seus votos, sua alma clama, seja bem-vindo à nossa congregação, você fará um lindo e abençoado trabalho, o de servir o povo de Deus.

“Quem olha para fora sonha, quem olha para dentro desperta”.
(Carl Gustav Jung)

José Nascimento nasceu em Joinville, Santa Catarina, no ano de 1964. Graduado em História e Mestre em Educação. Professor aposentado pela Rede Municipal de Ensino de Joinville. Participou de oficinas de escrita criativa, cursos de poesia e de formação em teatro. Tem poesias publicadas em livros de antologia: Des Costumeira Rotina (Poesia Fora do Eixo), O Im possível vencerá? (A Arte da Palavra, v01), Depois Floresce (Coletânea de Poetas Brasileiros 2022), Migalhas (Reflexões), O Gotejo que Afaga (O Som da Chuva), Lógica Deformada (Chorando pela Natureza – Antologia Geopolítica Ambiental), Perfil (Instagramável).



O dia em que me tornei
**MÃE SEM TER PARIDO
UM FILHO**



Josie da Rosa Pretto

Um casal e um sonho

Desde pequena eu sabia que seria mãe. Não tinha certeza se um dia iria casar, se existiria de fato um coração destinado para mim como mulher. Mas sabia que teria um coraçãozinho reservado para mim como mãe. Sempre quis adotar. Tive o maior exemplo de adoção coladinho em mim desde o meu nascimento: minha mãe.

Então, no final da faculdade, comecei a namorar o garoto mais incrível que eu já havia conhecido. E assim que o namoro ficou sério, compartilhei com Giorgio o meu sonho. Um dia eu iria adotar uma criança. E o menino mais lindo mostrou-se mais bonito ainda por dentro. Comprou a ideia que nunca havia passado pela sua cabeça na mesma hora.

Estudamos, casamos, trabalhamos, viajamos e, chegada a hora de aumentar a família, começamos imediatamente a providenciar a papelada da adoção. Afinal, era certo que iríamos adotar e que o processo inteiro era demorado. Daria tempo de termos um ou até dois filhos “da barriga” até chegar a nossa vez na fila. Não foi o que aconteceu.

Depois de muita investigação e sem qualquer causa física para não engravidarmos, enquanto aguardávamos a adoção, resolvemos partir para a montanha-russa de emoções chamada “reprodução assistida”. Foram anos intensos, ao total fizemos uma inseminação e oito fertilizações in vitro inexitosas. E deu para nós. Graças a Deus, resistência física não nos falta, mas sentimos em nossos corações que é hora de parar e, finalmente, só esperar.

Nunca havia passado pela minha cabeça não ter filhos “de todas as formas”, a partir do momento em que casei. Queria muito ter as duas experiências: receber o telefonema mais importante do mundo para buscar meu filho, além de pegar o resultado do beta positivo, sentir aquele serzinho crescendo dentro de mim, acompanhar seu desenvolvimento, enfim. Mas confesso que sempre senti que o dia em que o meu coração bateria mais forte seria o do telefonema.

Por conta de não termos esperado nem um segundo para ingressar com o processo de adoção, não posso reclamar do tempo de espera. No nosso caso em particular, tratamos de aproveitar a vida e fazer mais tentativas de fertilização, tranquilos de que, quando chegar a nossa vez, irão nos chamar. Como sempre falamos, nós somos adultos. Aguentamos o tempo que for preciso para ter nosso filho. Temos estabilidade emocional para tanto. A ciência de que demora muitos anos para ocorrer a destituição do pátrio poder no nosso país (e aí a maioria das crianças já saiu do perfil mais

desejado) me indigna pelo lado da criança, não pela ótica dos adultos que estão na lista de espera, com todo o respeito. Como disse, meu marido e eu temos a serenidade necessária para esperar. Vejo que alguns familiares e amigos se incomodam mais com a demora do que nós mesmos. Fomos preparados para isto. Nossas almas foram escolhidas há muito tempo para esta jornada e por isso a nossa tranquilidade.

É claro que não tem um dia, aliás não há uma única hora do dia em que eu não pense no meu filho. Será que já nasceu? Será que está resistindo aos percalços que a vida lhe apresentou desde tão pequeno? Rezo por ele e por sua genitora (a quem nós seremos eternamente gratos). Sonho com o dia em que direi para ele que sou a mulher mais feliz e sortuda de todo o mundo por ele ter me escolhido como mãe. Sim, sei que nos escolhemos.

Sei que ele está destinado para mim e para o meu marido há muito tempo. Sei também que o tempo de Deus é perfeito. Ele age na hora certa. Nem antes, nem depois. E aguardo com fé, certa de que é só uma questão de tempo para que o encontro mais abençoado de todos aconteça.

Relato do dia mais feliz das nossas vidas. O telefone tocou no dia 08.06.2016, às 13h09min. A espera pelo nosso filho acabou...

Após sete anos de espera, nesse dia, recebemos o telefonema que anunciou que os nossos caminhos finalmente haviam se cruzado. Que, a partir de então, Giorgio e eu dividiríamos a vida com o nosso filho.

O telefone tocou no dia 08.06.2016, às 13h09min. A espera acabou...

O dia em que me tornei mãe sem ter parido o meu filho.

Dias atribulados aqueles. Viagem de férias marcada para sexta, dia 10.06. Meu pai veio do interior do RS para fazer tratamento de saúde aqui em Joinville e na segunda, dia 06.06, recebemos o resultado dos exames, que nos levou a cancelar a viagem. Minha irmã mais nova, Juliane, chegou de Rio Grande para acompanhar o tratamento do pai. Passei toda a manhã de quarta cancelando passagens e hotel. Aguardava algumas ligações do convênio médico referentes a autorizações de exames e procedimentos, pois havia dado o meu número para contato do pai. Creio ter sido o primeiro dia, em quase sete anos, que não tive cabeça para pensar: “será que o telefone vai tocar hoje pra dizer que somos papais?” Sinceramente. Eu só pensava no meu pai. Antes de sair de casa, o Giorgio, meu marido, disse que teria um dia cheio. Uma cirurgia atrás da outra e que iria chegar tarde. Tudo bem. No meu primeiro dia de férias já tinha programado cancelar a

viagem de sexta e ficar em função do pai, de qualquer forma.

Almoçamos (meus pais, minha irmã e eu) e fui lavar a louça depois. Bem assim, sem glamour. Enquanto estava lavando a louça, ouvi o toque do meu celular, larguei tudo e atendi rapidamente sem olhar o número, certamente era do convênio médico.

O diálogo foi o seguinte:

- Alô?
- Alô, quem fala?
- É a Josie.
- Josie, aqui é a Júlia, do fórum.

[Foi a primeira vez que ligaram do fórum e eu não pensei que tivesse chegado a nossa vez, em mais de seis anos. Com toda a sinceridade, fomos tantas vezes contatados para curso ou nova entrevista, ainda mais considerando que havíamos mudado o perfil para irmãos e mais velhos durante o processo, que eu pensei que fosse mais uma destas ocorrências.]

- Oi Júlia.

- Olá, você e o seu marido estão há mais de seis anos na fila da adoção, não é?

[Juro que pensei: capaz que inventaram agora um curso para quem está há mais de seis anos na fila? Era só o que me faltava... rs]

-Então, chegou a vez de vocês!

[A Julia super empolgada, um doce, uma profissional e um ser humano que realmente comprehende toda a emoção do momento]

-HÃ?? O QUÊ?? EU NÃO ACREDITO!!!

- Parabéns, mamãe!! É um menino lindo de 1 ano e 5 meses.

-Ai Meu Deus, que lindo!! [Chorando compulsivamente, acompanhada da titia Jujú- meus pais no quarto sem saber de nada ainda].

- Mas é só um, tá mamãe? Sem irmãos.

- Ah sim, ai Meu Deus eu não acredito!!

- Vocês têm como vir ao fórum hoje às 17:30?

- CLARO!!!

A sequência vocês podem imaginar. Sempre pensei que o dia em que isto acontecesse eu iria comprar uma peça de roupa de bebê, fazer uma cartinha e ir até o hospital em que o Giorgio estivesse trabalhando para fazer uma grande surpresa. Que nada. Na hora eu só pensei: ele tem um dia cheio e eu vou garantir que ele saia até a hora marcada com a Julia agora mesmo! Então liguei:

-Alô papai!!!

-Hã, o que tem o seu Josué? [Depois ele me disse que só atendeu o celular porque o meu pai estava doente e quando viu o meu número achou que tinha acontecido algo com ele]

- Chegou a nossa vez, amore!!! Nós somos papais de um menininho de 1 ano e 5 meses!!

Mudo

Mudo

Mudo

[Achei que tivesse desmaiado ou caído a ligação]

- Eu não acredito!!!!

Chegamos no fórum e a Júlia nos recebeu com tanta alegria e carinho, conversou conosco, falou sobre o Gabi, perguntou se gostaríamos de conhecer (hã? O nosso filho? Claro!!!). Depois a Andreia, psicóloga, outra pessoa espetacular que acompanhou todo o nosso processo desde o início, entrou na sala para nos cumprimentar.

No outro dia iríamos conhecer o grande amor das nossas vidas. E naquele momento vimos que tinha que ser ele. O amor foi apenas personificado, tomou forma e direção, pois já estava dentro de nós desde sempre. Amávamos aquele menino há milênios. A empatia foi total. Conhecemos os anjos que tomaram conta dele para nós desde o seu nascimento; sua história; o caminho que o levou até nós.

Na figura da Giane, maior guardiã do nosso tesouro, agradecemos todo o amor e cuidado para com o Gabi e todas as outras crianças e adolescentes que têm um verdadeiro lar nos abrigos. Quem dera todos os abrigos fossem como o lar Abdon Batista, aqui de Joinville. Giane, sempre que nos encontramos eu te digo isto, mas fica aqui registrada, novamente, a nossa eterna gratidão.

Certa vez falaste para o Gabi: - Você não vai lembrar de mim, mas eu jamais esquecerei de você. E eu te digo: - Nós não deixaremos que ele te esqueça. Contaremos e lembaremos de ti sempre com todo o carinho e respeito que tu mereces. Muito obrigada por fazer parte e tornar esta história mais bonita ainda com o teu amor de mãe pelo nosso pequeno.

Então, voltando ao grande dia, quem fez a aproximação foi a psicóloga Bruna. Nosso pequeno se sentia muito seguro com ela, isto ficou bem claro. Brincamos com ele sob a sua supervisão atenta e carinhosa. Demos o almoço. Ficou combinado que voltaríamos no outro dia (sexta) e que a

guarda deveria ser obtida em mais ou menos uma semana, já que se tratava de uma criança bem pequena.

O Giorgio estava de plantão nesta noite. Minha mãe, minha irmã e eu no carro, quando atendo, no viva voz, uma ligação da Júlia. Perguntou como havia sido o encontro e disse que havia conversado com a Bruna sobre nós. Que, diante do nosso entrosamento maravilhoso já na primeira visita, elas tinham conversado com a equipe da vara da infância para liberarem a guarda do Gabi para nós no outro dia, e assim ele passaria o meu aniversário - dia 11.06 - conosco, em casa.

Nem preciso dizer a gritaria que houve no carro naquele momento, não é?! A gente ria, chorava, gritávamos “obrigada Deus, obrigada Júlia!” rs.

Sobre as questões práticas, a minha mãe separou tudo o que tínhamos de menino de 1a5m no enxoval. Como o nosso perfil era muito amplo, tínhamos comprado um pouco de cada sexo e idade ao longo do tempo de espera. Logo, não tínhamos muita coisa de cada fase. Consequência: nós três passamos a noite no shopping comprando tudo o que faltava para o enxoval. Não vivi a emoção de preparar um quartinho específico, e nem de fazer um enxoval com toda a calma para um recém-nascido, ao longo de 9 meses. Mas posso dizer que vivi intensamente a experiência de montar um enxoval completo literalmente da noite para o dia. Com a ajuda impagável da minha mãe e da minha irmã caçula.

Na sexta feira, chegamos no abrigo no início da tarde e, de pronto, a Bruna nos deu um presente inesperado e incrível. Um álbum decorado com fotos do nosso príncipe desde os seus primeiros dias. Elas haviam feito este registro para dar um dia aos seus pais. Sim, fomos abençoados com mais este presente da vida e daqueles anjos aos quais me referi anteriormente.

Brincamos a tarde toda com o Gabi, na expectativa do telefonema da vara da infância ou da Júlia, que acabou acontecendo por volta das 17:30. Nos aguardavam no fórum para expedirem o termo de guarda. E deixamos o nosso filho pela última vez no abrigo para voltarmos no início da noite e levá-lo para a sua casa.

Neste meio tempo, os avós e a tia tinham providenciado o melhor quartinho improvisado que um bebê já teve.

Quando levamos o Gabi do abrigo para casa, naquela noite de sexta-feira, ele dormiu nos meus braços pela primeira vez. E, neste momento em diante (olha o aviso de utilidade pública para todas as mamães que ainda

esperam na lista de adoção), não é que não importava que eu não o tivesse gestado na minha barriga. Eu não só o tinha gestado, como amamentado, presenciado seus primeiros passos, acompanhado o nascimento do seu primeiro dentinho, segurado a sua mãozinha em todas as vacinas. Eu tinha feito tudo. Daquele momento em diante eu era uma mãe plena. Eu havia vivido tudo aquilo. Eu senti e sinto exatamente dessa forma.

É tudo muito mais simples do que a gente imagina. E mais gostoso. E mais feliz. Ele é meu e sempre foi. Este pedacinho de gente de 1 ano e 5 meses me pertence e eu a ele desde sempre. Não sinto falta de nada. Sou uma mãe completa.

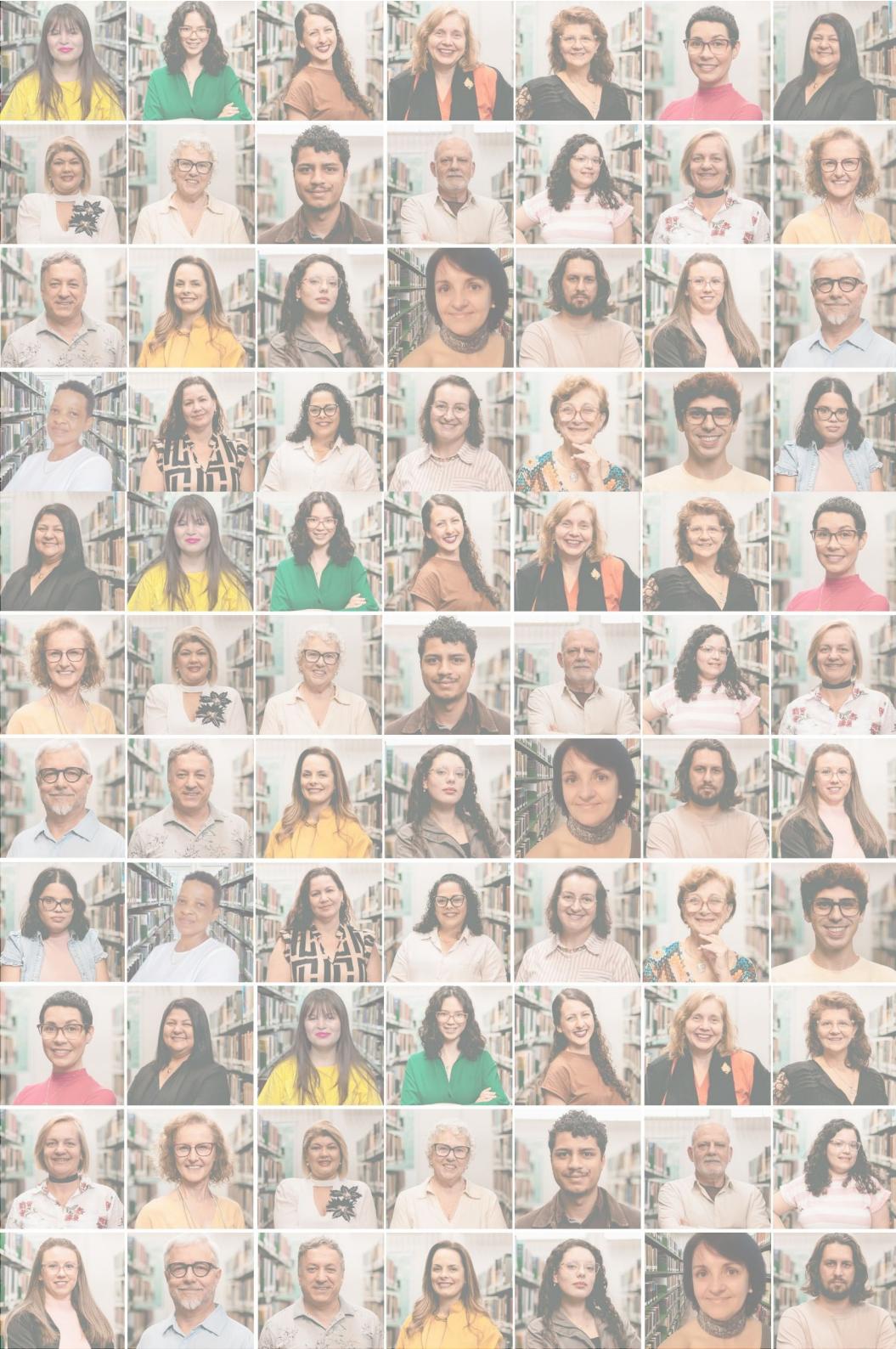
Josie da Rosa Pretto é gaúcha, radicada em Joinville há 20 anos. Formada em Direito pela Universidade Federal de Pelotas, atuou como advogada em Porto Alegre até 2004, quando foi aprovada no concurso para analista da Justiça Federal, cargo que exerceu até 2025.

Neste ano, tomou uma decisão corajosa: pediu exoneração para se dedicar exclusivamente à escrita, transformando uma paixão cultivada ao longo dos anos em sua nova profissão. Sua experiência de mais de duas décadas no sistema judiciário brasileiro oferece uma perspectiva única e profunda sobre questões sociais e humanas que permeiam sua obra.

Josie é mãe do Gabriel, pela via da adoção, e esposa do Giorgio. Junto com o cãozinho Luke, formam uma família que, nas palavras da própria autora, “não compartilha laço sanguíneo algum, mas que tem como origem os mais fortes laços de amor” - uma filosofia que se reflete em sua visão de mundo e em sua escrita.

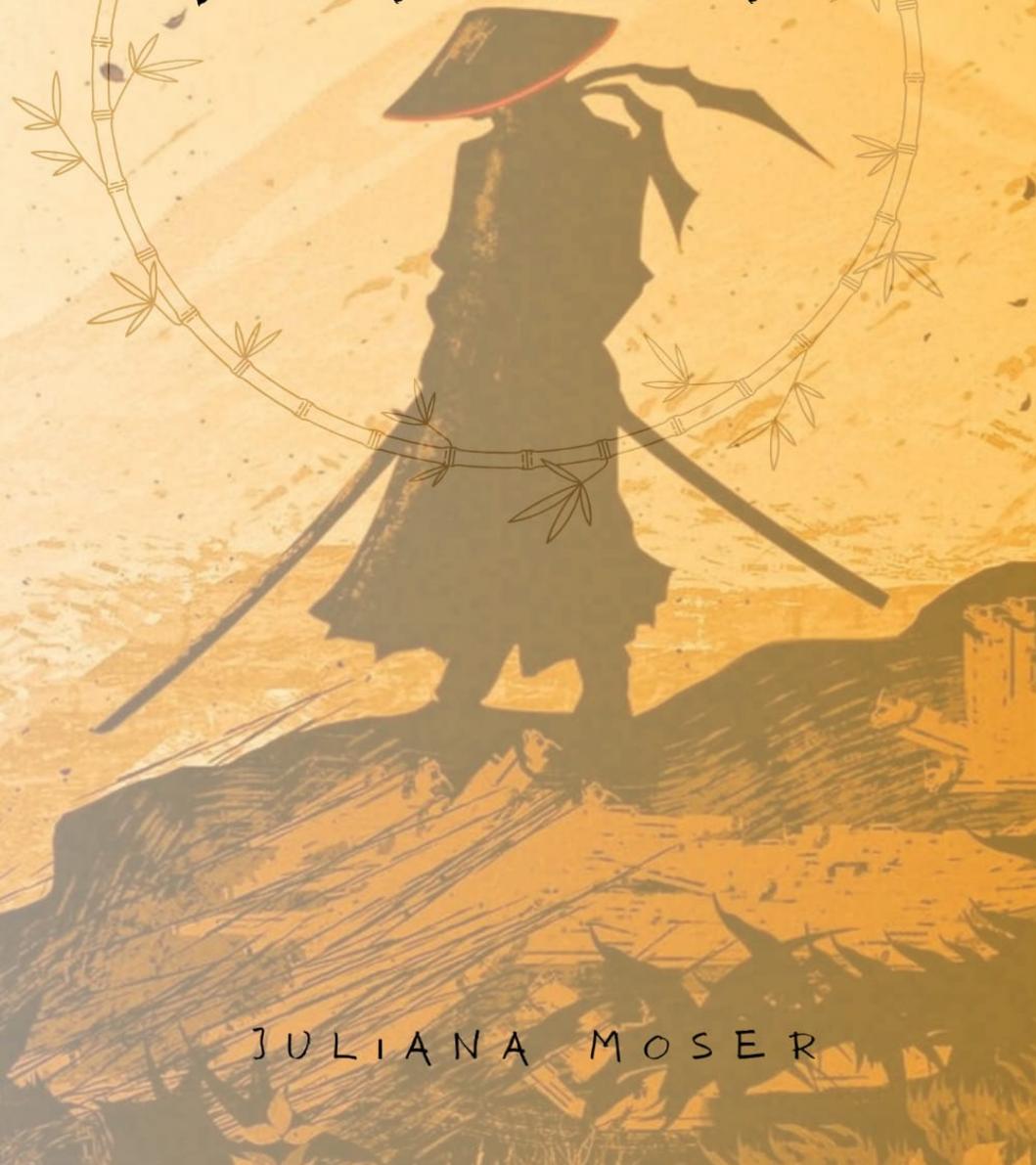
Atualmente, divide seu tempo entre a criação literária e os momentos em família em Joinville, onde encontrou o ambiente ideal para florescer como escritora, trazendo para suas páginas a sensibilidade adquirida tanto na vida pessoal quanto na longa trajetória profissional no Direito.





UM DESTINO PARA
O

GUARDIÃO



JULIANA MOSER

Um Destino Para o Guardião
Japão, 1850.

“Minha espada passeou em seus corpos, mas foram minhas palavras que mataram suas almas”.

Era aquele um homem que merecia pagar pelos seus pecados, diziam os inimigos no campo de batalha. Hiro sabia disso. Sabia que ao acordar sozinho dentro daquela caverna, não haveria arroz, nem sopa de missô, pois o ataque da noite anterior o deixara exausto e ele não tinha forças para esperar algo melhor do que pão seco e água suja.

Se ele fosse amado, em uma vida em que não fosse o pária que a guerra o transformara, talvez Hiro merecesse uma refeição quente e um lugar confortável para dormir, mas dentro daquele lugar úmido, somente a fogueira iria lhe fazer companhia. Pecado grande era este que cometera pois até os piores bandidos encontravam amizade uns nos outros. No entanto ele não era bandido, era só mais um desonrado guerreiro. Sem senhor, Hiro sobrevivia perambulando de vila em vila fazendo o trabalho sujo que deixavam para trás.

A noite passada havia sido boa e agora ele suas bolsas estavam cheias: ele tinha dinheiro o bastante para fugir para longe e lá, seu passado seria apagado.

Um barulho de metal contra as pedras o fez despertar na calada da madrugada. Seus olhos se abriram e o vulto de uma figura o observava nas sombras. Ágil como um felino, ele se colocou de pé.

Hiro ergueu sua espada mas antes que pudesse desferir, a voz rouca da figura se manifestou:

-- Você não se lembra mais de mim, pequeno gatinho? -- O capuz que acobertava seu rosto a tornava um fantasma para Hiro. A voz daquela mulher não o lembrava de ninguém e suas mãos ressequidas protegendo seu corpo não lhe eram conhecidas. -- Por favor, me deixe levar algumas dessas moedas para que possa ter o que comer.

O suspiro de Hiro fez a mulher se sentir esperançosa. Embainhou a espada novamente e apontou para a saída da caverna:

-- Vá embora daqui e não leve nada. Esse dinheiro é tudo que tenho.

Uma corrente de ar se alastrou sob a fogueira acesa com a força de uma chibatada. O fogo se apagou e a fumaça das cinzas cobriu a caverna em uma névoa densa. Hiro não entendia como um fogueira tão pequena

poderia produzir tantas cinzas porém quando prestou mais atenção ao seu redor, percebeu que o problema não era a fogueira e sim a mulher.

Era uma feiticeira. O jeito jocoso com que se locomovia entre as pedras remetia aos passos de quem muito aprendeu entre suas poções e feitiços.

-- Pois bem. -- A mulher limpou as mãos na barra da capa e continuou -- Me poupou a vida e portanto lhe pouparei a sua mas com uma regra: quer tanto ser próspero, Hiro? Pois então terá de aprender com aqueles que nada possuem.

- Porém, se um dia você aprender a amar alguém de todo o coração, eu faço mudar o teu destino.

A feiticeira bateu palmas e Hiro caiu no chão em um sono profundo.

Acordou em um susto. A luz da manhã entrava pelas frestas rachadas da caverna e o despertou para o novo dia na qual ele viveria bem com seu dinheiro, força, patas fofinhas e...

Foi quando Hiro Neko percebeu que ele não tinha mais mãos nem pés: ele tinha patas em formato de coração. Ele tentou tatear o seu rosto e sentiu um focinho com presas pequeninas e afiadas. Hiro olhou para sua pele antes cortada de cicatrizes e viu somente uma pelagem macia malhada, parecia que o tinham banhado em tinta branca e o pincelado com nanquim em seguida.

O guerreiro não sabia o que sentir então escolheu o sentir o desespero, o sentimento válidos dos ansiosos. Como não tinha mais dedos para levantar sua espada, ele já não tinha meios de ganhar a vida. O gato mexeu nas moedas mas elas não serviam para nada. Inúteis. Não poderia comprar comida muito menos abrigo com elas.

Abandonou a caverna fria e seguiu o caminho de um destino incerto com suas patinhas macias.

Ele muito vagou: andou pelos becos, fugiu entre os campos de arroz mas tudo lhe parecia idêntico a sua vida de guerreiro andarilho. Passou dias assim até chegar ao litoral.

Era um dia nublado e a praia parecia um grande nada, vazio e solitário. Nem os peixes seguiam a maré sem a luz do sol pois era monótono até mesmo para eles por isso, o gato se sentou com a firmeza de um samurai na areia e esperou o retorno do sol.

O silêncio da imensidão da praia acabou quando passos apressados seguidos pelo som de um saco de batatas sendo arremessado no chão fizeram um estrondo:

-- Áí, nossa! -- Quando Hiro se virou para trás, viu uma garota estatelada na praia tentando se levantar.

Seus cabelos castanhos estavam pontilhados por grãos amarelados e a palma de suas mãos estava toda esfolada, buscando agarrar um monte de sacolas largadas no chão.

-- O que faz aí me olhando, gatinho?! – O gato a encarou de cima baixo como se ela fosse uma imbecil. -- Eu só vim recolher algumas conchas. E você?

A mulher era totalmente maluca por conversar com animais e recolher conchas em pleno dia de semana, pensou Hiro.

-- Ah, você está sozinho? - Perguntou a maluca. Ela carregava naqueles olhos pouco lúcidos algo que para Hiro era inédito. Era um brilho gentil; como se ele fosse um novo amigo e não alguém capaz de lhe fazer mal.

Como o gato não fez nada, a garota inventou a resposta que quis e decidiu:

-- Mas como você é fofo! -- Ela segurou o gato e o ergueu como se ele fosse um bebê -- Vem, agora você é meu!

A garota o colocou dentro de umas das sacolas e o levou para casa. O gato esperneou, mordeu, arranhou mas terminou preso dentro das quatro paredes de um palácio pobre: feito de madeira e argila.

Mas só essa tortura não bastava: a mulher ainda o colocou dentro de uma bacia com o água e o esfregou feito um tapete velho.

-- Está com fome, gatinho? -- Perguntou ela.

O pequeno estômago de Hiro roncou quando se lembrou da última vez que havia comido. A moça pareceu ter enxergado o passado de fome nos olhos dourados do gato e separou leite quente em uma tampa de panela além de peixe fresco em uma tigela, especialmente para ele. O gato não sentiu o cheiro acre do veneno exalar, era um aroma tão gostoso que fez Hiro desistir de sua vingança -- seu objetivo era arranhar todos os estofados da casa -- e se juntar a garota.

O guerreiro comeu até ficar redondo feito uma bolinha de pelo.

Suas pálpebras começaram a pesar e o mundo ao seu redor se locomovia cada vez mais devagar.

- Está com sono, gatinho?

A jovem de yukata preparou um amontoado de toalhas quentinhas e o deixou aninhado em um cantinho em seu próprio quarto. Esse carinho tão cálido fez o coração do gato palpitar mas era um vai e vem peculiar:

os dias passavam e ele não sumia de dentro do gato. Ficava pior quando a garota fazia carinho entre suas orelhas, ou quando o chamava para ajudar nos artesanatos que vendia na praça: se a Garota de Yukata precisava de conchas, ele a ajudava a encontrar, se a artesã precisava de um modelo para suas escultura, Hiro se oferecia.

O mundo era menos pesado: ele não tinha mais ombros para carregar suas espadas atrás de si, mas para ela, Hiro era um guerreiro. Durante o inverno, quando os ratos invadiam a casa para fugir do frio, a Garota de Yukata não sentia medo pois sabia que o gato iria atrás de todos, um a um.

-- Você é o meu guardião, sabia? -- Os dedos dela passegaram sobre sua cabeça, acariciando sua pelagem malhada. Hiro havia acabado de trazer um presente -- Se fosse humano, provavelmente seria um grande samurai.

Seus tempos de glória passaram pela mente do gato feito um raio rachando a terra: a Garota de Yukata o havia feito esquecer as misérias de sua vida como homem mas também os sucessos, dias de uma época que parecia cada vez mais distante. Hiro ia se perdendo entre ser homem e ser gato: suas memórias estavam se embaralhando e em breve, não iria ter mais nada para lembrar além da hora de dormir e comer.

Ela o segurava entre os braços e o abraçava. Era um afeto caloroso como um dia de sol e Hiro sentia-se caminhando para fora da escuridão pela primeira vez pois agora tinha certeza: Ele era amado. E aquele amor tão puro o fazia querer mover céus e terra por sua dona.

No terceiro inverno que em Hiro vivia no litoral com a Garota de Yukata, ele descobriu o que era uma estação cruel: a mudança de tempo foi tão brusca que a moça adoeceu. Todos da vila que iam a casa da artesã se revezavam para ajudá-la, mas a doença da garota persistia. Os amigos mais próximos e até os desconhecidos fofoqueiros faziam Hiro ouvir a mesma sentença:

-- Dessa semana ela não passa.

Hiro parou de comer e até caçar ratos perdeu seu propósito. Ele era um inútil: a única pessoa que amava estava sofrendo mas suas patas nada poderiam fazer.

A Garota de Yukata estava morrendo e o gato? Prometeu morrer junto com ela. Para ele, nada tinha mais sentido e de nada se valia ter sete vidas se em apenas uma ele poderia ficar ao lado dela.

Hiro visitou a praia pela última vez pois decidiu que seria lá que iria morrer.

Era uma vida pela outra. O sacrifício por amor que a feiticeira que-

ria desde o início e assim, o gato entrou na água e nunca mais foi visto. Dias depois, a Garota de Yukata misteriosamente começou a se recuperar.

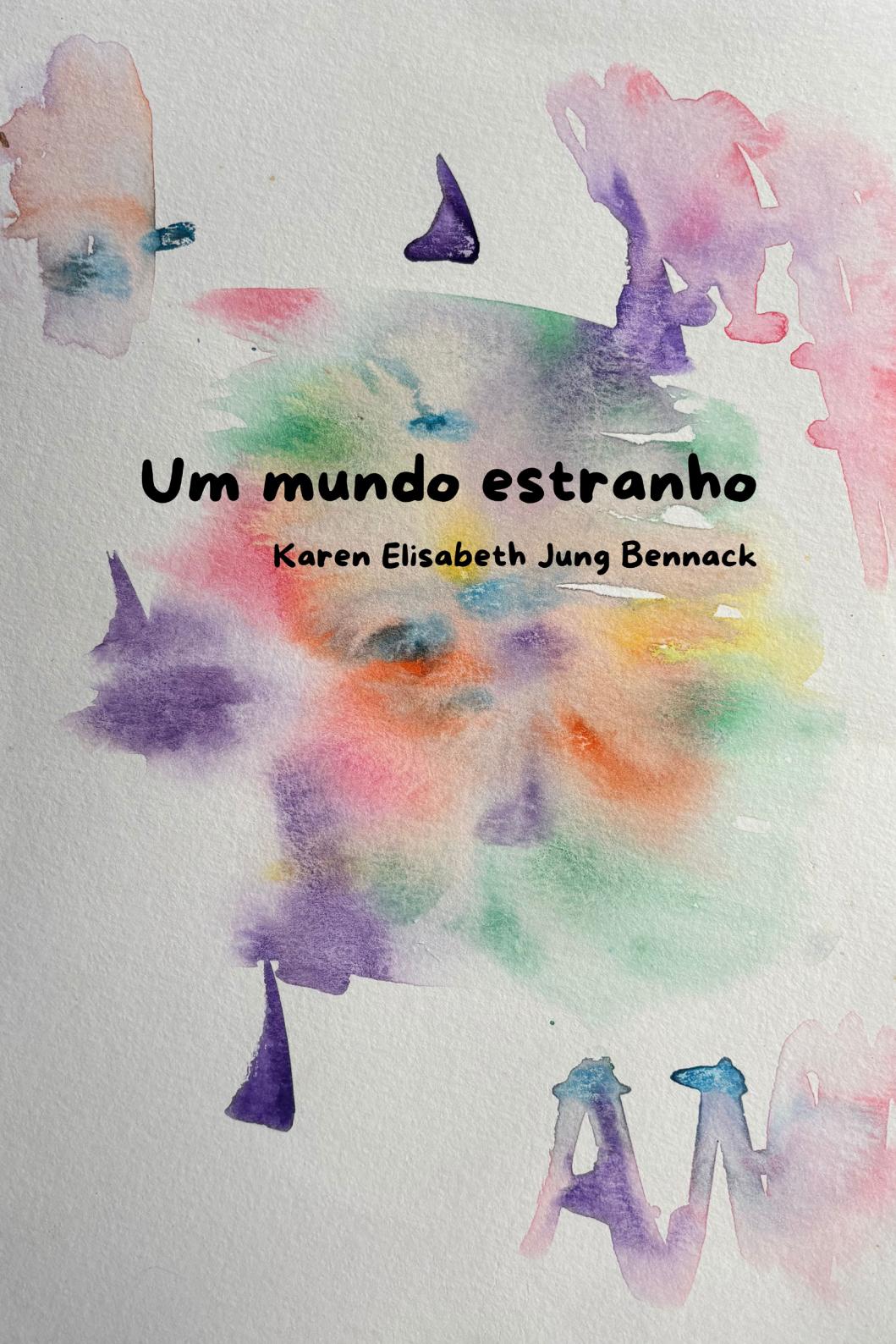
Nas ruas da vila, veio de longe um forasteiro de olhos dourados. Mas ele não era estrangeiro, era um viajante voltando para casa.

Voltando para seu lugar de guardião.

Juliana Moser é natural de Joinville - SC. Escritora por opção, Juliana sempre arranja um tempo para ver seus dramas, colocar seus animes em dia e, principalmente, ler! Apaixonada por livros desde que se conhece por gente, ela sempre vai ter uma boa história para te indicar.

Onde encontrá-la:@juliana_moser3





Um mundo estranho

Karen Elisabeth Jung Bennack

Kaliq é uma menina franzina, negra, de cabelos ondulados, contemplativa e imaginativa aos seus 9 anos. Seu estilo de criança, com roupas estruturadas entre pregas e botões de tecido duro e cores apagadas, dava lugar ao colorido das camisetas de algodão garimpadas a dedo nas feirinhas e brechós — lugares favoritos para os passeios com a mãe. Palco de coloridas lembranças entre passeios, doces e trajes, aquela era a sua festa particular: uma explosão de cores.

Os passeios, paralisados na memória por repetidos episódios de lapsos mentais tardivamente diagnosticados, construíam vínculo e afeto entre uma mãe silenciosa e uma criança curiosa. Ela buscava respostas: ao silêncio da mãe, à ausência do pai, aos lapsos mentais, às lembranças e à pressa de viver. Gatilhos mentais atordoantes.

A vida fez-na inquisitiva, irrequieta e precoce. Curiosa, fora do padrão! Não se acomodou.

- E se meu pai me ensinasse...
- E se mamãe quebrasse o silêncio...
- E se a escola não fosse tão distante...

Fora do padrão! Seja curiosa!

Leu isso em um outdoor caminhando pela cidade e decidiu investir em si.

Buscando respostas, queria saber sobre o pai, quebrar o silêncio da mãe e romper a rotina dos lapsos mentais.

Talvez fortalecida pela ausência do pai, com quem convivera apenas na primeira infância, ela mesma não sabia o que acontecia. Temia o silêncio da mãe e queria respostas.

— Silêncio não são respostas, inquiriu ela.

Buscou a terapeuta escolar e, sentadas juntas, desenhavam. Coloriam a tela das conversas sem precedentes. Tintas, risos, pastéis e tons ganhavam o viés das conversas mudas. Os lapsos mentais desapareciam naqueles momentos. Eram elas, protegidas pelo sigilo profissional — o primeiro passo.

A segunda conquista era colorir o silêncio da mãe. Ela simplesmente abreviava o mundo com silêncio. E sua voz era tão linda.

— Solêncio!

Era hora da escola. Prova!

Kaliq temia, quase em pânico, mas passou sem ser derrotada pelos lapsos mentais. Grande dia!

Reservada no silêncio do seu quarto, pensava no pai, no que fariam

juntos ainda e no que deixaram de viver.

As lágrimas corriam e ela dormia... num sono enternecido pelos sonhos, acordava disposta a vencer os lapsos mentais.

Mais terapia.

Angústia, silêncio e autoterapia.

Sorria — era o que podia transmitir de bom. Talento, dom, resiliência. Kaliq crescia entre trapos, brechós, memórias, ideias, conversas e... mais terapia.

A vida não desiste de quem a busca, ainda que o tempo corra atrás dela. Outro dia: prova, silêncio, café e barriga vazia. Lá foi ela, buscando suas respostas, construindo valores e barganhando o tempo, até que um dia algo de bom parecia sorrir-lhe.

Ela sonhava com o pai e com seus dias de infância. Buscava, em cada lapso, uma nova conexão — aquilo que era importante para a menina negra que crescia em silêncio.

Conheceu histórias, lugares, pessoas. Guardou o tempo, o silêncio e os sons em um canto bom da memória. Cresceu, floresceu, jamais esqueceu do pai, mas passou a guardá-lo no próprio papel. No tempo em que o lapso construiu memória, Kaliq cresceu!

O papel das histórias do pai foi sendo acrescido de tons, sons, lembranças, víncos, formas e tempo. Algumas vezes, lágrimas; outras, o aroma servido da última memória. Estava escrevendo seu memorial de partículas através da sensibilidade refinada pela trajetória dos fatos.

Sozinha, na sua ausência, sua memória guardava, nas linhas, a principal vitória:

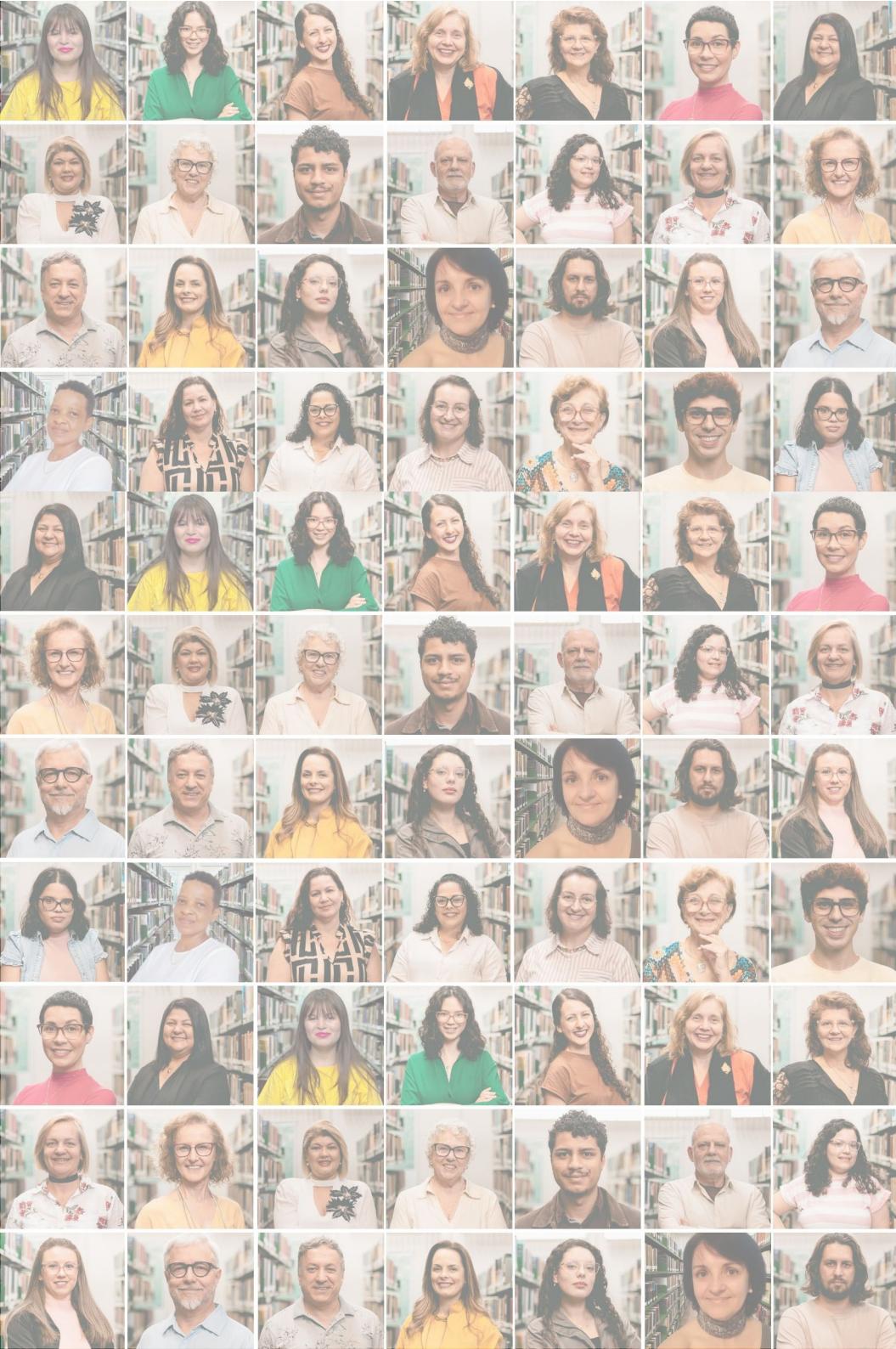
Encontrar papai era o meu presente!

Força, silêncio e companhia.

A melodia da vida, apesar das lacunas, construiu tempo para formar história. Deus encontrou sua memória, e Kaliq crescia — a saber, uma grande mulher.

Karen já atingiu milhões de estrelas só porque o céu fala pra ela da grandeza de Deus. Mãe de três filhos, auxiliar técnica em processamento de dados, estudante, com titulação superior inconclusa, encontrou na fotografia uma luz para expressar a tinta que falta quando a poesia ganha a marca dos alinhavos da superação. Nasceu em Joinville, morou por cinco anos no Rio de Janeiro e como estudante em Curitiba e Blumenau. Fascinada por caligrafia e escrita e as respostas que podem dinamizar esse jeito de conhecer.





A ÚLTIMA CAMINHADA DE UM VELHO SAPATO

MARCELO HAGEMANN DOS SANTOS



Confesso que sentirei saudade desse singelo ritual antes de cada nova caminhada. O apertar de laço duplo que nunca se desfaz, essas batidinhas para ajeitar seu pé em mim e a puxadinha da lingueta que coloca tudo em seu devido lugar. Tudo intercalado com algumas passadas. Cada delicado movimento religiosamente replicado um dia após o outro.

Me levastes a tantos lugares, e passamos tantos perrengues juntos que realmente não entendo porque me trocas assim.

Sei que já não sou novo, que meu cadarço não é tão colorido como quanto me comprastes, que esses anos de uso deixara meu tecido esbranquiçado, que tenho furos no forro, que o meu solado está repleto de pequenas pedrinhas impossíveis de tirar, que minha palmilha foi todinha corroída pelo seu andar e que a minha biqueira já se desfez, formando ali uma boca um tanto desajeitada.

E tudo isso me torna um sapato feio, eu sei, estou gasto e isso não nego. Mas tens que admitir que ainda sou um tanto quanto confortável, tenho o formato perfeito para o seu pé.

Fui moldado pelo tempo, pela sua própria anatomia, cada novo passo esticou o meu tecido, deformou a minha borracha até que finalmente pude copiar-te dos dedos ao calcnar.

Ai querido dono, se soubesse tudo o que fizeste-me passar nunca me tiravas do pé.

Sabia, contudo, que os meus dias estavam contados, que agora era só uma questão de tempo até que meu substituto fosse entregue na porta de tua casa.

Mas essa ainda não era a minha hora.

Já estava em teus pés quando ligastes para a portaria, numa breve pausa antes de sair de casa, perguntando se algo chegara para ti.

Para minha felicidade a resposta da voz do outro lado foi um grande não, nenhuma encomenda chegara à portaria naquele começo de tarde.

Era isso, teríamos mais uma caminhada pela frente. Ao menos uma mas, se ainda eu tivesse sorte, outras viriam nos próximos dias.

E para onde me levaria hoje?

Ainda lembro da nossa primeira caminhada juntos.

Em meu primeiro uso já me levara para bem longe, lá para zona sul.

Já tínhamos passado pelo terminal do Itaum e descímos a rua João Costa Júnior quando, quase chegando ali na Boehmerwald o céu caiu sobre nós.

Não deveria ser nenhuma surpresa porque já que quando saímos de casa o tempo estava bem fechado, mas a esperança era a de que continuasse assim, apenas nublado.

Assim que a chuva caiu nos abrigamos em baixo de um toldo em frente à casa de alguém.

Você tirava a água da camisa quando o dono daquela casa perguntou o que estava fazendo ali. Disseste pontualmente que só estava esperando a chuva passar, o que considerando que ainda era verão era uma possibilidade, mas que acabou não se concretizando.

A chuva deu uma trégua mas não chegou a parar, o que era um aguaceiro acabou se tornando apenas uma garoa, de modo que voltamos para casa depois de alguns minutos de baixo daquela armação de vidro, e depois de agradecer ao dono da casa por aquela proteção.

Quando chegou em casa tirou-me e me colocou próximo da janela, como se já estivesse fazendo sol, e logo em seguida foi tomar um banho para evitar um resfriado.

Felizmente não se resfriara depois dessa nossa primeira caminhada, uns bons quinze quilômetros de caminhada, eu destaco, foram apenas duas bolas nos pés, uma em cada, bem pequeninhas. Não mal para um tênis recém tirado da caixa, não?

Depois disso não me usaras por alguns dias. O tempo continuava o mesmo, nublado com pancadas de chuva, e me esperastes secar antes de partirmos em uma nova aventura.

Nesses anos que se passaram fomos a tantos lugares, a cada canto dessa cidade. Desde de Vila nova e Javiratuba até o Aventureiro, poucos bairros escaparam de nossas visitas. Subimos o morro do Finder, fomos até o parque da Caieira..

Já hoje, após passarmos as ruas do centro, atravessando a praça da Bandeira atrás do terminal do centro e a rua dos cartórios, assim que chegamos ao Museu do Sambaqui e continuamos na direção do Rio Cachoeira eu sabia para onde me levaria nesse fim de tarde.

O Mirante sempre era uma boa escolha para a caminhada. Em dias de sol aproveita-se a ida até lá em cima para vislumbrar a vista da cidade, já em dias frios e nublados utiliza-se do esforço extra desses dois metros e pouco de subida para justificar uma caminhada mais curta e voltar para casa mais cedo.

Essa era uma daquelas caminhadas.

Depois de passamos em frente ao Parque das Orquídeas há uma pequena subida até o Zoobotânico, apenas uma pequena prévia do que há dali para frente.

Como sempre, antes de seguirmos até o mirante, fazemos uma pequena pausa dentro do Zoobotânico, seguindo o caminho ao redor do lago em sentido anti-horário, devagar, esticando bem as pernas uma última vez

antes de começar o esforço pra valer.

Feito isso mais nenhuma pausa, subimos direto pelo caminho da calçada até o topo.

Enquanto subíamos, descendo vinha um casal caminhando juntos com tênis novos, aparentemente recém adquiridos. Cadarços bem branquinhos, costura sem nenhuma falha, nenhum sinal de que estivessem gastos.

Passaram por nós sorrindo, como se aquela subida não tivesse sido nada.

Suas solas não faziam barulho, muito diferente das minhas, que soavam como um rato ansioso para surrupiar um pedaço de pão esquecido na cozinha às três horas da manhã.

Não bastasse a inveja que senti naquele exato momento, assim que cruzávamos, senti a calçada lisa, úmida da chuva do dia anterior, e tu escoregastes sobre mim, derrapando em meu solado sem, felizmente, perder o equilíbrio.

Abrindo as pernas conseguir firmar-se novamente no chão, evitando uma dura queda que, àquela altura, estava bem claro que seria toda culpa minha.

Por mais que doesse admitir, não havia mais como negar que aquilo não aconteceria com aqueles sapatos novos do casal que passava pelo nosso lado, pois certamente não tinham solados tão lisos quanto as próprias pedras molhadas da calçada por onde andávamos.

Ao lado, o homem do casal chamou atenção de ti, brincou dizendo que quase levaste um baita de um tombo.

Fizera que não dera importância àquele episódio, mas no fundo sabia que eu o havia envergonhado.

Nunca que isso teria acontecido se estivesse usando outro sapato, um mais novo e menos gasto do que eu.

De qualquer forma seguiistes adiante até o Ponto de Parada do Mirante, onde fez uma pequena pausa, bebeu um pouco e água e seguiu em frente mais uma vez, primeiro para trilha antes de finalmente subirmos no mirante.

Nesse caminho fiquei pensativo, reflexivo, e percebi algumas coisas.

Eu não era apenas um tênis barulhento e feio, não, eu já não era tão confortável quanto costumava ser.

Comecei a notar que minhas pequenas imperfeições cutucavam os seus pés, os machucavam aos poucos a cada nova pisada.

Eu tinha certeza que, depois daquela breve caminhada, novas bolhas surgiriam em seus pés, dentre os dedos ou mesmo no calcâncar. Machuca-

dos que sarariam, com certeza, em poucos dias, mas que até lá certamente o incomodariam.

Fui convencido, depois desse episódio, que essa era a decisão correta, era mesmo hora de me aposentar.

Finalmente a caminhada estava no fim. Estava exausto, muito mais cansado do que o costume. Sabia que aquele era o meu limite, que o meu solado já estava tão fino que pudera sentir o fio de cada misera pedrinha que encontrara no meio do caminho.

Mas o meu ultimato veio a seguir, após subirmos as escadas da fachada do prédio. Quando chegamos no hall, lá estava ela.

Nesse meio tempo em que estávamos fora a encomenda chegara até a portaria e esperava por ti, meu dono.

Sabia o que era apenas pelo formato daquele pacote, afinal, foi através dessa mesma maneira que cheguei até tua casa.

Assinou a papelada, apanhou a encomenda, pegou o elevador e entrou em casa. Não esperou muito e já abriu aquela caixa.

Apesar das cores serem diferentes, era como se eu estivesse olhando para uma versão de mim no passado. Podia não ser idêntico, mas sem sombra de dúvida era um modelo muito similar ao meu.

Por algum motivo aquilo me deixou aliviado, ele podia ter cores menos vibrantes que as minhas, mas certamente era um bom sapato. Tinha a impressão de que te servirias direitinho assim como eu te servi por todos esses anos.

Assim que tirou o meu substituto de sua caixa o levou para o quarto, segurando-o pela entrada dos pés com uma das mãos, sentou-se na cadeira ao lado cama e colocou o novo par junto dos outros sapatos ao lado da cama, no lugarzinho que eu sempre ficava quando não estávamos caminhando.

Aproveitastes que estava sentado e finalmente me tirou dos pés, colocando-me junto na frente de si, para então pegar-me pela entrada dos pés e se levantar da cadeira.

Andou apenas de meia até o cômodo onde ficara a caixa dos novos sapatos e sem pestanejar me colocou, um pé de cada vez, dentro dela, acomodando-me em meio ao forro de papel que antes envovia o novo tênis para então cobrir a caixa com sua tampa e deixar-me sob a escuridão de dentro dela.

Quando a caixa fora aberta novamente, as sombras que ocupavam o seu interior foram substituídas pela luz e em poucos momentos comprehendi onde estava.

Reconhecia aquele balcão, já havia visto inúmeras vezes aquela prateleira repleta de sapatos sociais e botas de couro na parede logo atrás dele.

Meu dono, depois tantos esses anos, não me jogaria fora como lixo. Em vez disso me trouxera àquele sapateiro, pertinho de casa, uma quadra talvez, por onde passamos na frente inúmeras vezes, por vezes no início por vezes no final de diversas de nossas caminhadas.

Em suas mãos, o sapateiro cuidou de costurar os meus buracos, substituir a minha palmilha e fechar a boca formada pela biqueira estourada.

Voltei para casa na semana seguinte recuperado, mas não o mesmo sapato de antes.

O meu lugar já estava ocupado, nunca mais voltaria a ser um tênis bom para uma longa caminhada.

Em vez disso, a partir daquele dia, eu recebi um novo propósito.

Minha nova tarefa era ser aquele tênis gasto e velho, perfeito para pintar uma parede, colocar os pés na lama e trabalhar na terra e realizar qualquer trabalho sujo sem medo de me manchar.

Marcelo Hagemann dos Santos

Nascido e crescido em Joinville, fui diagnosticado com dislexia já nos primeiros anos do ensino fundamental. Português sempre foi a minha pior matéria, enquanto em matemática tirava tudo de letra. Foram muitas aulas de reforço, provas de recuperação e visitas à fonoaudióloga até chegar ao ensino médio e aprender a lidar com a minha escrita e estar atento aos meus erros.

Acabei tomando a dificuldade com a língua como um desafio. Fui atrás de livros que me interessassem, treinei mais a minha escrita e aprofundei nos estudos de gramática pensando no vestibular.

Fui criando gosto pela leitura e pela escrita, até parar no curso de Letras após um breve desvio em Filosofia.

Formado passei a atuar como corretor de texto com foco em trabalhos de acadêmicos do Direito, sem parar de escrever os meus próprios textos que público em minha página no Medium, abordando assuntos de meu interesse como Animes, Jogos, Arte e Filosofia, além de publicar religiosamente um conto de Halloween todos os anos desde 2017.



O último capítulo

Nadi JK



Nos afazeres do dia a dia, enquanto o trem apita lá fora, cortando a via paralela, meu filho ainda aprendendo a usar as palavras pergunta:

- Mamãe, você já andou de trem?

Eu sem pensar, respondi prontamente:

- Não.

- Mas ele passa todos os dias aqui ao lado...

Foi quando me deparei com ele.

Ele estava ali, à minha frente, com o olhar fixo, imóvel.

E eu, congelada. O coração batia forte, parecendo sair pela boca.

Segurei meu filho no colo, com temor que o levasse naquele momento.

Não falava nada, apenas um olhar de reprovação. Aqueles instantes, pareciam dias, anos, e tudo passou em meu pensamento em frações de minutos. Porque não era meu filho que levaria, seria a mim mesma. Mas antes, me permitiria escolher uma despedida.

Dessa forma, meu último dia seria um evento marcado e organizado antecipadamente. Tudo estaria pronto para que ocorresse de maneira impecável.

A lista musical tocaria em volume agradável, com melodias cantigantes, arranjos e notas afinadas, letras rebuscadas que proporcionariam, bem, de que adiantaria...

A comida, ah... a comida, delícias doces e salgadas, iguarias com leite condensado e outras salgadas com azeitonas, eram coisas que meu filho adorava, para todos os paladares, desde os mais requintados aos que demandam fonte de energia para enfrentar longas jornadas ou maratonas, bem, eu sempre procurei pensar em atender meus amigos, público, clientes em suas peculiaridades, mas hoje percebo que o mesmo não aconteceu para mim.

O traje? Então, é importante, mas não o principal. Vestir-se adequadamente exige bom senso e não recursos financeiros. Eu trajaria algo confortável e elegante, usaria cores que gosto e me acendem, no entanto, o momento estava perdendo a cor.

O ceremonialista, seria alguém “sem cerimônia”, ou seja, que para chegar a mim, não necessitaria agendar horário.

O lugar, necessariamente amplo, por mais que eu seja um pouco maior do que um metro e meio, os convidados deste dia mereceriam estar acomodados e sentindo-se à vontade. Ah, não poderiam faltar elementos da natureza como flores, por exemplo.

A decoração, nada que fosse descartável, pois nunca gostei desse termo. Tudo que demonstrasse minha identidade ou ainda, mais flores, mudas de plantas para que dessem continuidade a obra do Criador, mas o que eu via ao redor, era cimento cinza e frio.

Falando em frio, a temperatura do ambiente precisaria estar agradável, nem frio, nem calor, uma brisa suave que exalasse o cheiro das flores e meu perfume preferido.

E por falar em perfume, usaria aquele com notas doces e de sândalo, mas não enjoativas. Fragrância que remeteria a doce infância e a inocência de quem não tinha problemas como agora.

Tudo parecia perfeito, mas perfeito pra quê? Se esta seria uma despedida? O último capítulo da minha vida?

Eu o questionava, contudo, minha voz parecia não ter efeito, não soava ao ouvido dele. Por mais que eu gritasse, não chegava aos seus ouvidos, e neste desespero de perceber que a fala não cumpria sua função, comecei a observar melhor, abri melhor os meus olhos e pude ver que não era ele, era ela.

Ou ainda, eu mesma.

Ele era o medo que revestia ela, e ela era eu, quem havia se perdido nas coisas da rotina.

Ela gritava por socorro, com medo de ver o tempo passar, como aquele trem que todos os dias desfilava ao lado de casa e nunca parara para apreciar.

Ela. Eu frente a frente comigo mesma, me falava, ainda que sem voz, o quanto era preciso usar mais os dois olhos, os dois ouvidos e não tanto uma só boca. Quão era urgente se olhar, se ouvir com a voz do coração.

E foi neste misto, de medo, temor, imobilidade que ouço agora uma voz conhecida, porém, a qual não era a minha. Esta dizia:

- Mamãe, mamãe, mamãe!!!

A singela voz do meu filho que me chamava insistente, com ar de quem estava me chamando por um bom tempo.

Naquele momento, tomei consciência do extraordinário do cotidiano.

Apertei meu filho contra meu peito e disse:

- A mamãe está aqui! Vamos contar os vagões?

Ainda na sua tenra idade, não conseguia contar mais do que dez, mesmo assim, ficamos ali, observando cada detalhe, algumas letras maiores que já reconhecia, cores e formas.

Não iniciamos na máquina, mas senti seu coração acelerar de emoção e também relaxar de confiança.

Percebi que existem coisas que nos afastam, e outras nos aproximam. Muitas vezes queremos apenas chegar ao destino, sem contemplar o trajeto, ou as pessoas que conosco viajam.

Decidi a partir daquele dia, fazer todos os dias um evento, para mim mesma e para quem está ao meu lado diariamente, usando meu perfume preferido, ouvido as melhores canções, usando taças no nosso almoço, plantando e contemplando as plantas ...

Novamente meu filho, me segura pelas bochechas com suas mãos fofinhas e me pergunta:

- *Mamãe, vamos viajar de trem?*

E desta vez, sem hesitar eu respondi:

- *Sim!*

*Nadielle Lorena Janing Kubnik (Nadi JK). 39 anos. 07/03/1986
Filha, irmã, esposa, mãe. Pedagoga com especialização em Educação Infantil, Anos Iniciais, Psicopedagogia, Gestão e Tutoria.
Licenciada em segunda Licenciatura em Educação Física.*

Atuante como professora regente de polo da Aupex – Uniasselvi. Cristã. Catequista. Carreira na educação iniciou-se em 2013. Mas antes, vivenciou experiências em outras áreas administrativas e da saúde. Contar histórias sempre foi algo mágico em sala de aula e em casa. Seja real ou fictícia toda história é feita de memórias, gerando outras. Nascida e residente em Joinville. Em 2024 trabalhou o livro de um autor joinvilense em sala de aula, finalizando com a presença do próprio autor com os estudantes. Este, que deixou uma frase para os discentes:

“Não importa se a letra é feia, se a história for bonita!” – Tércio Bernardes.

Amante da natureza e animais, zela com cuidado a Obra do Criador. Assim como cada história criada ou vivida, é fruto, é filho, é obra.

“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.” O Pequeno Príncipe.

Acreditando assim, que cada momento é propósito, é oportunidade, é história e é exatamente onde cada um deve estar.



REPUBLICANOS NO SERTÃO DO ITAPOCU



REMY CORRÊA DE ANDRADE JÚNIOR

Por batismo, nasci Anofrio. Estou na casa dos setenta anos vividos entre a agricultura, os negócios com mercadorias e embarcações. Como dizem por aí: um comerciante. Uma nova classe do povo que a República fez nascer. Recebi os Santos Óleos pelas mãos do Monsenhor Manoel Joaquim da Paixão, vigário da Vila de São José, Província de Santa Catarina no dia 25 de setembro de 1850, embora meus pais digam ter nascido no mês de abril. Meu pai, Francisco Joaquim da Rosa; minha mãe Thomasia Francisca da Rosa. Meus avós paternos eram José Joaquim da Rosa e Maria Caetana que foram os meus padrinhos. Meus avós maternos: Albertolo Francisco e Luiza de Jesus que moravam na Freguesia de São Francisco “por necessidade”. Todos eram descendentes de colonos açorianos que para cá vieram na segunda metade do século XVIII. Na Ilha de Santa Catarina em Nossa Senhora do Desterro e arredores da “terra firme” havia pouca terra fértil para cultivo diante de tanta gente que chegava em diversas levas. Meu avô José Joaquim, de rígidos princípios e como bom açoriano da Ilha de Santa Maria, tinha um pé na terra e o outro na canoa, ou seja, trabalhava um pouco na roça e um pouco no mar. Meu pai, obstinado, voluntarioso, de espírito pioneiro e com visão comercial, teve notícias sobre terras mais ao norte da Província.

Assim, aos meus onze anos, adentramos aqueles sertões com muitas dúvidas e temores. O que encontrariámos nessa empreitada? Nos instalamos em terras pertencentes ao recém criado Distrito da Barra Velha de Itapocu, uma freguesia com a invocação de “Glorioso São Pedro d’Alcântara e Virgem Imaculada Nossa Senhora da Conceição”. Na chegada, era notável a ocupação a leste, em direção ao mar, bem como em ambas as margens do famoso Rio Itapocu. Na sua foz, pela margem direita, do lado do Paraty, encontrava-se instalada uma serraria a vapor de um morador, sesmeiro antigo, de sobrenome Sales. Havia grande extração de madeira na região e muitos sítios cultivados principalmente com mandioca e cana-de-açúcar. Entretanto, chamou-nos a atenção o intenso movimento de embarcações pela “imensa e rica” barra deste rio. Diziam subir até oito léguas, rio acima, para comercializar diversos produtos como também transportar grandes contingentes de imigrantes europeus para a nova “Colônia Jaraguá”. Empreendimento do Coronel Emilio Carlos Jourdan que pretendia instalar um engenho de cana para produção de açúcar e aguardente. Por causa deste intenso movimento, aquela localidade foi reconhecida, pelo governo provincial, como sendo estratégica para a atividade econômica e a formação de novos assentamentos rio acima.

Todo este cenário fez parte da minha infância e adolescência. Os Rosa forjaram ali, nas margens daquele rio, após a primeira curva rio acima, na margem esquerda, o famoso Porto do Sertão do Itapocu. Nossa

propósito era ser como aquela gente da elite aristocrática e escravocrata francisquense, descendentes dos primeiros vicentistas que aportaram nesta Província juntamente com o bandeirante Manoel Lourenço de Andrade.

Como todos da família, tinha pouca instrução. Analfabeto na infância, aprendi a ler na vida adulta. Assim, fui iniciado nas primeiras letras pelo meu futuro cunhado Alexandre Justino Regis, o Xandoca, que tinha apreciável instrução. Dois anos mais velho que eu e morador na localidade de Ribeirão da Corda mais a noroeste da vila do Paraty.

O porto do velho Chico da Rosa (como passou a ser conhecido na região) constituía-se em frente pela casa comercial, depósito e engenho. Recebia embarcações conforme a preamar permitia calado, facilitando a navegação de escunas de até dois mastros sem sobressaltos de encalhes. Os produtos embarcados consistiam de aguardente, açúcar grosso, rapadura, farinha de mandioca, milho, feijão, amendoim e peles de caça. Em poucos anos, nosso porto passou a ser usado intensivamente pelos canoeiros a serviço do Coronel Jourdan para o transporte de máquinas destinadas ao seu empreendimento em formação na fazenda da “Colônia Jaraguá”.

Aos dezessete anos perdi minha mãe Thomasia e aos vinte e sete casei com Leonida Justina Garcia, irmã do Xandoca. Neste momento, já lendo e escrevendo, tomei uma importante decisão: abandonei o nome Anofrio e adoto o definitivo Onofre. Passo a chamar-me Onofre Francisco da Rosa! E assino meu nome de uma maneira toda particular: o Francisco tem uma peculiar abreviatura como “Fco”. Saí pelo mundo para portos distantes transportando num patacho farinha de mandioca, aguardente e rapadura, trazendo, no retorno, tecidos, porcelanas, querosene, café. Enfim, os produtos que não tínhamos na freguesia. Nesta lida conheci os movimentados Portos de Paranaguá, de Cananeia (São Paulo) e Angra dos Reis (Rio de Janeiro).

Leonida, uma legítima descendente açoriana, baixa estatura, corpulenta de cabelos negros, rosto redondo e olhar austero; concebe nosso primogênito em 1878: Catulino. Catulino Onofre da Rosa!

Tive participação na política do Segundo Império. Dois partidos revezavam-se no poder: o Conservador e o Liberal. Pertenci ao Partido Liberal, cujos chefes locais concentravam-se na Vila de Nossa Senhora da Graça do Rio de São Francisco do Sul mais especificamente na família dos Gomes d’Oliveira, personalizado na figura do Coronel José Antônio de Oliveira e de seu genro, o médico baiano afrodescendente Abdon Baptista.



O liberal Onofre Francisco da Rosa

E tenho como correligionários em nossa paróquia Miguel Leal de Souza Nunes e, obviamente, o Xandoca. Miguel, nascido em 1838, também descendente de açorianos, migrou da Enseada das Garoupas, uma freguesia a algumas léguas ao norte do Desterro. Sabendo escrever era agricultor e tornou-se também negociante, residindo no Itapocu a partir de 1872. Era integrante da Mesa eleitoral de São Francisco do Sul por Itapocu e foi membro do Diretório do Partido Liberal, além de membro do Conselho Municipal do Paraty. Já o Xandoca, nascido em 1848, era natural de São Miguel da Terra Firme, dedicando-se também à agricultura estabeleceu-se no Ribeirão da Corda em Paraty. Era pai de Gustavo Lebon Régis que, no futuro, seria um notável no Exército e na administração federal.

No regime eleitoral do Império os cidadãos só eram considerados aptos desde que estivessem de acordo com os requisitos eleitorais estabelecidos desde 1875 e aperfeiçoados pela Lei Saraiva de 1881 (com a colaboração de Rui Barbosa) que estabeleceu a eleição direta no País. Dentre estes requisitos, o da renda anual mínima: duzentos mil réis anuais! A outra foi a restrição ao voto do analfabeto e das mulheres. Esta legislação provocou grande agitação no país, dividindo as províncias em distritos eleitorais com as suas respectivas paróquias e freguesias. Ou seja, o acesso ao voto na época era concedido a uma elite.

Em 1880 falece o velho Chico da Rosa, assumo assim todos os trabalhos no Porto do Sertão. Além disso, neste mesmo ano, ingresso na Guarda Nacional da Comarca de São Francisco sendo nomeado Alferes da 7^a Companhia do 5º Batalhão de Infantaria. Em seguida, a administração da Província de Santa Catarina nos convoca, como herdeiros de meu pai, para provarmos a posse e uso da terra bem como assinarmos a escritura de compra daquelas terras no Sertão do Itapocu, pelo preço mínimo da lei, sob pena de sermos despejados, pois éramos, até então, simples posseiros naquela localidade. Em virtude disto, neste mesmo ano, requeiro junto à Diretoria de Terras e Colonização outras áreas no Vale do Itapocu, ampliando o nosso cultivo.

Pelas minhas constantes idas a Paranaguá, Cananeia e Angra dos Reis, a bordo do patacho Dona Francisca, para comerciar, e entre uma e outra queda de braço com a marujada das inúmeras embarcações da prática da navegação de cabotagem; começo a ter contato com as ideias republicanas. Também no meio militar existiam descontentamentos contra a centralização excessiva da monarquia e a mendicância das províncias. Principalmente a nossa província, considerada periférica, pelos bacharéis “casacas” na sede do Império. Deste modo, tomo conhecimento do Manifesto Republicano de 1870 publicado na primeira edição do jornal “A República” do Rio de Janeiro e da Convenção de Itu em 1873 em São Paulo que reuniu a fina flor da agricultura cafeeira.

A propaganda republicana seduzia poderosamente. O Desterro funda o primeiro Club Republicano em 1885 e Joinville inaugura o seu em 1887 com a circulação do primeiro jornal abolicionista e republicano aqui na região, “A Folha Livre”. O protagonismo dessa iniciativa foi do publicista Manoel Corrêa de Freitas.

Defreitas, como ficou conhecido, era natural de Paranaguá. “Campeão da causa republicana na província”, fundou dezenas de clubes com seus famosos “meetings”. Era o nosso Silva Jardim. Os clubes republicanos tornaram-se o fórum de debates para a implantação do novo e revolucionário sistema de governo. Éramos a única monarquia na América. Assim, os Clubes Republicanos foram a vanguarda das ideias republicanas e a gênese dos futuros Partidos Republicanos.

Xandoca, torna-se republicano fanático. Dizia que muitas vezes, nas suas viagens pelo interior da província, ao falar em República, perguntavam os roceiros prá ele quem era Silva Jardim de quem tanto ouviam falar. O nome do tribuno republicano carioca era conhecido e popular. Além disso, Xandoca corajosamente declara para a “Folha Livre” que “os partidos monárquicos nunca farão a felicidade do país pois o poder deles só lhes dá o Rei quando quer” e no final declara sua adesão ao partido republicano. Esta manifestação dele teve uma grande repercussão em nossa Freguesia.

Sua relação com Defreitas e os republicanos do Clube Joinville fez com que viessem nos ajudar a organizar o Clube Republicano do Itapocu. Em 11 de agosto de 1889 fundamos o nosso Clube Republicano. Miguel Leal, Xandoca e eu e encabeçamos a sua Diretoria. O jornal O Sul editado em Joinville, sob a direção do republicano Capitão João Evangelista Leal, registra em sua primeira edição a nossa adesão às ideias republicanas e a criação do nosso *Club Republicano*. Pouco mais de três meses antes da queda da monarquia no Brasil!

E veio a nossa REVOLUÇÃO REPUBLICANA!!!

O Dr. Abdon Baptista, notável do Partido Liberal e naquele momento Deputado e Presidente da Assembleia provincial, presente na casa em 15 de novembro de 1889, na capital Nossa Senhora do Desterro juntamente com Duarte Paranhos Schutel, também médico, político, jornalista e seu



O tribuno republicano
Manoel Corrêa de
Freitas



correligionário no Partido Liberal e Vice-presidente da mesa diretora e que naquela tarde, ao receber a notícia da mudança de regime, presidia uma sessão na Assembleia Legislativa, testemunha este épico evento: “(...) Grande impressão, dúvidas sérias, sentido impossível de perceber. Ideia primeira: morte do Imperador, levantamento República. (...) Bocaiúva, telegrama ao comandante do 25: toda prudência. Cidade pacífica: poucos grupos. Clube Republicano aberto, poucos membros - Palácio quase fechado.” Enquanto isso, em Joinville; Ignacio Bastos, republicano e chefe dos telégrafos recebeu de correligionários membros do Clube Tiradentes no Rio de Janeiro, uma carta reservada em que lhe dizia que “alguma coisa se tramava para instaurar a República, a estalar do dia 11 em diante”. Assim, indo trabalhar no aparelho telegráfico para a estação de Morretes, às 6 horas da tarde, um colega lhe deu a boa nova, e como ele não quisesse acreditar, pediu ao colega que fosse lendo a tira a qual ia passar para o sul a aguardada comunicação do novo governo republicano. O telegrama era oficial e assinado por Quintino Bocaiúva! comunicando o advento da República e a formação do governo provisório constituído dele, de Deodoro e Benjamin Constant. Os republicanos impacientes, por influência do Capitão Leal, queimaram os primeiros foguetes. Perguntavam: Que foguetes são estes? A República do Brasil, respondeu o Capitão. As adesões começaram e nessa noite entre vivas à República esgotaram-se muitas garrafas de champagne e finos vinhos do Porto. No outro dia, Xandoca estava em Joinville. Capitão Leal assumiu o cargo de delegado de Polícia. Choviam telegramas, e todos, sinceramente ou não, abençoavam a República!

Mas nem tudo foram flores com o advento da República. Sua consolidação teve um preço bastante alto! Na Guerra Civil de 1893-1895 (entre federalistas maragatos do Sul e os republicanos legalistas florianistas), a família Rosa não sofreu maiores contratemplos, mas tiveram de se refugiar no interior da mata. Os republicanos históricos partidários do Dr. Lauro Severiano Müller, vulgarmente apelidados de “lambisas” eram perseguidos e fazia-se a “limpeza” (degola e fuzilamentos) dos republicanos locais, tudo dependendo da terrível condição delação-desforra dos federalistas locais. Soubemos de degolas de comerciantes pró-republicanos no Porto de Itajaí e na Colônia Jaraguá. Em Joinville, o Dr. Abdon Baptista, pró-federalistas recebeu e acolheu os maragatos que foram previamente avisados sobre a resistência diante de qualquer assédio ou violência contra a população joinvilense. O filho de Xandoca, Gustavo Lebon Régis, no posto de segundo Tenente do Exército legalista atua heroicamente em Divisões no Estado do

Paraná. A guerra tem fim em Santa Catarina com a fuga dos federalistas de Desterro e o torpedeamento do navio da Esquadra, o famoso Aquidabam. O Coronel Moreira César é o interventor nomeado pelo Marechal Floriano Peixoto e persegue brutalmente os federalistas em todo o Estado. Daqui, da nossa região, dois foram presos e fuzilados na Fortaleza do Anhatomirim: Capitão João Evangelista Leal (quem diria!) e o escrivão da coletoria de Joinville Miguel Soares de Oliveira Cercal. Dr. Abdon Baptista escapou por um triz!

Como o Estado Santa Catarina, neste período, apresentava-se conturbado politicamente - desde a implantação da República, passando pela Guerra Civil - estávamos circunstancialmente sob Estado de Sítio e consequentemente... sem eleições. Fomos ter eleições diretas somente em setembro de 1894 após Decreto do governador nomeado Antônio Moreira Cesar. A eleição em nossa freguesia foi realizada na residência do correligionário Miguel Leal, num sábado. Esta votação seria a primeira na era da República em nossa freguesia. Seria a eleição para Governador e Vice-Governador. Foi eleito para governador o engenheiro civil Dr. Hercílio Pedro da Luz. No dia seguinte, no domingo, foi a eleição para Senador e Deputados ao Congresso Federal. Nesta eleição foram eleitos para Deputados Federais o Coronel Gustavo Richard e o Chefe Supremo do Partido Republicano Catarinense, o Tenente-coronel Dr. Lauro Severiano Müller. Em novembro realizamos a eleição dos Deputados para o Congresso Representativo do Estado. Elegemos Ernesto Canac, comerciante de Joinville, e o médico francisquense Dr. Luiz Antônio Ferreira Gualberto.

O cidadão Governador Dr. Hercílio Luz auxiliou bastante a nossa Freguesia, realizando a dragagem da Barra do Rio Itapocu que passara anos assoreada não permitindo a entrada de grandes embarcações para nosso comércio e também implementou a praticagem na entrada da Barra, aumentando significativamente o fluxo de produtos e mercadorias. A República mostrava a que veio! No impulso do novo século, proporcionava o desenvolvimento dos agora Estados pertencentes à República dos Estados Unidos do Brasil! Após as eleições, em dezembro, perdemos o nosso decano correligionário Miguel Leal, após sofrer por muito tempo de doença pulmonar. Nós o sepultamos no Itapocu.

Em 1895 foi a vez de elegermos o superintendente municipal, Conselheiros municipais e Juízes de Paz. Elegemos para Superintendente o Sr. Francisco José Dias de Almeida, o qual foi reeleito em 1898. Fui eleito Juiz de Paz com dezesseis votos. O cargo de juiz de paz, criado no Brasil

em 1824, tinha como atribuições: resolução de pequenos conflitos locais, julgamento de pequenas causas, vigilância comunitária, atribuições policiais, a comunicação com o poder público e até celebração de casamentos. Entre 1896 e 1910, com a República completando pouco mais de duas décadas, participei ativamente como mesário e presidente da Mesa Eleitoral nas votações para os cargos de Senador e Deputados Federais, Deputados Estaduais, Governador e Vice-Governador, Superintendente Municipal, Conselheiros Municipais, Juiz de Paz, Presidente da República e Vice-Presidente da República. Consolidou a minha posição de Chefe local do Partido Republicano Catarinense (PRC), juntamente com Xandoca.

Em 1902 o talento político do Chefe Supremo do Partido Republicano Catarinense (PRC) Dr. Lauro Severiano Müller apazigua os conflitos entre os republicanos e também promove a união com o Partido Federalista. Foi a chamada “Fusão de 1902”.

Em 1906 o Presidente da República Afonso Pena, após ser eleito presidente, visita Joinville e inaugura a Estação Ferroviária. Para nós, no Sertão do Itapocu, esta modernidade chega só em 1910 com a construção da ponte sobre o rio. Era a Ferrovia São Paulo-Rio Grande chegando. O nosso sertão estava deixando de ser Sertão! Temíamos a decadência do nosso Porto.

Em agosto de 1914 falece minha esposa Leonida Justina Garcia Rosa. Contraio segundas núpcias com a Professora Dona Maria Paula Vieira. No ano seguinte, recepciono o Superintendente Municipal de Joinville e Senador Abdon Baptista em sua visita ao agora, Distrito do Itapocu. Ironicamente! Pouco mais de duas décadas atrás, após a derrota da maragateria, o Senador havia passado por momentos dramáticos. Após a Guerra Civil, procurado para ser conduzido à Fortaleza de Santa Cruz no Desterro, na Ilha de Anhatomirim, foi preso e dali escapou certa noite. Sendo conduzido camuflado no invólucro duma pipa de aguardente, por canoeiros amigos, que o removeram daquele esconderijo até São Francisco, onde um navio o transportou, sob o amparo da bandeira argentina, para Buenos Aires, de onde somente regressou quando foi decretada a anistia em 1895.

Quanto ao meu cunhado e correligionário Xandoca foi, durante muitos anos fiscal da Mesa de Rendas em Joinville e depois no Rio de Janeiro, acompanhando seu filho, notável militar, Deputado Estadual e Federal, bem como ocupante de diversos cargos na administração federal, o Coronel Gustavo Lebon Régis. Perdemos Xandoca em 1916. Morro em 1924, mesmo ano que faleceu o Dr. Hercílio Pedro da Luz. Hercílio Rosa,

meu décimo e penúltimo filho é que comunica meu óbito na Escrivanía do Itapocu. Catulino assume os negócios do Porto e terá serviço de balseamento no Rio Itapocu durante muitos anos.

Hoje, que a República está feita, muita gente a destrata. Ouve-se muitos republicanos dizerem: - Esta não é a República que sonhei! Mas para mim, é a que sonhei e lutei! Ela saiu tal qual imaginei. O que não saiu direito?... Foram os homens! A República está feita e muito bem feita: temos de conservá-la e aperfeiçoá-la. Para a termos, como sonhavam os idealistas, formemos bons republicanos, patriotas e desinteressados.

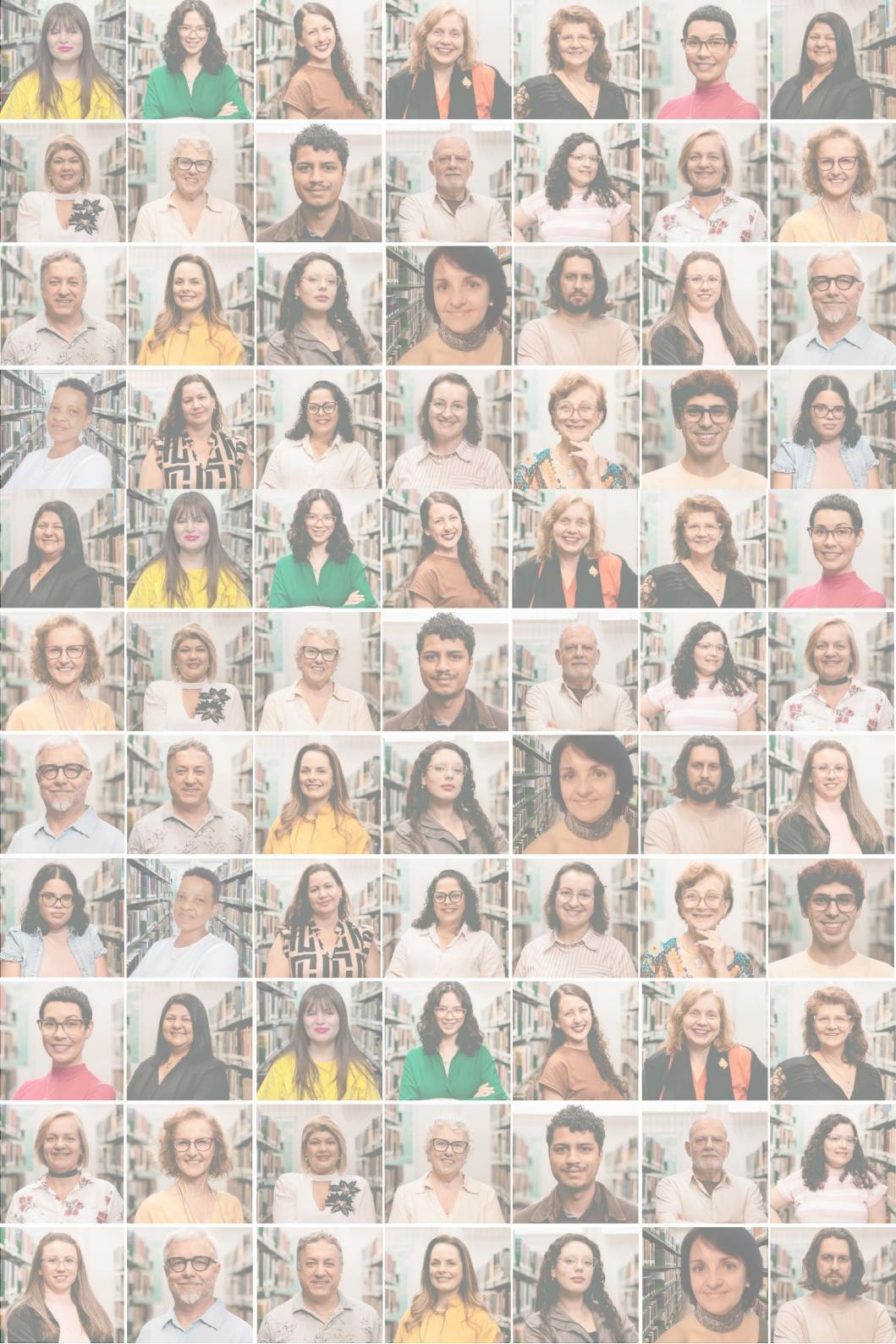


Onofre Francisco da Rosa

O Chefe local do Partido Republicano Catarinense

Remy Corrêa de Andrade Júnior. Natural de Porto Alegre/RS. Possui Graduação em Medicina Veterinária (UFRGS) e Bacharelado em Ciência Política (UNIASSELVI). Mestre em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRGS). Como Médico Veterinário atuou na área da Defesa Sanitária Animal nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Servidor inativo do Estado do Rio Grande do Sul. Como Cientista Político é pesquisador independente nas áreas temáticas Pensamento Político Brasileiro e Primeira República (1889-1930) Brasil e Santa Catarina. É membro efetivo da Associação Brasileira de Ciência Política – ABCP e do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – IHGSC. Contato: remyandradejr@gmail.com.





Inspirado em uma história real

CONTINUE

Se ainda respira, então posso lutar

RÔ PEDROSO

Meu nome é Rosângela, mas gosto que me chamem de Rô. Nasci na cidade de São Paulo, mas moro em Joinville – Santa Catarina desde 2011.

Sonho em viver a liberdade de ir e vir, trilhando caminhos que me levem sempre ao que amo fazer. Minha paixão é dançar — é na dança que encontro a cura, o refúgio e a força para recomeçar.

Entre tantas voltas que a vida dá, permaneço firme nos meus valores inegociáveis, sustentada pela minha fé em Deus.

Na minha infância, lembro-me de um tempo em que eu tinha por volta de seis anos. Enquanto minha mãe saía para trabalhar, eu ficava sob os cuidados da minha avó materna. Tenho dois irmãos, ambos mais velhos. Eles corriam, brincavam, exploravam a casa em liberdade.

Eu, no entanto, vivia um outro tipo de rotina. Era trancada em um banheiro — sem comida, sem água, sem companhia. As horas pareciam não passar. O silêncio era denso, o medo constante e a fome insistente.

De repente, uma luz atravessou a fresta da porta e desenhou minha sombra no chão frio do banheiro. Então, comecei a dançar com ela — como se, naquele instante, eu e minha sombra fôssemos uma só.

O medo e a fome se dissolveram por alguns instantes, e o que restou foi apenas o movimento, a liberdade dentro do confinamento.

Não lembro de todos os detalhes... só da sensação profunda de estar presa — e, ao mesmo tempo, de ter encontrado uma forma de respirar.

Foi há pouco tempo que esse fragmento da minha história ressurgiu — como uma lembrança que o tempo tentou esconder, mas o coração insistiu em trazer à luz.

Junto com ela, veio também a memória do abuso que vivi. Ainda há falhas, espaços em branco, partes que minha mente parece proteger...

Não recordo de tudo — apenas da dor silenciosa que ficou, e da força que, mesmo sem entender, começou a nascer ali.

As dores da infância tornaram-se feridas silenciosas, e a vida adulta trouxe novos desafios.

Já na vida adulta, comecei a ter crises psicológicas / surtos e fui diagnosticada com esquizofrenia.

Em 2014, tive um novo surto enquanto trabalhava — e, pouco depois, sofri um AVC. Fui afastada do trabalho e mergulhei em uma profunda depressão.

Cheguei a perder a vontade de me levantar da cama. A tristeza e o descuido com o corpo foram tão intensos que até meus dentes se perderam com o tempo.

Afastada do trabalho, mergulhei em períodos de depressão e ansiedade. Com o tempo ocioso e a mente cansada, parecia impossível reen-

contrar um sentido. Mas dentro de mim, um sussurro de esperança ainda resistia.

Em consequência da minha situação, enfrentei uma grave crise financeira e quase perdi minha casa. Com a ajuda de uma juíza, consegui mais tempo para pagar as parcelas atrasadas, mas, durante esse período, o imóvel ficou inabitável devido a rachaduras.

Precisei sair de casa e fui morar com minha mãe, levando comigo minha filha adolescente. Naquela época, eu já havia passado por um casamento e me divorciado. Dessa relação, tive duas filhas: uma já com 22 anos e a mais nova, com 8 anos, em 2014.

Com o tempo, um conflito familiar surgiu — palavras duras e preconceituosas foram ditas pela minha mãe. Minha filha, ferida pelo que ouviu me tirou de lá, magoada por ver a forma como eu estava sendo tratada. Sem ter para onde ir pegamos uma barraca e fomos viver nas ruas, passando fome e frio, mas mantendo a perseverança e fé.

Foi quase uma década de lutas, surtos, internações até que em junho de 2025, enfrentei um dos momentos mais difíceis da minha vida. Após um novo surto psicótico, os médicos sugeriram minha internação no CAPS.

Eu estava exausta e temerosa.

Naquela noite, deitei-me em minha cama, ouvi o Salmo 91 e, em oração, supliquei:

“Jesus, não me deixe ser internada novamente.

Mas, se for para isso acontecer, eu escolho o Senhor.”

Adormeci.

Durante a madrugada, tive um sonho com Jesus — um homem de cabelos longos, vestes brancas e uma voz cheia de amor. Ele me disse:

“Você não está sozinha. Eu estou contigo por onde você andar. Nenhum mal chegará perto de você, porque Eu estou contigo, ao seu lado. Filha, acredite.”

Ao acordar, o dia estava lindo.

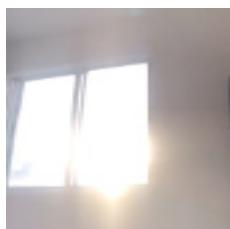
O céu azul, o ar leve, e uma luz maravilhosa atravessava a janela.

Senti uma paz profunda, como se algo tivesse se libertado dentro de mim.

Levantei-me decidida, fui ao CAPS com minha filha e, com firmeza, disse:

“Eu não quero ser internada. Eu não estou sozinha.”

Após esse sonho e a certeza de que não estava sozinha, reencontrei a força de dançar.



Comecei a dançar na Praça Canto dos Pássaros, sentindo a liberdade e a cura que o movimento trazia.

A dança, antes uma lembrança do passado, tornou-se presente, oração e renascimento.

Mesmo diante das dificuldades, a dança continuava sendo meu refúgio.

Com o coração renovado e a dança fortalecendo minha alma, me inscrevi para participar A Mostra Competitiva do festival que é uma tradicional competição que ocorre no Centroeventos Cau Hansen. O Festival 40+ é dedicado a bailarinos com 40 anos ou mais, com apresentações realizadas no Teatro Juarez Machado na 42ª edição do Festival de Dança de Joinville, um dos maiores eventos do país.

Apresentei-me no dia 06 de setembro de 2025 com alma, corpo e fé.



E, para minha surpresa, conquistei o primeiro troféu da minha vida. Segurar aquele troféu foi como abraçar a menina que um dia dançou no escuro. Aquele momento representou cura, liberdade e superação.

Nesse mesmo período, surgiu a oportunidade de participar do Projeto Cultural Laboratório de Autores de Joinville, idealizado por Helena Farias e que ocorreria na Biblioteca Municipal de Joinville, todas as quartas-feiras, nos meses de setembro e outubro de 2025.

Comecei a participar sem saber exatamente o que deveria fazer. Fui à oficina mais para ocupar a mente e estar em contato com outras pessoas. Nesse espaço, fui acolhida: me enxergaram, me ouviram e estenderam a mão.

Uma dessas pessoas passou a conversar conigo, percebeu minha dificuldade em desenvolver a escrita da minha história e esteve ao meu lado em todas as aulas e em encontros extras só para que minha história chegasse até você. Hoje, graças a esse apoio, pude compartilhar uma pequena parte da minha trajetória de vida. Obrigada Sabrina.



Quero também agradecer à Cris e à Dona Tânia, duas mulheres incríveis que, ao escutarem minha história, perceberam que eu precisava de um arco para minha próxima apresentação e o fizeram com tanto capricho. A seguir compartilho as fotos.

A Jane que também participou do projeto e me deu um caderno e um lapis. Agradeço à idealizadora do Projeto Cultural Laboratório de Autores de Joinville, Helena Farias, e à gestora da Biblioteca Pública Municipal de Joinville, que me convidou para realizar uma apresentação no dia 10/12/2025 e gentilmente cedeu o livro Grande para compor o cenário da minha apresentação no Natal Joinville, nos dias 30/11/2025 e 20/12/2025, às 20h20.

Agradeço também as minhas filhas Amanda e Alexsia e a minha grande amiga Hilda que mora em São Paulo, que, mesmo à distância, me ouviu, se preocupou e me deu palavras de motivação. Graças a elas, continuei e estou aqui hoje.

Atualmente, continuo meu tratamento, enfrento os desafios da mente e do corpo, mas não deixo que o medo seja maior do que a esperança que me impulsiona a seguir em frente.

Cada vez que danço, reencontro Jesus me levantando. A fé é o que me move, o que me ancora, o que me dá forças para continuar.

Em 19 de outubro de 2025 apresentei uma coreografia solo no SCAR Centro Cultural situado na cidade de Jaraguá do Sul aqui no estado de Santa Catarina.



Em 25 de outubro de 2025 me apresentei no Teatro Procópio Gomes em São Paulo, foi outro momento memorável onde recebi uma medalha de participação como única representante de Joinville, Santa Catarina.



Hoje, danço para curar a mim e inspirar outros a acreditarem que é possível recomeçar.

Meu nome é Rosangela Madalena Soave Pedroso, mas podem me chamar de Rô Fênix. Acredito que não podemos perder a fé, porque nunca estamos sozinhos.



“Pessoas especiais cruzam nosso caminho para somar em nossa jornada. E, como presente, recebi a arte digital com todas as datas das minhas apresentações de dança, celebrando cada passo, cada conquista e encerrando o ano de 2025 com alegria e gratidão.”

“A fé me fez levantar, a dança me fez seguir, e o amor de Deus me ensinou que mesmo nas sombras, sempre há luz.”

Rô Fênix é bailarina autodidata de dança contemporânea, apaixonada por transformar a dor em movimento e a fé em força.

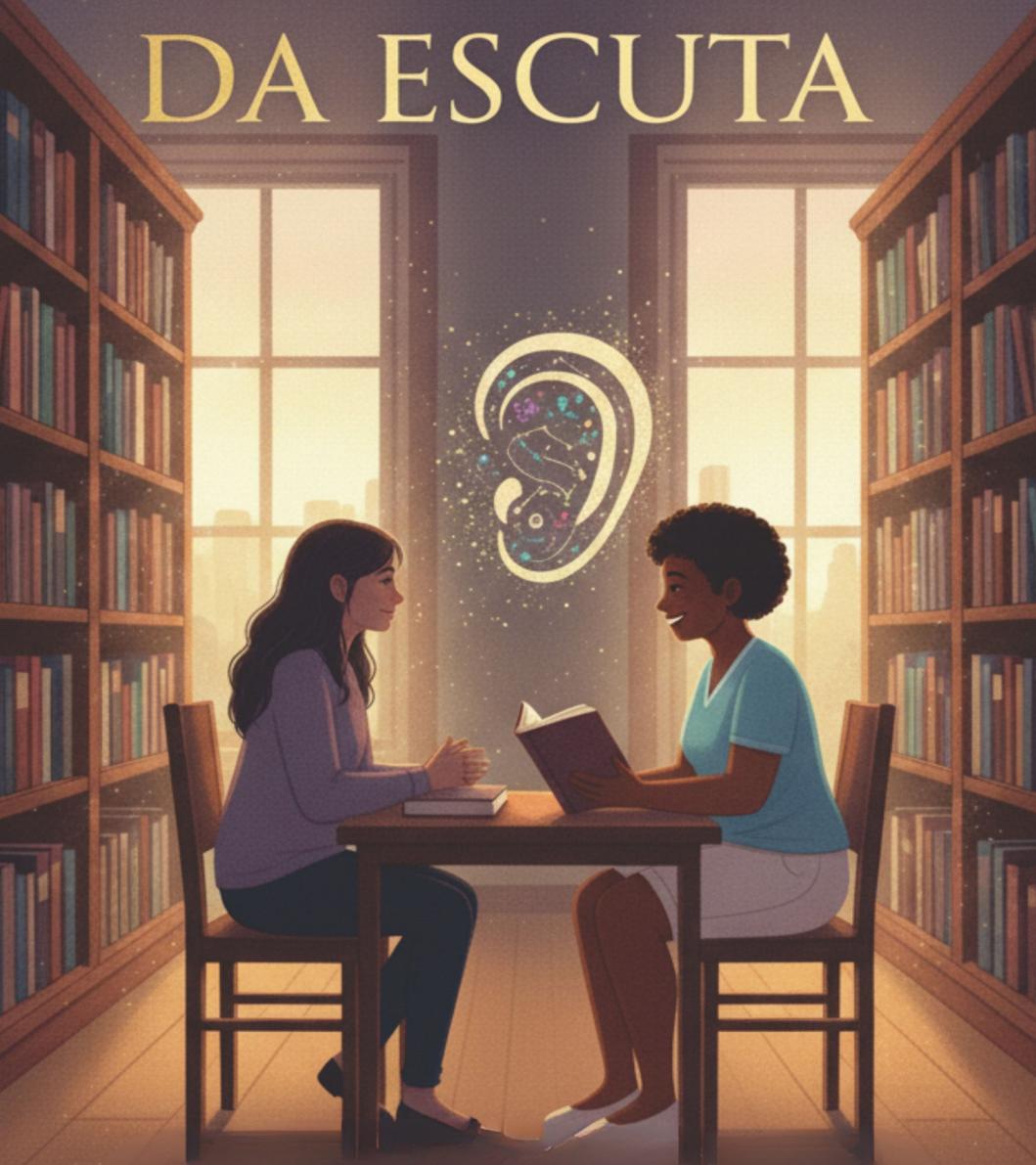
Nascida em 09 de novembro de 1971. Natural de São Paulo e residente em Joinville.

Rô não segue roteiros rígidos: embora não tenha formação em dança ou coreografia e enfrente dificuldades para memorizar passos, deixa a dança fluir espontaneamente no momento da apresentação, tornando cada performance única, intensa e cheia de emoção.

Sua trajetória inspira pessoas de todas as idades a acreditarem no poder da arte e da fé para recomeçar.



O CHAMADO DA ESCUTA



SABRINA ROHLEDER STERTZ

O Chamado da Escuta. Sempre senti um desejo quieto de escrever. Não sabia exatamente o que, mas havia em mim uma necessidade de colocar em palavras tudo aquilo que morava dentro do peito — lembranças, sentimentos, aprendizados, fé. A escrita, para mim, sempre foi uma forma de compreender o que eu sentia.

Quando surgiu a oportunidade de participar de um projeto cultural de escrita, senti uma alegria imensa. Era como se algo dentro de mim dissesse: “Vai. Esse é o momento.” Entrei no grupo cheia de expectativa, acreditando que finalmente daria início ao meu livro — o livro da minha história.

Mas, como a vida sempre tem seus caminhos misteriosos, o que aconteceu foi bem diferente.

Nas primeiras aulas, fui conhecendo pessoas incríveis. Cada uma trazia uma bagagem: histórias de perda, de dor, de superação. Alguns diziam que não sabiam por onde começar, outros acreditavam que suas vidas não eram interessantes o suficiente para virar um texto.

E então, num desses encontros, conheci a Rô — uma mulher que, logo no primeiro olhar, me transmitiu uma mistura de força e fragilidade. Ela me disse baixinho:

“Eu não sei o que fazer, não entendo muito disso, mas tenho o desejo de contar a minha história. Não sou boa com as palavras.”

Naquele instante, algo em mim se moveu.

Eu não sei explicar o motivo, mas sempre tive essa tendência de me doar, de acolher o outro antes mesmo de entender o que está acontecendo dentro de mim.

Talvez porque eu saiba, na pele, o que é precisar ser ouvida.

E foi assim que comecei a ajudar a Rô.

Sentávamos juntas, trocando palavras, lembranças e lágrimas. Ela me contava pedaços da sua vida, e eu, com cuidado, transformava em frases o que ela mal conseguia dizer. Aos poucos, a história foi nascendo. Entre pausas e suspiros, o texto ganhava corpo, e a Rô começou a acreditar que sim — ela tinha uma história poderosa para contar.

Enquanto a ajudava, algo dentro de mim também se transformava.

Eu percebia o quanto ouvir alguém é uma forma de amor.

Cada palavra que ela encontrava parecia acender uma luz também em mim.

Eu via o quanto o ser humano carrega tesouros escondidos — experiências guardadas, emoções adormecidas, memórias que pedem para ser libertas.

Nos últimos dias do projeto, o livro da Rô estava pronto.

Revisado, bonito, cheio de alma.

Olhei para o texto final e senti um orgulho que não cabia em mim.

Mas, ao mesmo tempo, percebi uma ausência: o meu texto ainda não existia.

Eu havia ajudado outra pessoa a escrever a própria história, e a minha continuava em silêncio.

Foi um momento de confusão e clareza ao mesmo tempo.

Por fora, eu via uma mulher realizada. Por dentro, uma pergunta ecoava

“E a minha história, quando será contada?”

Demorei um pouco para entender que talvez aquele não fosse o momento de escrever sobre mim — mas de me descobrir através do outro.

A jornada que eu acreditava ser sobre “escrever um livro” se revelou uma jornada de escuta, acolhimento e empatia.

O projeto não apenas deu voz à Rô, mas me ensinou a olhar com mais profundidade para o que move as pessoas — e para o que me move também.

Depois da conclusão do projeto, levei comigo muitas conversas.

Alguns participantes diziam:

“Mas eu não tenho nada para contar, minha vida foi normal.”

Outros desabafava:

“A minha história é só de perdas, não quero lembrar disso.”

E eu pensava: Em cada vida, há um tesouro escondido.

Às vezes, o tesouro está na dor. Outras vezes, na superação.

Mas ele sempre está lá — esperando por alguém que o ajude a ser encontrado.

Hoje, quando lembro daquela experiência, sinto gratidão.

A Rô acreditou em si mesma, e eu aprendi o valor de ouvir sem pressa.

Entendi que talvez minha missão seja exatamente essa: ajudar pessoas a darem voz às suas próprias histórias.

Transformar silêncio em palavra, palavra em cura, cura em partilha.

Talvez esse seja o verdadeiro livro que venho escrevendo há tanto tempo — aquele que não está nas prateleiras, mas nas relações, nas escutas, nos encontros.

Um livro feito de vidas que se cruzam, e de corações que se reconhecem na dor e na esperança.

Hoje, finalmente, começo a escrever sobre mim.

Mas não mais sozinha.

Porque aprendi que cada história que escuto também escreve um pedacinho da minha.

Agora, com o coração em paz, sinto o desejo de escrever — não apenas sobre mim, mas sobre tudo o que vivi ao ouvir o outro.

Essa experiência me ensinou que ouvir o outro é um gesto de amor, e que em cada história humana Deus se revela de forma única.

Em cada pessoa há um mundo.

E, às vezes, basta uma escuta amorosa para que esse mundo floresça.

Se essa história falou com você,

venha comigo no Instagram

Outras histórias seguem sendo geradas no ritmo da escuta e no tempo de quem aprende a desacelerar.

Sabrina Rohleder Stertz, mulher cristã, 39 anos, casada e apaixonada pela maternidade. Formada em Administração, com especialização em Marketing e Vendas, é de natureza acelerada e inquieta. Aprender a desacelerar tem sido parte da sua jornada — na calma encontra sensibilidade, atenção e a profundidade necessária para ouvir de verdade. Dedicar-se à escuta e à mediação de conflitos, acreditando que compreender o outro transforma o mundo.

À frente da SD Materiais Gráficos, une propósito e profissionalismo. No bairro Adhemar Garcia, é voz ativa em favor da comunidade, movida pelo amor ao próximo e pela esperança de dias melhores.

Entre cafés e conversas sinceras com mulheres, Sabrina cultiva vínculos, ideias e sonhos. Porque é no amor que tudo ganha sentido, na escuta que o outro encontra abrigo, e no cuidado que a vida volta a florescer.



UMA MÃE ATÍPICA EM BUSCA DE SI MESMA



SIMONE BUDAL

Resiliência, palavra que ouvia, porém não sabia o real significado, durante a elaboração desse livro surgiu um exercício que pedia pra citar algumas características nossas, então tive a ideia de perguntar a uma amiga sobre minha característica, ela disse que sou obstinada e Resiliênte. OXI RESILIENTE?

Bom Resiliência é a arte de se levantar, se reconstruir e seguir em frente, mesmo quando tudo parece impossível.

E então descobri que sou “Resiliênte” ou tive que escolher ser.

Me chamo Simone, tenho 38 anos, casada, mãe de 3 filhos nascida nessa linda cidade. Minha infância foi muito difícil, negligenciada, e hoje sei que a infância é um terreno que pisamos pro resto de nossas vidas.

Em certos períodos da minha vida tive grande dificuldades em construir relacionamentos saudáveis.

Ao longo da adolescência desenvolvi alguns mecanismos de defesa para lidar com traumas e dor emocional e essas mesmas defesas afetaram minha auto estima e de certa forma minha visão do mundo.

Me casei aos dezessete anos com meu marido que na época tinha 16 anos, poisé uma loucura, mais a vida tem disso. Até hoje me lembro daqueles primeiros meses e da reviravolta que tivemos em nossas vidas, o real motivo do casamento do tão famoso “juntar as tralhas” era porque eu estava grávida, e assim começamos nossa jonada. Lembro daquele dia como se fosse ontem quando descobri que ia ser mãe, meu mundo virou de cabeça pra baixo, uma adolescente com planos pra o futuro, mas derepente tudo mudou.

Não foi uma gravidez planejada, porém estamos felizes não tínhamos muitos recursos, quase nada.

Foi uma gravidez conturbada, com algumas desavenças e com 5 meses de gestação tive um sangramento e foi um grande susto, mais graças ao senhor foi só um susto.

Porém, aos 7 meses e meio de gestação o Dudu nasceu com 1 kilo e 700 gramas, um bebê prematuro e com algumas sequelas. Foi um parto às pressas, tão as pressas que meu marido não conseguiu chegar em tempo pra ver seu nascimento. E assim o Dudu chegou a esse mundo . Ficou 28 dias internado na maternidade pra ganhar peso e quando ele já estava estável fomos pra casa, como era meu primeiro filho tudo era normal pra mim, e estávamos muito felizes.

Tentei voltar a estudar por algum tempo, mas não deu muito certo, meu filho chorava muito, pega gripe muito fácil e ficou internado algumas

vezes e com um ano e sete meses veio o primeiro diagnóstico de paralisia cerebral. Nossa foi um choque, meu mundo perdeu a cor.

Minha vida se tornou uma rotina de avaliações, diagnóstico e terapias e assim segui por quatro anos. E então mais um diagnóstico o Autismo, e lá fomos pra uma nova “aventura”. Todo dia era uma corrida contra o tempo, sempre em busca de tratamento, direitos, avaliações de fala, avaliações de linguagem, avaliações de comportamento...Cada especialista tinha uma opinião diferente,cada um com sua própria abordagem. Era como se estivéssemos tentando resolver um quebra- cabeça, tentando encontrar as peças certas pra montar uma imagem perfeita.

Aceitar meu filho com autismo foi um processo. No início, eu queria consertá-lo, queria que ele fosse “normal”, que ele se encaixasse nos padrões da sociedade. Mas, à medida que o tempo passou, eu comecei a entender que isso não era possível. Meu filho é quem ele é, e eu amo ele exatamente como ele é.

Eu tive que aprender a aceitar as coisas que ele não pode fazer, as coisas que o desafiam. Eu tive que aprender a lidar com as crises, com os momentos de frustração. E, ao mesmo tempo, eu tive que aprender a ver o mundo através dos olhos dele, a entender a sua perspectiva.

É incrível como, quando paramos de tentar consertar as pessoas e começamos a aceitá-las como elas são, tudo muda. Meu filho não precisa ser “curado” ou “consertado”, ele precisa ser amado e aceito. Ele precisa saber que é suficiente, que é digno de amor e respeito, exatamente como ele é.

Agora, eu não troco meu filho por nada no mundo. Ele me ensinou a ser paciente, a ser compreensiva, a ser uma pessoa melhor. Ele me mostrou que a deficiência não é uma limitação, é uma parte de quem ele é.

A aceitação não é algo que acontece de uma vez, é um processo diário. Há dias em que eu sinto que estou fazendo tudo errado, em que eu sinto que não estou preparada para lidar com as coisas. Mas, nesses momentos, eu olho para meu filho e eu lembro que ele é quem ele é, e que eu amo ele exatamente como ele é. E isso faz toda a diferença.

Mas em meio a tudo isso, é fácil esquecer de cuidar de nós mesmos. É fácil esquecer que também somos seres humanos, que também temos necessidades e limites. É um desafio constante, mas estamos aprendendo a navegar por essa jornada, juntos, como família.

E nos últimos três anos dessa viagem que se chama vida descobri meu propósito , ajudar outras mães assim como eu.” Mãe Atípica “. Faço

parte do clube de mães da Apae Joinville e em meio a rodas de conversas e artesanatos acendeu em mim uma chama um chamado que eu nem imaginava, e assim estou me tornando Terapeuta. Ainda estou estudando mais gosto de me intitular Terapeuta do auto-conhecimento. Pois quem não se conhece, não acontece. E acredito que sempre precisamos lembrar que nós também precisamos de cuidados e atenção que não somos super-heroínas que somos mães e estamos fazendo o nosso melhor

“Você é a rocha da sua família, a mão que segura, o coração que ama sem condições. É normal sentir-se cansada, sobrecarregada e até mesmo perdida em meio às tempestades que a maternidade atípica traz. Mas lembre-se: você não está sozinha. Você é forte, resiliente e capaz de superar qualquer obstáculo.

Cuide de si mesma, porque quando você está bem, seu filho também está. Você é amada, você é valorizada e você é suficiente, exatamente como você é.”

Agradeço aqui essa oportunidade maravilhosa de poder expressar meu mundo e assim acredito que seja o mundo de muitas mães. Agradeço a Helena que elaborou com muita sabedoria esse projeto, agradeço a minha mãe por sempre me ajudar e o meu marido que sempre me dá ideias brilhantes muito obrigado por tudo.

“O sentido não precisa ser grandioso, só precisa ser verdadeiro”

Dedicatória

As mulheres que desafiam o convencional, que quebram moldes e reinventam a maternidade. As mães atípicas que amam incondicionalmente, que lutam, que resistem e que inspiram. Que sua força e resiliência sejam um farol de esperança e inspiração pra todas. Nossa jornada é única, nossa voz é poderosa, somos as autoras de nossas próprias histórias.

Clube de mães @apaejoinville

Eu sou a Simone, uma mãe atípica de 38 anos, que está em uma jornada de autodesenvolvimento e autoconhecimento. Meu filho, o Eduardo, foi diagnosticado com autismo aos 3 anos, e desde então, eu me dediquei a aprender tudo o que eu podia para ajudá-lo. Mas, no processo, eu me perdi. Eu me tornei uma mãe helicóptero, sempre preocupada com o bem-estar do Dudu, mas esquecendo de mim mesma. Eu me sentia exausta, ansiosa e sem identidade. Foi então que eu decidi buscar ajuda. Eu comecei a fazer terapia e a estudar sobre autoconhecimento e desenvolvimento pessoal. E foi como se uma luz se acendesse.



QUANDO A DOR VIRA MISSÃO



SUELENE CRISTINA DONEL DA SILVA

Tudo parecia estar no lugar... até o dia em que um simples gesto ao fechar a janela mudou para sempre o rumo da minha vida.

Desde cedo, aprendi a sonhar alto, mesmo em meio às limitações, e a transformar cada etapa da vida em oportunidade de crescimento. Na infância, eu era uma menina extrovertida, cheia de vontade de aprender. Mesmo pequena, já sonhava com os estudos e me envolvia em grupos de louvor e teatro, onde expressava minha criatividade e alegria.

Cresci entre afetos e limitações, especialmente no campo dos estudos, que foram interrompidos na adolescência. Também tinha meus momentos de conversa com Deus e escrevia meus sonhos em um diário — era ali que eu me encontrava, mesmo sem entender tudo o que sentia. Mas a vida às vezes nos obriga a crescer. Aos 13 anos, precisei parar de estudar e tive meu primeiro emprego. Eu era apenas uma menina sem estrutura emocional ou orientação para entrar no mercado de trabalho, mas muito dedicada no que fazia.

Muito nova, sonhava em ter um lar. Foi então que conheci meu esposo, que estava iniciando sua caminhada com Jesus. Começamos a namorar e, juntos, decidimos formar uma família. Logo marcamos a data do nosso casamento. Aos 16 anos, vivi intensamente como esposa e mãe. Nos dedicamos ao serviço na igreja e vivemos experiências profundas, orações respondidas — mas hoje entendo: tudo isso aconteceu sem pausas para nos escutarmos.

Com a adolescência dos filhos, chegaram novos desafios. Mas a oração sempre foi o que sustentou e guardou meu lar. Minha prioridade era minha família, sempre trabalhando para ajudar nas despesas e na construção do nosso sonho. Meus filhos são minha maior alegria; considero o maior milagre gerar uma vida dentro de mim, ver eles crescerem e sentir o amor que nos une.

Em 2015, eles me incentivaram a voltar a estudar. Isso foi especial: vi o amor, cuidado e incentivo que tanto depositei neles agora voltando para mim. Dar ouvidos a eles e embarcar nessa jornada foi desafiador, mas foi o primeiro passo para me priorizar em anos. O tempo parecia voar ao passo que vi minha família crescendo: me tornei sogra e avó.

Comecei a tirar um tempo para mim: caminhadas, autocuidado, pequenos gestos de amor próprio. Aos 41 anos, fiz meu currículo e fui em busca do meu sonho de infância: trabalhar em uma clínica. Nesse período, me senti realizada. Decidi então fazer uma graduação em Gestão Hospitalar — um passo que representava não apenas um sonho antigo, mas tam-

bém um novo capítulo da minha história.

Meus filhos crescidos, meu esposo em busca da aposentadoria, os estudos retomados, meu coração cheio de planos. Depois de tantos anos dedicados ao lar e à igreja, eu estava florescendo.

Mas foi justamente nesse momento, quando comecei a viver, que a vida me parou.

A descoberta aconteceu de forma inesperada. Em uma noite comum, ao fechar a janela de casa, precisei aproximar o braço do seio — e foi nesse gesto simples que senti algo diferente: um nódulo.

No dia seguinte, com orientação de profissionais, iniciei a investigação.

Foram dias de muita tensão, especialmente por conta do histórico familiar...

A espera pelo resultado da biópsia foi uma das fases mais desafiadoras. Cada minuto parecia carregar o peso de uma vida inteira.

O diagnóstico veio como um vendaval: câncer de mama triplo negativo bilateral.

Com ele, o silêncio, o medo.

A sensação de que tudo havia desmoronado.

Ao receber o laudo médico e iniciar as consultas, as palavras de acolhimento dos profissionais foram essenciais. Uma delas me marcou profundamente e me deu força para seguir:

“Câncer é uma palavra forte, mas não é uma sentença de morte. Cuida da sua mente para vencer a doença. Porque se sua mente não estiver bem, a doença vai te vencer.”

Essas palavras despertaram algo dentro de mim. Foi como se uma chave tivesse virado.

Então, comecei a viver a minha cura.

Foi nesse momento que comprehendi: nada estava sob meu controle. Esses momentos seriam entre mim e Deus — e isso seria suficiente.

Ao relatar isso ao meu esposo, uma convicção tomou meu coração. Olhei para ele e disse:

“Não vamos reclamar. Agora nós vamos viver o que louvamos.”

E, como um sinal, dois louvores vieram com força à minha memória.

Pela voz dos cantores Marcos e Andréia, da cidade de Joinville,

lembrei no meu íntimo do louvor Aconteça o Que Acontecer, onde diz:

“Aconteça o que acontecer, mas eu te esperarei, Jesus. Se a doença me causar a dor, eu te esperarei.”

Quase que instantaneamente também pensei no cântico Te Louvarei, do Davi Sacer, que diz:

“Não importa as circunstâncias.”

Essas palavras se tornaram meu sustento nos dias e semanas seguintes.

Quando tudo parou, minha rotina foi interrompida para iniciar o tratamento. Foi como se o tempo tivesse desacelerado, me obrigando a olhar para dentro. E, em meio a tudo isso, vivi uma manhã que marcou minha alma: meu primeiro devocional nesse novo tempo.

Ali, em silêncio, com a Bíblia aberta e o coração vulnerável, Deus me fez entender algo que eu nunca havia percebido: esse tempo seria para orar por mim. Pela minha vida. Minhas orações sempre foram pelo meu esposo, pelos meus filhos — e isso era certo, era amor. Mas, naquele momento, Deus me mostrou que meu corpo e minha alma também precisavam ser acolhidos.

Eu precisava me escutar, me abraçar.

Foi o início de uma nova intimidade com Deus. Uma conexão mais profunda, onde Ele me ensinou que a fé também é autocuidado.

Nesse encontro com minha vulnerabilidade, recebi uma frase que se tornou escudo e direção: “**Não esqueça quem você é, e de quem você é.**”

Um lembrete divino de que minha identidade não está na dor, mas na promessa que Deus escreveu sobre mim.

Eu sabia e sentia que não estava sozinha. Ainda que meu corpo reagisse às medicações como uma soldada em guerra sendo bombardeada.

Ao iniciar a quimioterapia, enfrentei semanas de exames e punções. De início, foram quatro sessões intensas de quimioterapia quinzenais. No dia anterior a cada sessão, eu deveria fazer exames de sangue para controle e tomar injeções que manteriam minha imunidade controlada.

Passando as quatro primeiras sessões, um novo ciclo chegou e, com ele, um novo desafio. Vieram as doze sessões semanais e, com elas, a missão de encontrar minha veia. Muitas vezes parecia impossível, mas as enfermeiras, com todo cuidado e carinho, sempre encontravam o caminho.

Tudo mudou em mim — por dentro e por fora.

Eu seguia cuidando da minha alimentação, da minha mente... um desafio diário, principalmente quando a última sessão de quimioterapia

teve que ser cancelada porque minha imunidade estava muito baixa.

Neste dia, eu me deparei em meu espelho: muito inchada pelo efeito das medicações, sem cílios, sem sobrancelha, carequinha... mas, dentro de mim, a fé era a força que me fazia prosseguir.

Enfim, chegou a última quimioterapia.

E que alegria foi! Minha filha decorou o carro com cartões e balões, transformando aquele momento em uma festa de amor. Já no hospital, vivi uma das cenas mais marcantes da minha vida: meu filho Filipe organizou uma surpresa com músicos, que me esperaram na saída e tocaram a canção *Campeão Vencedor*, da cantora Jamily.

Me fez lembrar de todo o cuidado e dedicação que tive com eles. Foi como ouvir Deus sussurrando que eu tinha vencido uma batalha imensa.

Minha família foi abrigo. Cada gesto, cada oração, cada silêncio respeitado me sustentou.

Vibrei ao tocar o sino. Foi um momento de celebração, de vitória, de renascimento.

Após terminar a quimioterapia, decidi fazer algo que nunca havia feito: ver o sol nascer na praia. Um momento só meu com Deus. Ali, olhando para a imensidão do mar e o brilho dourado do sol, senti medo do que ainda viria — as cirurgias, a reconstrução, a radioterapia. Mas, em meio às lágrimas, fui encorajada a seguir.

Naquele mesmo dia, recebi a mensagem de uma paciente oncológica compartilhando sua trajetória e testemunho. Suas palavras me renovaram e me deram esperança.

Então vieram outros desafios. Após a cirurgia bilateral com reconstrução e quinze sessões de radioterapia, enfrentei uma infecção na prótese radiada. Mais uma cirurgia. Me vi com apenas uma mama. E, surpreendentemente, foi nesse espelho que enxerguei a força que me fazia seguir.

Um ano depois, recoloquei a prótese. A cicatrização foi secundária — lenta, profunda, silenciosa. Mais uma lição: a cura não tem pressa. Ela exige paciência, exige entrega. E sim, acontece de dentro para fora.

O ponto de virada foi entender que Deus estava me reposicionando. Desde pequena, carregava um medo profundo do meu pai e, sem perceber, esse medo foi transferido para minha relação com Deus. Por muitos anos, vivi uma religiosidade marcada por medo, perfeccionismo e uma busca constante por pertencimento. Queria agradar, ser aceita, ser suficiente.

Mas esse caminho me afastava da liberdade que o amor de Deus oferece. Foi preciso que tudo saísse do meu controle para que eu finalmente

me encontrasse com a graça. Aprendi a me priorizar, a me escutar, a me amar.

E então, pude viver verdadeiramente o versículo que diz:

“Amarás ao teu próximo como a ti mesmo.” — Mateus 22:39

Mas não apenas isso — a conversar com Deus sem medo, sem amarras, no íntimo e na mais profunda fraqueza.

No meio da tempestade, encontrei abrigo na oração, na leitura da Bíblia e no silêncio diante de Deus. Nesse momento, Filipenses 4:7 se tornou meu sustento:

“A paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o vosso coração e os vossos pensamentos em Cristo Jesus.”

Deus era minha base, mas eu sabia que Ele tinha colocado ferramentas na Terra para nos auxiliar também. Busquei apoio na psicoterapia e na aromaterapia. Aromaterapeuta Maria Teresa Marim uma profissional acolhedora me ensinou a parar e ouvir os sinais do meu corpo — ao exercitar minha respiração, ao fazer pausas para sentir o ar saindo e dar atenção a esses gestos simples que, na correria, não paramos para perceber — que comecei a enxergar o milagre da vida.

Senti o cuidado de Deus na minha vida através de cada profissional que me acolheu. Entre lágrimas e descobertas, onde parecia que sonhar não era mais uma opção, um sonho antigo voltou a pulsar: cuidar de mulheres.

A vontade de estudar Gestão Hospitalar e a experiência pessoal que eu estava passando me direcionaram para um lugar de redescoberta. Com orientação das profissionais, retomei meus estudos e mudei minha graduação para Terapias Integrativas e Complementares.

Uma nova porta se abriu — não apenas para o conhecimento, mas para a missão que Deus estava me revelando.

Em uma madrugada silenciosa, após retirar a prótese esquerda, meu coração acelerou com um desejo: levar acolhimento às pacientes que estavam recebendo quimioterapia.

Imediatamente pensei em uma amiga Elisangela Machado que ministra louvor com seu ukulele. Mal podia esperar para amanhecer e enviar uma mensagem para ela. Para minha surpresa, ela já orava pedindo a Deus uma oportunidade de levar Seu amor através da música fora da igreja.

Assim nasceu uma parceria abençoada: ela com seu louvor, eu com minha história, e ainda o carinho de uma artesã Pricila Lemes que nos presenteou com chaveiros de crochê para entregarmos às pacientes.

Juntas, nos conectamos a um grupo de mulheres no projeto Tudo Passa, em Joinville (SC), formado pela Dani Paulini. Nos conhecemos no meio do processo — aquele lugar onde a dor e a fé se cruzam. E eu sempre digo: foi Jesus quem nos apresentou. Não foi acaso. Foi cuidado.

A nossa história tem pontos tão parecidos que parecia que uma enxergava a outra por dentro. E através do projeto, essa conexão se aprofundou. Viramos apoio, viramos força.

Ali, entre relatos, lágrimas e risadas, comprehendi que quando mulheres se unem com verdade, vulnerabilidade e propósito, o impossível começa a se mover.

Há uma força invisível que nasce da escuta sincera, do abraço silencioso e da fé compartilhada.

Naquele espaço de acolhimento, não éramos apenas histórias — éramos sementes de cura, florescendo juntas, mesmo em meio à dor.

Cada encontro se tornou semente de cura. Cada gesto, uma ponte entre dor e esperança. A dor me ensinou a escutar. A missão nasceu do silêncio.

Foi nesse mesmo silêncio que outras vozes me sustentaram...

Minha mãe me cobriu com suas orações. Me uni às minhas irmãs, compartilhando cada fase do processo. E desde então, nasceu um elo de união que se fortaleceu na dor e floresceu na esperança. Ainda neste período, perdemos uma mana — e vencemos o luto comemorando a vida.

Cada uma com sua força, enfrentando os desafios com coragem e fé.

Foi mais um lembrete de que o amor nos sustenta, mesmo quando tudo parece desabar.

Sigo firme rumo à cura do corpo, da alma e do espírito.

Escrever se tornou parte desse processo. Amo ler. Amo escrever. Amo transformar experiências em pontes — entre dor e esperança, entre silêncio e escuta, entre passado e propósito.

No último semestre da graduação, precisei cumprir horas de extensão e procurei a Rede Feminina de Combate ao Câncer, onde fui acolhida para realizar meu estágio. Ali, sob a orientação de uma aromaterapeuta, acompanhei os atendimentos às pacientes oncológicas, levando não apenas meu conhecimento, mas também a minha história — que agora fazia parte da minha missão, onde cada aprendizado, cada toque, cada escuta passou

a ter sentido.

São etapas que passamos... e para viver uma vida plena, aprendi que é preciso entregar o controle nas mãos do Senhor.

Nossa mente é o campo de batalha — e naquela época, eu precisava de acompanhamento psicológico.

Foi então que, em uma visita da ação do grupo “Tudo Passa”, conheci a psicóloga Dra. Flávia Zanon. Conversamos brevemente, e na semana seguinte, recebi uma mensagem dela que me emocionou: “Quero te presentear com atendimento.”

Aquelas palavras chegaram como cuidado divino.

Desde então, a Dra. Flávia tem me acompanhado com carinho e sabedoria.

A cada sessão, ela me ajudou a enxergar padrões, ciclos que se repetiam, dores que pediam escuta.

Vejo o cuidado de Deus em cada detalhe...

“Teve um momento em que senti nitidamente o cuidado de Deus: uma alteração apareceu no exame de cintilografia...”

Meu coração apertou. A cabeça já começou a imaginar mil coisas. Para investigar melhor, eu precisava fazer um exame que o SUS não cobre — e o valor era alto. Fiquei sem chão por alguns instantes.

Foi então que Deus, com sua delicadeza, usou pessoas incríveis para me lembrar que eu não estava sozinha. Minha amiga Dani Paulini, com aquele jeito acolhedor que só ela tem, disse: — “Vamos resolver isso juntas, você não vai passar por isso sozinha.”

Ela organizou uma ação entre amigos. Em questão de horas, outros corações generosos se juntaram, conseguiram brindes, divulgaram, se mobilizaram... Foi uma onda de amor que me emocionou profundamente.

Em apenas dois dias, o valor do exame estava garantido. E quando o resultado chegou, veio o alívio: a alteração era apenas efeito das medicações do tratamento.

Foi como se Deus tivesse sussurrado:

“Eu cuido de você nos detalhes.”

Com muita leitura da Bíblia e de livros, fui me conhecendo e trabalhando minha mente, sendo transformada através do autoconhecimento.

Em muitos momentos da minha caminhada, eu quis entender, resolver e até controlar tudo. O coração ansioso queria respostas imediatas, e a mente tentava dar conta de situações que, no fundo, pertenciam a Deus. Foi então que comprehendi que o verdadeiro descanso começa quando entrega-

mos o controle nas mãos do Senhor e reconhecemos que não precisamos carregar sozinhos o que só Ele pode conduzir. Essa entrega não é fraqueza, é fé. É confiar que o meu lugar seguro não está nas certezas do mundo, mas na Presença d'Aquele que nunca falha.

Quando aprendi a descansar em Deus, percebi que Ele trabalha de forma silenciosa, mas poderosa. Foi no momento em que parei de lutar com as minhas próprias forças que comecei a ver o agir d'Ele em detalhes que antes me passavam despercebidos. Descansar não é desistir, é confiar. É me permitir respirar fundo e descansar sabendo que, mesmo quando tudo parece parado, o céu continua em movimento a meu favor.

Entregar o controle é abrir mão de saber o tempo e o modo, e escolher confiar no cuidado de Deus. É entender que Ele está no comando das tempestades e também das calmarias. Quando solto as rédeas da ansiedade e coloco tudo diante d'Ele, o peso diminui e o coração se enche de paz. É nesse lugar de rendição que a fé floresce — no silêncio da entrega, onde a alma aprende a esperar e a confiar.

Hoje eu sei que descansar é confiar, e confiar é entregar. É nesse ciclo de amor e dependência que encontro a verdadeira paz. Porque no esconderijo do Altíssimo há abrigo, há renovo e há segurança. E é ali, debaixo das Suas asas, que aprendo todos os dias que não há lugar mais seguro do que estar nas mãos d'Aquele que tudo sustenta.

“Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo e descansa à sombra do Onipotente, diz ao Senhor: Tu és o meu refúgio e a minha fortaleza, o meu Deus, em quem confio.” — Salmos 91:1-2

Sou apaixonada por Jesus, pela escrita e pela vida. Hoje eu entendo: o câncer me parou, mas Deus me reposicionou. Mas isso não é apenas sobre o câncer — é sobre os altos e baixos da vida.

Porque mesmo quando a vida paralisa... Deus nos reposiciona. Porque a cura não é apenas sobreviver — é viver com propósito.

Dedicatória Final

Encerrando este capítulo, expresso minha profunda gratidão a todos que caminharam comigo. Ao meu esposo, companheiro de jornada, por seu carinho constante; aos meus filhos, que me inspiraram a sonhar novamente; à minha família — nora, genro e netos — que foram abrigo nos dias difíceis e celebração nos dias de vitória. À minha mãe e irmãs, por suas orações e presença; aos amigos e à comunidade de fé, por seu acolhimento. À Produtora Cultural Helena Farias e ao Projeto Laboratório de Autores, por me ajudarem a transformar dor em missão. E, acima de tudo, a Deus — que me reposicionou quando a vida me parou. Seu amor me sustentou em cada passo.

“Porque eu bem sei os planos que tenho para vós, diz o Senhor: planos de paz e não de mal, para vos dar um futuro e uma esperança.”
— Jeremias 29:11

Suelene Donel da Silva nasceu em Joinville (SC), cidade onde se fez moradora e construiu sua vida. Mulher de fé, filha amorosa, esposa dedicada, mãe presente, sogra e avó realizada. Carrega em si a força de uma trajetória marcada por afetos, aprendizados e superações. Em sua crônica “Quanto a Dor Vira Missão”, mais do que colocar sua história em palavras, ela também traz uma reflexão sobre o que realmente significam os momentos difíceis da vida. Um texto dedicado a todas as mulheres que foram surpreendidas pela dor, mas encontraram na fé um novo caminho; aos que, mesmo em meio à tempestade, decidiram respirar fundo e continuar; à família, que é mais do que uma rede de apoio — expressão de amor, admiração, cuidado — e são parte da cura; à minha comunidade de fé, que sustenta com orações, louvores e gestos de cuidado nos momentos mais difíceis; aos profissionais da saúde, que atuam como instrumentos de Deus nessa travessia; a todos que possam usar suas próprias cicatrizes como pontes — ligando histórias, acolhendo dores, e lembrando que ninguém precisa atravessar o sofrimento sozinho.



A Arte de VENDER uma Casa: O Segredo é o Preparo

por Tânia Breves



O cartaz de “Vende-se” estava desbotado, quase implorando por atenção. Quatro anos de sol e chuva haviam apagado a cor, mas não a frustração que pairava sobre a pequena casa dos Silva. **Raquel** estava sentada no degrau da varanda, os olhos inchados de tanto chorar, observando o mato que teimava em crescer ao redor da placa.

“Quatro anos, Estevão,” ela murmurou para o marido, que lia o jornal com uma indiferença ensaiada. “Quatro anos de visitas, propostas ridículas e zero solução. Não aguento mais essa casa nos prendendo.”

Estevão, um homem prático e avesso a gastos desnecessários, dobrou o jornal com irritação. “Eu já disse, Raquel! O preço está justo. O mercado é que está parado. E não vou gastar um tostão reformando uma casa que vou vender. Quem comprar, que gaste! O gasto é do novo dono, não meu.”

A mentalidade de Estevão era o maior obstáculo. Ele via a manutenção como um custo a ser evitado, não como um investimento. Mas a verdade era que a casa espelhava o desânimo da família: havia teias de aranha nos cantos, os interruptores estavam encardidos, e um leve cheiro de mofo e desuso pairava na sala.

Em um ato de desespero e fé, Raquel buscou a única pessoa que parecia vender imóveis com a rapidez de um milagre: **Sônia**, dona de casa, decoradora e professora, conhecida por transformar lares.

A visita de Sônia à casa dos Silva foi um confronto. Ela não era corretora, mas uma **“preparadora de lares”**, e sua avaliação era direta.

“A casa tem potencial, Raquel,” Sônia disse, passando a mão na parede com bolhas de umidade perto da janela. “Mas ela está gritando que ninguém a amou nos últimos anos. E as pessoas não compram apenas tijolos; elas compram um sentimento. Ninguém quer herdar um problema.”

Estevão interveio, rispidamente: “Você veio aqui para ajudar a vender, não para dar sermão. Fale o que precisamos gastar, mas seja breve.”

Sônia sorriu suavemente, com a calma de quem tinha a Palavra na ponta da língua. “Estevão, a venda de uma casa é como a nossa vida de fé. Se vocês querem um novo tempo, precisam primeiro **fazer a limpeza e abrir espaço**. Não é sobre gastar dinheiro, é sobre respeito pelo que Deus lhes deu e sobre **preparar o caminho** para o que Ele está enviando.”

A Primeira Etapa: Limpeza e Semeadura

A primeira orientação foi a **Primeira Etapa: Limpeza Total**. Sônia desafiou a família a fazer uma faxina geral, livrando-se de tudo que não usariam na próxima casa.

“Organização é a primeira semente da bênção,” ensinou Sônia. “Coloquem a família para participar. Vocês resolverão dois problemas: preparam a casa para a venda e já organizam a mudança.”

Raquel e Duda (a filha) aceitaram o desafio. Estevão, relutante, acabou sendo arrastado. Em quinze dias de trabalho, a casa estava transformada. Não apenas limpa, mas o ambiente estava leve. O antigo cheiro de mofo foi substituído pelo perfume suíl de **água fervida** com canela e pelo verde das **plantinhas Jiboia e Lírio da Paz** que Sônia as ajudou a distribuir pela sala, cozinha e banheiros.

“Estevão, você viu como o ar mudou?” Raquel perguntou, com os olhos brilhando. “É a energia, mas também o nosso esforço. O corretor virá amanhã.”

A Segunda Etapa: Fé e Reparo

O corretor ficou impressionado com a transformação da casa. Pela primeira vez em quatro anos, ele se entusiasmou. No entanto, ele apontou: “Raquel, o preço de mercado na região está alto, mas as trincas de umidade e a pintura descascada ainda são um fator de medo para o comprador.”

Estevão fechou a cara. A **Segunda Etapa** exigia o temido **gasto**.

“São melhorias simples que fazem toda a diferença,” explicou Sônia na orientação para esta etapa. “Não precisam pintar a casa inteira. Foquem nas trincas, consertem os vazamentos. Transforme essa parede de umidade em uma parede focal com uma cor suave, como verde menta que combina com os seus móveis. As cores suaves trazem acolhimento e paz, e fazem a casa parecer maior.”

Sônia foi enfática: “Deus se importa com os detalhes. E Ele só abençoa o que está nas nossas mãos. O dinheiro que vocês vão investir não é gasto, Estevão. É uma semeadura de fé na promessa de Deus de um novo lar para vocês.”

O Milagre da Venda

Dessa vez, Estevão não reclamou. Ele e Raquel se uniram para corrigir as pequenas imperfeições. Em menos de um mês, a casa estava perfeita, cheirosa e com os pequenos reparos feitos.

A casa foi vendida **três meses** depois da primeira visita de Sônia, por um valor **superior** ao de mercado. O comprador sentiu-se seguro, pois o imóvel estava **pronto para mudar**.

Estevão ligou para Sônia, a voz embargada pela emoção: “Sônia, a casa que nos prendeu por quatro anos foi vendida! O valor cobriu o investimento e ainda temos a folga que precisávamos! Você nos ensinou muito mais do que home staging.”

Sônia sorriu. “Eu apenas repeti o que a Bíblia nos ensina, Estevão. **Preparação.** Ninguém quer comprar algo que precisa ser consertado. Da mesma forma, Deus nos move para o novo tempo quando preparamos o nosso coração e o que Ele nos confiou. O Segredo é o Preparo. E a **fé** é o melhor investimento.”

Tânia Breves (nascida em 1949) une sua marcante veia artística à paixão por transformar ambientes. Autodidata em decoração, ela é professora de entalhe em madeira, Consultora de Feng Shui e Especialista em Home Staging.

Baseada em sua experiência na venda rápida de imóveis, dedica-se a auxiliar pessoas que buscam vender para iniciar novos ciclos de vida. Seu trabalho transcende a estética: ela se compadece do desânimo e atua na mudança de mentalidade, ensinando que o cuidado e a preparação do lar são atos de fé e respeito pelo novo tempo. Para Tânia, um lar preparado e harmonizado é um lar abençoado, pronto para a venda e para a próxima jornada.



O GAROTO DO ÔNIBUS



THYERRY LUIZ GUMS

Parece tão fácil para eles. Aqui na sala de apoio, todos espalhados nas cadeiras de plástico, com o relógio quadrado ticando alto na parede, mas ninguém parece notar. Eles só abrem a boca, contam quem são, por que vieram, despejam as merdas do dia a dia com uma naturalidade irritante. Cada um carrega um peso que, segundo a medicina, seria impossível de suportar sozinho. Então se juntam, falam, tentam dividir a carga.

Mas comigo... comigo essa coisa de abrir a boca sempre parece mais difícil, as frases emperram na garganta. É como se minha própria voz fosse uma navalha subindo pela espinha, cortando vértebra por vértebra, até não restar nada inteiro.

Enquanto isso, os olhos da mediadora permanecem cravados em mim. A sala inteira parece esperar algum sinal de progresso, como se eu tivesse obrigação de mostrar que mudei desde a primeira reunião. Não sei mais no que acreditar. Só sei que preciso ter algo para contar.

Respiro fundo e aperto os dedos na borda da cadeira, tentando me ancorar.

— Bem... como vocês sabem, eu me chamo Marlon, tenho dezenove anos e tô aqui porque... — Um riso frouxo escapa, involuntário.

— Ah, eu tenho uma história pra contar! Então... uma vez eu conheci um garoto que estava sempre “sozinho”... ele andava por aí com um urso de pelúcia idiota no colo!

Um mês antes

Sete e vinte da manhã. Espero o mesmo ônibus de sempre para a faculdade. Chove muito hoje. E lá está ele, sentado no banco da frente — cabelo loiro-escuro, ondulado e meio bagunçado, enroscado no fone enorme. Hoje o garoto usa um moletom largo com a estampa de algum desenho japonês e, claro, segura firme no colo o urso de pelúcia marrom.

Não faço ideia de para onde ele vai, nem por que carrega aquela coisa. Toda quarta-feira, lá está ele, na mesma posição, e eu nunca crio coragem de perguntar nada. Parece ter a minha idade, mas um homem feito já deveria saber se encaixar — quem sou eu pra criticar?

Ele parece existir em outro lugar, inalcançável e, de certa forma, isso me fascina. Talvez tenha alguma deficiência intelectual, mas está sempre sozinho. Não usa nenhuma identificação de autismo, o que torna essa teoria meio absurda.

Mesmo com o barulho da chuva batendo forte nas janelas e o cheiro de diesel no ar, os olhos não desviam. Uma ansiedade aperta o peito, junto com o receio de que o loirinho perceba, mas não consigo parar. É intrigante demais.

Algumas vezes tento chamar a atenção dele de longe, contrariando

toda a convicção de nunca cumprimentar estranhos, mas o sorriso surge rápido demais, como se o mundo tivesse apressado seu olhar. Às vezes é engraçado. Às vezes fofo. Sempre me sinto ridículo por esperar qualquer reação.

No restante do trajeto, tento adivinhar seu nome. Ele tem cara de Gabriel... Ou talvez Matheus? Quem sabe... Carlos Eduardo? Cadu combina com ele!

Depois de tantas quartas-feiras observando de longe, o banco ao lado do garoto do ônibus finalmente está livre.

Caminho de pressa antes que alguém ocupe.

De repente, o ônibus freia. O urso cai no chão e rola pelo corredor lotado, quase escapando entre os pés dos passageiros. Agacho-me rápido e o seguro antes que desapareça.

— Oi — digo, trazendo o ursinho de volta. — Posso sentar?

Os olhos dele se arregalam, o corpo se inclina de leve para trás, mas assente devagar, agarrando o bichinho.

— O dia tá lindo hoje — arrisco, olhando pela janela. — Bom pra pegar uma praia!

— Prefiro frio.

A saliva desce raspando pela garganta. O coração bate rápido, ecoando no silêncio que se arrasta entre nós.

— Bonito, o seu amigo — tento de novo, apontando com o queixo para o urso. — Qual é o nome dele?

— Alec — suspira, desviando o olhar. — Ele me ajuda a respirar aqui dentro...

Respirar? Como assim um bichinho de pelúcia o ajuda a respirar? Passo um tempo processando essa informação. E só então a ficha cai. Uma vez a psicóloga do meu antigo colégio falou sobre isso... Ela havia sugerido algo assim à Rebeca: um apoio emocional.

— Gostei do nome! — dou de ombros.

Ele sorri, aquele sorriso que faz os olhos brilharem e a covinha do lado direito aparecer.

O garoto é doce. Frágil. Quase como um objeto raro, daqueles que parecem trincar ao menor toque. Não entendo como um simples ursinho pode ser um escudo. Mas sei, com absoluta certeza, que há gente idiota o bastante para usar isso contra ele. Como fizeram com a girafinha da Rebeca. Era uma pelúcia linda e compridinha, mas desistiu de usar quando a diretora disse que, se quisesse arrumar um emprego, precisaria “crescer e virar gente”. Nunca mais a vi depois que nos formamos.

— Eu sou o Marlon — digo, estendendo a mão para o Alec, como se ele realmente pudesse apertá-la.

Dias atuais

— Eu chamei ele pra sair, sabe, pra conversar, qualquer dia, em outro lugar — continuo no grupo, encarando o chão. — O garoto sorriu daquele jeitinho fofo dele e disse que sim. Desceu do ônibus. Mas, na quarta seguinte... não estava lá. Nem na outra semana.

— Espera — interrompe a mediadora, surpresa. — Você tá falando do Lucca? Loirinho, cabelo cacheado, olhos azuis, bochechas coradas?

Meu coração dispara. Uma onda de calor sobe fervendo pela cabeça. Todos os olhares se voltam para mim: arregalados, travados, ninguém parece respirar.

— O Lucca vinha aqui toda quarta de manhã — diz ela, meio sem graça, coçando a nuca e olhando para qualquer canto da sala, menos para mim. — Ele tratava a fobia social.

— O que aconteceu com ele? — Meu estômago se contorce. — Por que ele sumiu?

A mulher franze os lábios, me encara por uma fração de segundo e desvia o olhar. O silêncio pesa mais do que qualquer palavra.

O tic-tac do relógio ecoa alto na minha cabeça, preenchendo cada espaço vazio, cada pausa entre minhas respirações.

Agora finalmente entendo por que nunca mais vi Lucca. Às vezes, também não quero encarar a droga que é a vida fora do meu quarto. Não gosto da sensação de vir aqui: fracasso, vergonha, tudo comprimido em cada passo. Mas, ultimamente, eu tinha um motivo, sabe? Porque, às vezes, quando o ônibus freia de repente, meu coração espera ver aquele urso idiota rolando pelo corredor... mas ele nunca aparece.

Só espero que, onde quer que o garoto esteja, tenha finalmente encontrado o ar que tanto precisava para respirar.

Thyerry Luiz Gums, natural de Santa Catarina, é apaixonado por café, gatos e artes visuais. Desde cedo, a criação artística tem sido sua forma de expressão e compreensão do mundo. Em seus textos, mistura drama, segredos e dilemas reais, sempre com uma atmosfera nostálgica e sensível. Essas narrativas exploram emoções profundas e personagens que vivem entre seus sentimentos e seus segredos.

Quando não está escrevendo, Thyerry se dedica à criação de sketchbooks artesanais e outros projetos visuais, sempre em sintonia com sua paixão por estética e memória afetiva.

@thyerrygums



ONDE A COBRA BEBE ÁGUA

Yasmin Oliveira



Diziam que aquela região era mesma mal assombrada. Os encantados e espíritos da floresta não gostavam de humanos e, para eles, não tinha desculpa: todo humano que entrasse ali sairia mundiado! E os encantados faziam questão de deixar o cabra bem lelé da cuca.

O caboclo que saía de madrugada, tudo escuro na mata, tinha que ter sangue frio.

E seu Januário tinha nove bocas para alimentar.

“Não vai pra bera da praia do seu calango, a Boiúna costuma aparecer por lá! ”

“Cuidado com os encantados do Braço do Riozinho do Ipixuna, a mãe D’Agua costuma levar as crianças pro fundo do rio naquela região”!

Mas ele lá tinha condições de ter medinho disso? O estômago não parava de pedir comida. Por causa das assombrações? E as visagens não pagavam suas contas!

A pesca na zona segura de visagem não enchia a rede. O jeito era ir pra bera da praia “mudiada”.

Chegou lá, não deu nem um minuto.

A mata ficou paralisada como se toda a criatura viva tivesse prendido a respiração de medo.

A catraia ficou parada sobre a água como se o rio fosse feito de isopor e pequena embarcação estivesse colada com cola quente na água.

Então uma silhueta branca surge na água, um canto hipnotizante ecoa do rio.

Sabendo do que se tratava, o caboclo remou apressado rio acima, rezando umas cinquenta “ave maria”, trinta “pai nosso”, sem parar, até achar um tapiri abandonado numa prainha. Ficou lá, rezando pra todos os santos que conhecia.

As visagens o seguiram, mas as rezas pareciam formar um escudo mágico nas paredes invisíveis do tapiri.

O caboco ficou ali até o meio dia. Não ia ter peixe, só a sorte de não ter sido levado pro fundo do rio, ou para seja lá onde essas coisas moravam...

.....

“O que eu tenho me basta”. Carlos costumava repetir para si mesmo. Não tinha esposa, não tinha filhos, não tinha família no mundo, homem de poucas palavras. Domingo a segunda folgando uma vez por semana, recusava convites de bebedeiras nos dias de folga, preferia passar o tempo livre lendo um livro, vendo notícias e se inteirando por debaixo dos panos daquilo que o governo escondia.

Na TV, as notícias eram que a economia estava melhor do que nunca.

Pessoas sorrindo na praia, nas ruas das grandes cidades, a impressão era de que todos os brasileiros estavam felizes.

Mas a impressão nunca era o que de fato estava acontecendo.

Médico, professor de medicina na USP, o Ano era 1969.

Época tensa nas universidades brasileiras.

Nas universidades de grandes centros urbanos, as aulas eram acompanhadas por olheiros do governo.

Carlos não escondia sua insatisfação, mas não queria correr o risco de ser mais um dentro da estatística de desaparecimentos dentro da universidade.

O clima era insuportável.

Nada que uma viagem a trabalho, se embrenhando pelas matas e comunidades isoladas da Amazônia não resolvesse.

O clima ali, apesar de simples era mais respirável que a cidade grande.

Pousou na única pista do aeroporto, bem simples, cercada de mata e uma única sala de espera. Onde um apanhado de gente esperava o próximo voo.

A viagem era feita naqueles aviões teco-teco, que a população local chamava carinhosamente de carapanã.

À noite, ficaram em uma pequena pensão, mas o trabalho iria exigir que eles fossem mais longe...

E se embrenhar por dentro das matas.

Tomaram um suco de laranja feito pela dona Ziza, anfitriã do grupo, que Carlos podia jurar que foi o melhor suco de laranja que ele já tomara na vida, mas não antes dos ribeirinhos o alertarem.

“Tem muita visagem na mata, às vezes, elas cercam o caboco e aperreiam ele que deixam o cabra doidin. Se der azar e os guardião da mata querer atazarar vocês, vocês correm pra se proteger no tapiri do seu Januário. É um das viga rosa. Ninguém mora lá não, mas quando seu Januário se escondeu das visage de lá, rezou tanto, mas tanto, que lá assombração não entra, parece que tem proteção do invisive.”

Anotado.

O grupo percorreu o rio, indo de casa em casa, (a vizinhança mais próxima uma da outra ficava a vários de quilômetros de distância.)

Até que foi anoitecendo.

E o último anfitrião falou:

“ É mió vocês irem embora logo, aqui quando dá essa hora todo mundo se tranca em casa, é a hora das visages...”

Carlos não acreditava em visagem..., mas a população local parecia ter muito medo.

O grupo decidiu seguir o conselho.

Mas no caminho, encontraram um ribeirinho perdido e à deriva no rio.

Tentaram convencer o homem a ir com eles, mas ele se recusava a deixar seu humilde barquinho a remo.

Com um par de remos reserva, Carlos se ofereceu para acompanhá-lo até seu tapiri, e assim foi feito.

A equipe de Carlos partiu no bote motorizado.

E ele ficou remando com o ribeirinho, que descobriu se chamar Antônio.

“Diga, seu Carlos, vocês da cidade grande não têm medo de visagens?”

O homem perguntava com um sorriso estranho no rosto.

“Tem coisas mais assustadoras na cidade grande...” respondeu.

“Arre djenga! Não acredito nisso não! Quero ir vê cara a cara esse bicho assustador da cidade grande pra vê se eles assustam mais do que eu!”

Foi quando o rosto do seu Antônio começou a se transformar, sua pupila ficou como pupila de cobra.

Escamas apareceram em seu rosto, e seus dentes viraram presas de serpente.

Carlos, imediatamente, pulou na água, nadou até a margem. Ao chegar, escutou gritos horríveis e risadas que, de alguma forma, ele sabia não serem de nenhum humano ou de animal.

Não sabia dizer a quantas horas estava correndo na mata fechada, nem em que direção ia, mas quanto mais corria, mais perto os gritos e risadas ficavam.

Até que reconheceu ele. O tapiri do seu Januário, as vigas pintadas de rosa, e ausência de resíduos de alguma vida que se abrigava ali o fizeram reconhecer o lugar das lendas dos ribeirinhos.

Se escondeu ali, e como os residentes locais falaram, as visagens ficaram rondando o local sem ultrapassar a barreira invisível.

Mas emitiam cada vez mais gritos ensurdecedores, barulhos de batida na água.

Risadas infantis sinistras, a noite toda, até o amanhecer. Carlos ficou ali, encolhido em um canto, com uma expressão firme, mas sem pavor.

No dia seguinte, a equipe de Carlos estava aflita pelo seu desaparecimento.

Mas os ribeirinhos foram logo dizendo.

“Se ele não tiver no tapiri do seu Januário, não tem mais nada do que fazer, ele foi mundiado e levado pro fundo do rio pelas visagens”.

Resolveram procurar no tal do tapiri do seu Januário.

E lá o encontraram, encolhido, quieto em um canto, resignado, mas não assustado.

“Eu preciso do suco de laranja da dona Ziza”. Foi a primeira coisa que falou.

Contou o que aconteceu, e deixou os estagiários da equipe horrorizados.

“Oh homi, pra um cabra da cidade grande, você parece muito tranquilo depois de ter sido mundiado! ” Disse um ribeirinho.

“Ah isso não foi nada, na cidade grande, tem coisas piores.”

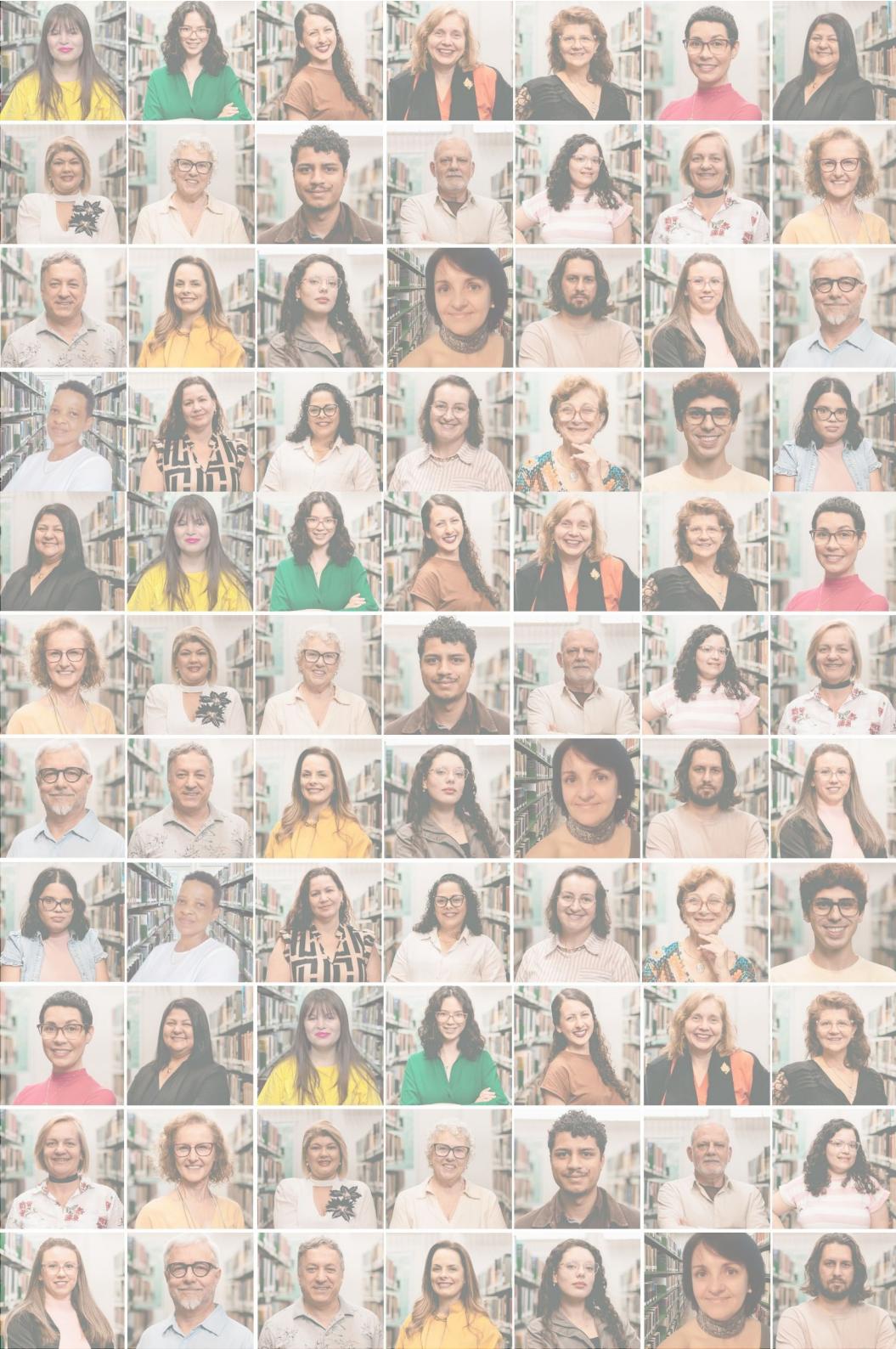
(A linguagem do texto reflete palavras e expressões típicas do povo ribeirinho/amazônico).

Yasmin Sousa de Oliveira, nascida em 29 de agosto de 1997, em Rio Branco, Acre, é uma escritora brasileira que cultiva o amor pelas palavras desde a infância. Desde pequena, descobriu na escrita uma maneira de expressar seus sonhos e criar universos próprios. Autora de O Sangue do Cristal (atualmente indisponível), Yasmin transforma imaginação em narrativa, conduzindo o leitor por histórias de fantasia e Magia.

Atualmente se dedica a fazer conteúdo educativo e literário no YouTube.

Instagram:@historiatipicando







Nossos encontros



Nossos encontros



Formato: 14 x 21 cm

Papel: Pólen 80g (miolo)

Capa: Duo Design 250g (capa)

ISBN 978-65-5132-016-3

Epitaya Propriedade Intelectual Editora Ltda
Rio de Janeiro / RJ | Joinville / SC

Tel: +55 21 98141-1708

contato@epitaya.com.br

<http://www.epitaya.com>

Vinte e oito vozes. Vinte e oito caminhos. Um só propósito: transformar histórias em palavras e palavras em legado.

O Laboratório de Autores de Joinville: Colecionando Histórias – Volume 02 é fruto de um projeto cultural que une escrita, sensibilidade e formação. Idealizado para revelar e fortalecer novos autores joinvilenses, o Laboratório oferece um espaço de aprendizado e partilha onde cada texto nasce do encontro entre vida e imaginação.

Mais do que um conjunto de histórias, esta obra é um retrato da literatura joinvilense contemporânea, viva e plural.

Cada página é um convite para reconhecer-se no outro, para perceber que, em alguma medida, todos somos feitos de histórias — e que escrever é, sempre, um ato de coragem.



@labautoresjoinville



Este projeto recebeu recursos pelo
meio da Lei de Fomento e seu
conteúdo é de responsabilidade
de seus idealizadores

MINISTÉRIO DA
CULTURA



epifaya
Editora

